

GUY DE MAUPASSANT

CONTOS DO DIA E
DA NOITE





Guy de Maupassant

CONTOS DO DIA E DA NOITE

título original | CONTES DU JOUR ET DE LA NUIT

autor | GUY DE MAUPASSANT

tradução | EUGÉNIO VIEIRA

capa | MIMÉTICA

imagem da capa | GUSTAV KLIMT: DER KUSS

paginação | MIMÉTICA

copyright | 2019 © MIMÉTICA PARA A PRESENTE TRADUÇÃO

ESTA EDIÇÃO RESPEITA O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Índice

A DESCOBERTA DO TIO BONIFACE

ROSE

O PAI

A REVELAÇÃO

O COLAR

A FELICIDADE

O VELHO

UM COBARDE

O BÊBADO

UMA «VENDETTA»

Coco

A Mão

O MENDIGO

UM PARRICIDA

O MIÚDO

O PRAZER DA CAÇA

TOMBUCTU

VERDADEIRA HISTÓRIA

ADEUS

RECORDAÇÃO

A CONFISSÃO

A Descoberta do Tio Boniface

Naquele dia, Boniface, o carteiro, logo ao sair da estação do correio, constatou que o seu giro seria menos longo que do costume, e sentiu com isso uma viva alegria. Ele tinha a seu cargo a distribuição pelo campo, em redor do burgo de Vireville, e quando voltava, à noite, com o seu largo passo fatigado, tinha, algumas vezes, mais de quarenta quilómetros nas pernas.

Como a distribuição lhe tomaria pouco tempo, ele poderia até vaguear um pouco pela estrada, e entrar em casa aí pelas três da tarde. Que sorte!

Ele saiu do burgo pelo caminho de Sennemare e principiou a sua tarefa. Era em junho, o mês verde e florido, o verdadeiro mês para as planícies.

O homem, vestido com a sua blusa azul, tendo na cabeça o quépi negro com um galão encarnado, atravessou por estreitos carreiros os campos de colza, de aveia e de trigo, enterrado nessa vegetação até aos ombros; e a sua cabeça, passando ao de cima das espigas, dir-se-ia flutuar num mar calmo e verdejante, que uma brisa ligeira fazia molemente ondular.

Costumava entrar nas herdades, pela estacada posta nos taludes sombreados pelos renques de faias, saudando pelo seu nome o lavrador: «Bom dia, *ti Chicot*», e estendia-lhe a mão com o seu jornal, *Le Petit Normand*. O agricultor limpava a mão aos fundilhos das calças, recebia a

folha e metia-a na algibeira para a ler à vontade, depois da refeição do meio-dia. O cão, alojado num barril, junto a uma macieira inclinada, latia com furor, estirando a corrente que o prendia; e o carteiro, sem se voltar para trás, tomava a marchar no seu passo marcial, alongando as compridas pernas, o braço esquerdo sobre a sacola e o direito manobrando a bengala, que marchava como ele de maneira contínua e rápida.

Distribuiu os impressos e cartas da aldeia de Sennemare, depois retomou o caminho, através dos campos, para levar o correio do professor que morava numa pequena casa isolada, a um quilómetro da povoação.

Era um novo professor, o senhor Chapatis, que chegara ainda havia uma semana, casado de fresco.

Chapatis recebia uma folha parisiense, e por vezes, quando o tempo para isso lhe chegava, o carteiro Boniface dava uma vista de olhos pelo jornal, antes de o entregar ao destinatário.

Como tal, o carteiro abriu a sua sacola, pegou na folha, desdobrou-a e pôs-se a lê-la, ao mesmo tempo que seguia o seu caminho. Como a primeira página o não interessava, e a política lhe era indiferente, ele passava sempre pelas finanças; porém, os casos do dia apaixonavam-no.

Naquele dia, esses casos eram bastantes. Chegou mesmo a comover-se tão vivamente, ao ler a narrativa de um crime cometido na habitação de um couteiro, que parou no meio de uma parcela de trevo, para voltar a ler lentamente. Os detalhes eram horrorosos. Um lenhador, passando de manhã pela porta da casa na floresta vira um pouco de sangue no seu limiar, como se alguém o tivesse deitado do nariz. “O guarda teria caçado nessa noite algum coelho”, pensou; mas, aproximando-se, notou que a porta estava entreaberta e que a fechadura fora quebrada. Então, cheio de medo, correu à aldeia, a prevenir o *maire*, este tomou como reforço o guarda campestre e o professor; e os quatro homens, todos juntos, dirigiram-se ao local do crime. Encontraram o couteiro degolado diante da

chaminé, a mulher do mesmo estrangulada no leito, e a pequenita de ambos, de seis anos de idade, sufocada entre dois colchões.

O carteiro Boniface ficou de tal forma emocionado ao pensar naquele assassinato, cujas circunstâncias horríveis lhe apareciam todas em sucedâneo, que sentiu as pernas fraquejarem-lhe e não pôde furtar-se a dizer muito alto:

— Santo nome de Deus! Sempre há gente muito canalha!

Depois, voltando a meter o jornal na cinta de papel, continuou a marchar, com a cabeça cheia das visões do crime. Não tardou a chegar a casa do senhor Chapatis, abriu a cancela do jardimzinho, e aproximou-se da casa. Era uma construção baixa, não contendo mais do que rés-do-chão, encimada por um teto de águas-furtadas. Estava afastada cerca de quinhentos metros, pelo menos, da casa mais próxima.

O carteiro subiu os dois degraus da entrada, pôs a mão na fechadura, tentou abrir a porta, e constatou que ela estava fechada. Então, notou que as portadas da janela não tinham sido abertas, e que ninguém saíra ainda de casa, àquela hora.

Ficou inquieto, porque o senhor Chapatis, desde a sua chegada, costumava levantar-se sempre cedo. Boniface puxou pelo relógio. Não eram ainda mais de sete horas e dez minutos da manhã. Portanto, ele tinha-se adiantado uma hora. Mas não importava, o professor devia estar a pé.

Então, o nosso homem deu uma volta à casa, andando com precaução, como se temesse qualquer coisa. Não notou nada suspeito, a não ser umas pegadas de homem, numa placa de morangueiros.

Mas de repente, ficou imóvel, tolhido de angústia, ao passar por diante de uma janela. Ouviam-se gemidos. Aproximou-se, e saltando por

cima de uma sebe de tomilho, colocou o ouvido ao anteparo, para escutar melhor; eram gemidos, com certeza. Ele bem ouvia soltarem longos suspiros dolorosos e uma espécie de estertor, um ruído de luta, depois, os gemidos tomavam-se mais fortes, mais repetidos, acentuavam-se mais e mais, transformando-se em gritos.

Então, Boniface, não lhe restando já dúvida de que se estava cometendo um crime, ali mesmo, na casa do professor, partiu tão depressa quanto as pernas lho permitiam, atravessou o jardim, atirou-se pela planície fora, através das terras de sementeira, correndo a bom correr, sacudindo a sacola que lhe batia nos rins, e chegou, extenuado, arquejante, louco, à porta da gendarmaria.

O brigadeiro Malatour estava a consertar uma cadeira quebrada, por meio de sarrafos de madeira e um martelo. O gendarme Rautier segurava entre as pernas o móvel avariado e aplicava um prego na peça que estava a fixar; e o brigadeiro, mascando os bigodes, os olhos redondos e humedecidos de atenção, batia com toda a força o prego que os dedos do seu subordinado seguravam.

O carteiro, mal os viu, exclamou:

— Venham depressa, estão a assassinar o professor, depressa, depressa!

Os dois homens pararam com o seu trabalho, e levantaram ambos as cabeças, duas dessas cabeças cheias de admiração, de pessoas que se veem surpreendidas e incomodadas na sua boa paz.

Boniface, vendo-os mais surpreendidos que apressados, repetiu:

— Depressa, depressa! Os ladrões estão dentro de casa, eu ouvi os gritos, não há tempo a perder.

O brigadeiro, pousando o martelo no chão, perguntou:

— Quem é que lhe deu conhecimento desse facto?

O carteiro respondeu:

— Eu ia levar o jornal e duas cartas, quando notei que a porta estava fechada, e que o professor ainda não se tinha levantado. Dei uma volta à casa para ver o que se passava, e ouvi gemidos como de alguém que estivessem a estrangular ou assim como a quem estivessem a cortar a garganta e, então, corri o mais de pressa que pude para os vir chamar. Não há tempo a perder.

O brigadeiro, levantando-se, perguntou:

— E porque é que não o socorreu pessoalmente?

O carteiro, assustado, respondeu:

— Tive medo que fossem muito mais do que eu.

Então, o gendarme, convencido, anunciou:

— Apenas o tempo de me vestir e segui-lo-ei.

E entrou na gendarmeria, seguido pelo soldado, que levava a cadeira.

Tornaram a aparecer quase no mesmo instante, e puseram-se os três a caminho, em passo ginasticado, para o lugar do crime.

Ao chegarem perto da casa, encurtaram os passos por precaução, e o brigadeiro puxou da pistola, depois, penetraram muito de mansinho no

jardim, aproximando-se aquele da parede. Nenhum novo vestígio indicava que os malfeitores tivessem saído. A porta continuava fechada, as janelas fechadas.

— Apanhámo-los — murmurou o brigadeiro.

O tio Boniface, palpitante de comoção, fê-lo passar para o outro lado e, mostrando-lhe o anteparo:

— É ali — disse.

E o brigadeiro avançou sozinho, e colou o ouvido contra a tábua. Os outros dois esperavam dispostos a tudo, de olhos fitos nele.

Este, ficou por muito tempo imóvel, à escuta. Para melhor aproximar a cabeça do postigo de madeira, tinha tirado o seu chapéu e segurava-o na mão direita.

O que escutaria ele? O seu rosto impassível nada revelava, mas, de repente, o bigode retorceu-se-lhe, as faces enrugaram-se como por efeito de um riso silencioso, e saltando novamente a sebe de buxo, veio juntar-se aos dois homens, que o olhavam estupefactos.

Depois, fez sinal para que o seguissem caminhando em bicos de pés; e, chegando diante da porta, convidou Boniface a meter por debaixo dela o jornal e as cartas.

O carteiro, interdito, obedeceu, mas com docilidade.

— E agora, a caminho — disse o brigadeiro.

Mas, assim que passaram a cancela, voltou-se para o carteiro e, num tom chocarreiro, com boca trocista e olho reluzente de alegria:

— Você sempre me saiu um maroto!

O velho perguntou:

— Porquê? Mas eu ouvi, juro-lhe que ouvi.

Mas o gendarme, não podendo aguentar-se por mais tempo, desatou a rir. Reventava de riso, com as mãos na barriga, dobrado em dois, os olhos cheios de lágrimas, fazendo horríveis caretas, que lhe saíam pelas rugas ao redor do nariz. Os outros dois olhavam-no assustados.

Mas como ele não podia falar, nem deixar de rir, nem dar a saber o que tinha, fez um gesto, um gesto muito popular e brejeiro.

Como continuassem a não o compreender, repetiu aquele gesto, muitas vezes seguidas, designando com um aceno de cabeça a casa, que continuava fechada.

E o soldado, compreendendo de repente, por sua vez desatou às gargalhadas.

O velho permanecia perplexo, entre aqueles dois gendarmes que riam a bandeiras despregadas.

O brigadeiro, por fim, acalmou-se, e dando uma palmada na barriga do velho carteiro, uma grande palmada de homem brincalhão, exclamou:

— Ah! Farsante, grande farsante, nunca mais me há de esquecer o crime descoberto pelo tio Boniface!

O carteiro esbugalhou os olhos e repetiu:

— Juro-lhe que ouvi!

O brigadeiro desatou outra vez a rir. O gendarme sentara-se na relva da vala para rebolar-se à vontade.

— Ah! Ouviste? E a tua mulher, é então assim que tu também a assassinas, ah! Velho farsante!

— A minha mulher?...

E o carteiro pôs-se a refletir longamente, depois disse:

— A minha mulher... Sim, ela grita quando lhe chego a mão... Mas ela grita, de maneira que se sabe o que é. Dar-se-á o caso do senhor Chapatis estava a bater na sua?

Então, o brigadeiro, num delírio de alegria, fê-lo girar como a um boneco, pegando-lhe pelos ombros e soprou-lhe ao ouvido qualquer coisa que deixou o outro bruto de admiração. Depois, o velho murmurou:

— Não... Lá isso não... Lá isso não... Lá isso não... Mas é que não diz mesmo nada, a minha... dir-se-ia uma mártir...

E, confuso, desorientado, envergonhado, ele retomou o seu caminho através dos campos, enquanto o gendarme e o brigadeiro, continuando a rir, lhe lançavam de longe grossas piadas de caserna, vendo afastar-se o quépi negro, por sobre o mar tranquilo do verde das colheitas.

Rose

As duas jovens pareciam enterradas sob um manto de flores. Seguem sós na grande carruagem, carregada de ramalhetes como uma gigantesca cesta de flores. Na banquetta da frente, vão dois pequenos cabazes de cetim branco, cheios de violetas de Nice, e sobre a pele de urso que lhes cobre os joelhos, um monte de rosas, de mimosas de goivos, de margaridas, de tuberosas e de flores de laranjeira atadas com fitilhos de seda, parece esmagar os dois corpos delicados, não deixando sair desse leito deslumbrante e perfumado, mais que as espáduas, os braços e um pouco dos vestidos, um dos quais é azul e outro lilás.

O chicote do cocheiro vai forrado de anêmonas, os tirantes dos cavalos acham-se estofados de rainúnculos, os raios das rodas, vestidos de trepadeiras; e, em vez das lanternas, dois ramalhetes redondos, enormes, dão a ideia de ser os olhos extraordinários daquele grande animal rolante e florido.

A carruagem percorre a largo trote a estrada, a rua de Antibes, precedido, seguido, acompanhado por uma multidão de outras carruagens engrinaldadas, cheias de mulheres, que desaparecem sob uma onda de violetas. É a festa das flores em Canes.

Chegam ao *boulevard* Foncière, onde a batalha de flores se realiza. A todo o comprimento da imensa avenida, uma dupla fila de equipagens engrinaldadas vai e vem, como uma fita sem fim.

De umas para as outras, são atiradas flores. Estas, passam no ar como balas, vão ferir a frescura dos rostos, volteiam no ar e caem na poeira, de onde um exército de garotos as apanha.

Uma multidão compacta, ao longo dos passeios e sustida pelos gendarmes a cavalo, que passam brutalmente e empurram os curiosos com os pés, como para não permitirem aos vilões que se misturem com os ricos, olha para a batalha, ruidosa e tranquila.

Das carruagens, chamam-se, reconhecem-se, metralham-se com rosas. Um carro, cheio de lindas mulheres vestidas de encarnado como diabos, atrai e seduz os olhos.

Um cavalheiro que se parece com os retratos de Henrique IV atira com alegre ardor um enorme ramalhete preso a um elástico. A ameaça da pancada, as mulheres tapam os olhos e os homens baixam a cabeça, mas o projétil, gracioso, rápido e dócil, descreve uma curva e volta às mãos do dono, que novamente o atira a outro novo alvo.

As nossas duas jovens esvaziam às mãos cheias o seu arsenal e recebem uma chuva de raminhos; depois, com perto de uma hora de batalha, já cansadas enfim, ordenam ao cocheiro que siga a estrada do golfo Juan, que o mar prolonga.

O sol desaparece por detrás do Esterel, desenhando a negro, sobre um poente de fogo, a silhueta arrendada da comprida montanha. O mar estende-se calmo, azul claro, até à linha do horizonte, onde se mistura com o céu, e a esquadra, ancorada no meio do golfo, tem o ar de um rebanho de animais monstruosos, imóveis sobre a água, animais apocalípticos, couraçados e corcundas, eriçados de mastros frágeis como plumas, e com os olhos que se acendem quando chega a noite.

As duas jovens, estendidas sob a pesada pele, olham languidamente. Uma delas diz enfim:

— Como há tardes deliciosas, em que tudo nos parece bom! Não é assim, Margot?

A outra responde:

— Sim, é bom. Mas falta sempre qualquer coisa.

— O quê, então? Eu sinto-me completamente feliz. Não sinto falta de nada.

— Sim. Tu não pensas nisso. Qualquer que seja o bem-estar que nos entorpeça o corpo, desejamos sempre alguma coisa mais... para o coração.

E a outra, sorrindo:

— Um pouco de amor?

— Sim.

Calaram-se, olhando em frente; depois, a que se chamava Marguerite, murmurou:

— A vida não me parece suportável sem isso. Tenho necessidade de ser amada nem que seja por um cão.

— Nós somos todas assim, de resto, digas tu o que disseres, Simone.

— Isso é que não, minha querida. Eu gostaria mais de não ser amada por ninguém do que sê-lo por uma pessoa qualquer. Julgas tu que me seria

agradável, por exemplo, o ser amada por... por...

Ela procurava alguém por quem pudesse ser amada, percorrendo com o olhar a vasta paisagem. Os seus olhos, depois de terem dado volta ao horizonte, caíram sobre os dois botões de metal que luziam nas costas do cocheiro, e ela disse rindo: “pelo meu cocheiro”.

Marguerite sorriu furtivamente, e pronunciou em voz baixa:

— Asseguro-te que é muito divertido ser-se amada por um criado. Já me aconteceu isso duas vezes. Eles rebolam sobre nós uns olhos tão patéticos, que é de morrermos a rir. Claro está, que a gente se mostra tanto mais severa quanto mais eles se mostram apaixonados, depois, um belo dia, pomo-los na rua, ao primeiro pretexto que eles deem, porque nos tornaríamos ridículas se alguém soubesse que olhávamos para eles.

Simone escutava, com o olhar fixo em frente, depois disse:

— Não, decididamente, o coração do meu criado não me parece suficiente. Conta-me cá como é que reparaste que eles te amavam.

— Dei por isso, como se dá quando se trata dos outros homens, quando eles se ficam estúpidos.

— Mas os outros não me parecem assim tão estúpidos, quando me amam.

— Idiotas, minha querida, incapazes de conversarem, de compreenderem seja o que for.

— Mas tu, que te interessava o seres amada por um criado? Sentias-te o quê... comovida... lisonjeada?

— Comovida não; lisonjeada, sim, um pouco. Nós ficamos sempre lisonjeadas com o amor de um homem, seja ele qual for.

— Oh! diz lá, Margot.

— Sim, minha querida. Escuta: vou contar-te uma aventura singular que me sucedeu. Verás como é curioso e confuso o que em nós se passa, em tais casos.

Haverá quatro anos, pelo Outono, achava-me sem criada de quarto. Tinha experimentado, uma após outra, cinco ou seis, que eram ineptas, quase desesperava de encontrar uma, quando li nos pequenos anúncios de um jornal, que uma rapariga sabendo coser, bordar, pentear, procurava colocação, e que dava as melhores referências. Além disso, falava inglês.

Escrevi para a direção indicada, e, na manhã seguinte, a pessoa em questão apresentou-se. Muito alta, delgada, um pouco pálida, com um ar triste, e muito tímida. Tinha belos olhos negros, uma pele encantadora, agradou-me desde logo. Perguntei-lhe que referências ela tinha: deu-me uma, em inglês, porque saíra, dizia ela própria, da casa de Lady Rymwel, onde estivera dez anos.

O certificado atestava que ela tinha deixado a casa por sua livre vontade, para vir para França, e que nada havia a dizer do seu comportamento, durante o seu longo tempo de serviço, a não ser um pouco de coqueteria francesa.

A maneira pudica da frase inglesa, chegou mesmo a fazer-me sorrir, e admiti imediatamente aquela criada de quarto.

Entrou para minha casa nesse mesmo dia; chamava-se Rosa.

Ao fim de um mês, eu adorava-a.

Era um verdadeiro achado, uma pérola, um fenómeno.

Sabia pentear com um gosto infinito; compunha as rendas de um chapéu melhor que as mais hábeis modistas, e sabia até fazer vestidos.

Eu estava estupefacta com as suas aptidões. Nunca tinha visto uma criada assim.

Ela vestia-me rapidamente, com uma ligeireza de mãos admirável. Nunca sentia os seus dedos sobre a minha pele, e nada me é mais desagradável que o contacto de uma mão de criada. Não tardei em tomar hábitos de uma preguiça excessiva, tanto me era agradável o deixar-me vestir dos pés à cabeça, e da camisa às luvas, por aquela rapariga alta, tímida, sempre um pouco corada, e que não falava nunca. Ao sair do banho, ela friccionava-me e dava-me massagens, enquanto que eu dormitava sobre o meu divã; e considerava-a, juro-te, mais como uma amiga de condição inferior do que como uma simples criada.

Ora, uma manhã, o meu porteiro pediu num tom misterioso para me falar. Fiquei surpreendida e mandei-o entrar. Era um homem muito sério, que fora soldado, uma antiga ordenança do meu marido.

Parecia constrangido com o que tinha a dizer. Enfim, pronunciou tartamudeando:

— Minha senhora, está lá em baixo o comissário da polícia do bairro.

Eu perguntei, bruscamente:

— O que é que ele quer?

— Quer fazer uma busca ao palacete.

A polícia é útil, decerto, mas eu detesto-a. Acho que não é uma ocupação nobre. Respondi tão irritada como desagradavelmente ofendida.

— Porquê essa busca? A que propósito? Não entrará.

O porteiro voltou.

— Ele diz que cá em casa há um malfeitor escondido.

Desta vez, tive medo, e mandei que deixassem entrar o comissário da polícia, e o trouxessem até mim para pedir-lhe explicações.

O comissário era um homem bem-educado, condecorado com a Legião de Honra. Pediu muitas desculpas por vir incomodar-me, depois afirmou que eu tinha, entre as pessoas que estavam ao meu serviço, um cadastrado!

Senti-me revoltada; respondi-lhe que lhe garantia o comportamento de todos os criados da minha casa e passeios em revista.

— O porteiro, Pierre Gourtin, antigo soldado.

— Não é esse.

— O cocheiro, François Pingau, um lavrador champanhês, filho de um caseiro de meu pai.

— Não é esse.

— Um trintanário, também contratado em Champagne, e também filho de lavradores, que eu conhecia, e mais outro trintanário, esse que acaba de ver.

— Também não é esse.

— Então, meu caro senhor, bem vê que está enganado.

— Perdão, minha senhora, mas estou certo de não ter havido engano da minha parte. Como se trata de um criminoso terrível, queira ter a gentileza de fazer comparecer aqui, diante da senhora e de mim, todas as pessoas que tem em sua casa.

Eu, de início resisti, mas depois cedi, e fiz subir toda a minha gente, homens e mulheres.

O comissário da polícia examinou-os com um olhar, depois declarou:

— Não estão aqui todos.

— Peço perdão, senhor, mas só falta a minha criada de quarto, uma rapariga que o senhor não poderá confundir com um cadastrado.

Ele perguntou:

— Posso também vê-la?

— Certamente.

Toquei a campainha e Rose apareceu imediatamente. Ainda bem ela não tinha entrado e já o comissário fazia um sinal, e dois homens que eu ainda não vira, saíam detrás da porta e se lançavam sobre ela, agarrando-lhe as mãos e ligando-as com cordas.

Soltei um grito de raiva, e quis defendê-la. O comissário deteve-me:

— Esta rapariga, minha senhora, é um homem que se chama Jean Nicolas Lecapet, condenado à morte por assassinato, precedido de violação. Foi-lhe comutada a pena em prisão perpétua. Fugiu há coisa de quatro meses. E desde então que o procuramos.

Eu estava pasmada, aterrada. Não queria acreditar no que ouvia. O comissário disse-me, rindo:

— Só lhe posso dar uma prova. Este homem tem o braço direito tatuado.

Arregaçaram-lhe a manga. Era verdade.

O comissário acrescentou, com uns maus modos:

— Para a outra vez, deverá fiar-se nas nossas constatações.

E levaram a minha criada de quarto!

Muito bem, não sei se acreditarás, mas o que me dominava não era a cólera de ter sido assim ludibriada, enganada, ridicularizada; também não era a vergonha de ter sido vestida, despida, tocada e apalpada por aquele homem... mas uma... humilhação profunda... uma humilhação de mulher. Compreendes?

— Não compreendo muito bem.

— Vejamos... pensa... Ele fora condenado pelo crime de violação, aquele rapaz... pois bem! Eu pensava... naquela que ele tinha violado... e isso... isso humilhava-me... Aí está... Compreendes agora?

Margot não respondeu. Olhava em frente, com um olhar fixo e singular, os dois botões brilhantes da libré do cocheiro, com esse sorriso de esfinge que têm por vezes as mulheres.

O Pai

Como habitasse em Batignoles e fosse empregado do ministério da instrução pública, tomava diariamente o transporte, para dirigir-se à sua repartição. E, cada manhã, viajava até ao centro de Paris, defronte de uma rapariga por quem se apaixonou.

Ela ia para o seu armazém, todos os dias, à mesma hora. Era uma moreninha, dessas morenas cujos olhos são tão negros, que têm o ar de duas manchas, e cuja pele tem reflexos de marfim. Ele via-a sempre aparecer ao canto da mesma rua; e ela largava a correr para apanhar a pesada carruagem.

Corria com um ar apressado, leve e gracioso; e saltava para o estribo, antes que os cavalos houvessem parado. Depois, entrava arfando um pouco, e, depois de se sentar, olhava à sua volta.

A primeira vez que a viu, François Tessier sentiu que aquela cara lhe agradava infinitamente. Por vezes encontramos dessas mulheres que sentimos vontade de apertar loucamente nos braços, assim que as vemos. Ela correspondia, aquela rapariga, aos seus desejos íntimos, às suas secretas esperanças, a essa espécie de ideal de amor que se tem sem o saber, no fundo do coração.

Ele olhava-a obstinadamente, apesar de tudo. Constrangida com aquela contemplação, ela corava. Ele dava por isso, e tentava desviar os

olhos; mas apenas fazia eles voltarem-se logo de seguida para ela, ainda que ele se esforçasse por olhar para outro lado.

Ao fim de alguns dias, conheceram-se, sem se terem falado. Ele cedia-lhe o seu lugar quando a carruagem estava cheia, e subia para o outro piso, muito embora isso o desolasse. Ela agradecia-lhe então com um ligeiro sorriso; e, embora baixasse sempre os olhos quando ele a olhava, por sentir o seu olhar muito intenso, não parecia aborrecer-se com aquela insistente contemplação.

Acabaram por conversar. Estabeleceu-se entre ambos uma espécie de rápida intimidade, uma intimidade de meia-hora por dia. E era aquela, decerto, a mais encantadora meia-hora da vida dele. Ele pensava nela durante todo o tempo, revia-a incessantemente, durante as longas horas que passava na repartição, obcecado, possuído, invadido por essa imagem flutuante e tenaz, que um rosto de mulher amada deixa em nós. Parecia-lhe que a posse completa daquela pequenina pessoa seria para ele uma felicidade louca, quase para além das realizações humanas.

Todas as manhãs ela dava-lhe, agora um aperto de mão, e ele conservava até à noite a recordação daquele contacto, a lembrança na sua carne daqueles pequenos dedos; parecia-lhe que gravara a sua marca sobre a pele.

Ele esperava ansiosamente que passasse o tempo que sem ela fazia aquela curta viagem. E os domingos pareciam-lhe aflitivos.

Ela amava-o também, sem dúvida, porque aceitou, num sábado de Primavera, ir almoçar com ele, a Maisons-Laffitte, no dia seguinte.

Ela foi a primeira a esperá-lo na estação. Ele ficou surpreendido; mas ela disse-lhe:

— Antes de irmos, quero dizer-lhe uma coisa. Temos vinte minutos: ainda nos sobra tempo.

Tremia, apoiada ao braço dele, de olhos baixos e faces pálidas. Continuou:

— Quero que não se iluda a meu respeito. Sou uma rapariga honesta, e só estarei consigo se me prometer, se me jurar que... que não faz nada... que não seja... que não seja... conveniente...

E ficou de repente mais vermelha que uma papoila. Calou-se. Ele não sabia que responder, ao mesmo tempo feliz e desapontado. No fundo do seu coração, preferia fosse assim; e no entanto... deixara-se embalar, aquela noite, por sonhos que lhe tinham posto fogo nas veias. Amá-la-ia muito menos, certamente, se soubesse que ela se conduzia de maneira leviana, mas desse modo seria tão bom, tão delicioso para ele! E todos os cálculos egoístas do homem em matéria de amor lhe invadiam o pensamento.

Como ele não dissesse nada, ela continuou a falar numa voz comovida, com lágrimas aos cantos das pálpebras:

— Se não promete efetivamente respeitar-me, volto já para casa.

Ele apertou-lhe ternamente o braço e respondeu:

— Prometo; só como quiser.

Ela pareceu aliviada e perguntou sorrindo:

— Fala verdade?

— Juro-lhe!

— Então, tiremos os bilhetes — disse ela.

Durante o trajeto nada puderam falar, porque a carruagem ia cheia.

Chegados a Maisons-Laffitte, dirigiram-se para a margem do Sena.

O ar tépido entorpecia a carne e a alma. O sol, dando em cheio no rio e sobre a folhagem e os relvados, lançava mil reflexos de alegria nos corpos e nos espíritos. Eles lá iam de mãos dadas, ao longo da margem, olhando para os pequenos peixes que deslizavam em cardumes na água. Eles lá iam, inundados de satisfação, como que no ar, numa indescritível felicidade.

Ela disse enfim:

— Há de pensar que eu sou doida.

Ele perguntou.

— E porque razão?

Ela respondeu:

— Pois não será uma loucura vir assim, apenas na sua companhia?

— Pelo contrário, acho até muito natural.

— Não! Não! Não é natural, para mim, porque não desejo fazer nada de mal... e é assim que se falha. Mas se soubesse! É tão triste a minha vida! É sempre a mesma coisa, todos os dias do mês, e todos os meses do ano. Vivo completamente só com a minha mãe. E como ela tem muitos

desgostos, está sempre triste. Eu, faço o que posso. Faço esforços para rir, apesar de tudo; mas nem sempre consigo. Em todo o caso, fiz mal em vir. Mas não me quer mal por isso, pois não?

Como única resposta, ele beijou-a intensamente na orelha. Mas ela afastou-se dele, com um movimento brusco; e, subitamente aborrecida:

— Oh! François! Depois do que me prometeu.

E voltaram para Maisons-Laffitte.

Almoçaram no Petit Havre, uma casa térrea, enterrada sob quatro ulmeiros enormes, na margem do rio. O ar livre, o calor, o vinho branco e a perturbação de se sentirem um ao lado do outro, tomava-os envergonhados, oprimidos e silenciosos.

Mas, depois do café, invadiu-os uma brusca alegria e, atravessando o Sena, caminharam ao longo da margem, em direção à aldeia de La Frete.

De repente, ele perguntou:

— Como se chama?

— Louise.

Ele repetiu: Louise... E não disse mais nada.

O rio, descrevendo uma longa curva, ia banhar, ao longe, uma fila de casas brancas que se miravam na água, de cabeça para baixo. A rapariga colheu margaridas, fez um grande ramo floral, e ele, ele cantava a plenos pulmões, possuído pela embriaguez que sente um cavalo novo que acabam de levar ao pasto.

À sua esquerda, uma encosta plantada de vinhas seguia a corrente. Mas François, de repente, parou, e ficando imóvel de admiração:

— Oh! repare — disse ele.

Os vinhedos acabavam ali, e toda a encosta que agora se via, achava-se coberta de lilases em flor. Era um prado violeta, uma espécie de grande tapete estendido sobre a terra, que chegava até à aldeia, lá ao longe, a dois ou três quilómetros.

Ela parou também, estática, comovida. Murmurou:

— Que bonito!

E, atravessando um campo, dirigiram-se, correndo para aquela maravilhosa colina, que fornece, cada ano, todos os lilases que se veem transportados através de Paris, nos carrinhos dos vendedores ambulantes.

Havia um estreito carreiro que se perdia sob os arbustos. Caminharam por ele e, encontrando uma pequena clareira, sentaram-se.

Legiões de moscas sussurravam por cima deles, lançando no ar um zumbido manso e contínuo. E o sol, o forte sol de um dia sem brisa, abatia-se ao longo da encosta florida, fazendo sair daquele bosque de ramalhete um aroma estonteante, um imenso bafo de perfumes, esse suor das flores.

Um sino tocava ao longe.

E, muito docemente, os dois beijaram-se, depois abraçaram-se, estendidos sobre a erva, sem consciência de nada a não ser do seu beijo. Ela cerrara os olhos e abraçava-o, estreitando-o loucamente, sem um único

pensamento, com a razão perdida, entorpecida da cabeça aos pés numa expectativa apaixonada. E dava-se completamente, sem saber o que fazia, sem mesmo compreender que se tinha entregado a ele.

Despertou na precipitação das grandes desgraças, e desatou a chorar, gemendo de dor, com o rosto escondido entre as mãos.

Ele tentava consolá-la. Mas ela queria partir quanto antes, voltar imediatamente para casa. E repetia sem cessar, caminhando a largos passos:

— Ah! Meu Deus! Meu Deus!

Ele dizia-lhe:

— Louise! Louise! Fiquemos, peço-te!

Ela, agora, tinha as faces rubras e os olhos cavados. Logo que se acharam na estação de Paris, ela partiu, sem sequer lhe dizer adeus.

Quando ele voltou a encontrá-la, no dia seguinte, na carruagem, pareceu-lhe mudada, emagrecida. Ela disse-lhe:

— Preciso de lhe falar; desceremos o *boulevard*.

E assim que se acharam sós no passeio:

— É forçoso despedir-me de si — disse ela. — Não posso vê-lo depois do que se passou.

Ele balbuciou:

— Mas porquê?

— Porque não posso. A culpa é minha. Não o voltarei a ver.

Então ele implorou, suplicou, torturado de desejo, tresloucado da necessidade de a possuir por completo, no abandono absoluto das noites de amor.

Ela respondia obstinadamente:

— Não, não posso. Não, não posso.

Mas ele alterava-se, excitava-se cada vez mais. Prometeu casar com ela. Ela ainda lhe disse:

— Não.

Durante oito dias, François não a viu. Não a conseguiu encontrar, e, como não sabia onde ela morava, julgou que a perdera para sempre. No nono dia, à noite, estando em casa, ouviu que tocavam à campainha. Foi abrir. Era ela. Lançou-se-lhe nos braços, e não resistiu.

Durante três meses, foi a sua amante. Depois, ele principiava a aborrecer-se, quando ela lhe noticiou que estava grávida. Então, só uma ideia se lhe meteu na cabeça: romper com ela custasse o que custasse.

Como não o podia fazer, por não ter justificação para isso, não sabendo como chegar a tal solução, doido de inquietação, com medo daquela criança que crescia, tomou uma decisão suprema. Uma noite, mudou de casa e desapareceu.

O golpe foi tão rude que ela nem procurou aquele que assim a havia abandonado. Lançou-se nos braços da sua mãe, confessando-lhe a sua

desgraça; e alguns meses mais tarde, deu à luz um rapaz.

Passaram vários anos. François Tessier envelhecia sem que mudança alguma se fizesse na sua vida. Levava a existência insípida e monótona dos burocratas, sem esperanças e sem aspirações. Levantava-se todos os dias à mesma hora, seguia pelas mesmas ruas, passava pela mesma porta, diante do mesmo porteiro, entrava na mesma repartição, sentava-se na mesma cadeira e desempenhava a mesma tarefa. Estava só no mundo, só, de dia no meio dos seus colegas indiferentes, só, de noite na sua casa de solteirão. Economizava cem francos por mês, para a velhice.

Aos domingos, dava uma volta pelos Campos Elísios, a fim de ver passar a gente elegante, as carruagens e as mulheres bonitas.

E dizia no dia seguinte ao seu colega de secretária:

— O passeio no Bosque, ontem, foi muito agradável.

Ora, um domingo, por acaso, tendo seguido pelas ruas novas, entrou no parque de Monceau. Estava uma límpida manhã de Verão.

As amas e as mães, sentadas ao longo das áleas, vigiavam as crianças que brincavam perto delas.

De repente, François Tessier estremeceu. Passava uma mulher, levando pela mão duas crianças: um rapazinho de cerca de dez anos, e uma menina de quatro. Era ela.

Ele andou ainda uma centena de passos, depois deixou-se cair num banco, sufocado pela comoção. Ela não o reconhecera. Então ele voltou, procurando vê-la mais uma vez. Ela havia-se sentado. O pequeno conservava-se muito quieto, a seu lado, enquanto que a pequenita, brincando com a terra, fingia com ela fazer bolos. Era ela, era bem ela. Tinha um ar sério de senhora, um traje simples e um porte seguro e digno.

Ele olhou-a de longe, não ousando aproximar-se. O pequeno ergueu a cabeça. Francisco Tessier sentiu-se estremecer. Era o seu filho, sem dúvida. Examinou-o, reconhecendo-se como se fosse ele próprio, tal como era, num retrato tirado em criança.

François conservou-se escondido atrás de uma árvore, esperando que ela se fosse embora, para a seguir. Na noite seguinte não pôde dormir. A ideia da criança era sobretudo o que o incomodava. O seu filho! Oh! Se ele pudesse saber, ter a certeza? Mas o que é que ele teria feito?

Como a seguiu de longe até casa, informou-se. Soube que ela casara com um vizinho, um homem honesto, de costumes sérios, que se comovera com a desgraça dela. Aquele homem, sabendo da sua infelicidade, aceitou-a, chegando mesmo a perfilhar a criança, o filho dele, François Tessier.

Ele voltou então ao parque Monceau todos os domingos. Cada domingo ele via-a, e de cada vez um desejo louco, irresistível, o assaltava, o de pegar o seu filho nos braços, de o cobrir de beijos, de o levar, de o roubar.

Sofreu horivelmente no seu isolamento miserável de solteirão sem afeições; sofria uma tortura atroz, dilacerado por uma ternura paternal feita de remorsos, de inveja, de ciúmes, e dessa necessidade de amar os filhos que a natureza pôs nas entranhas dos seres.

Quis enfim fazer uma tentativa desesperada e, aproximando-se dela, um dia, ao entrar ela no parque, disse-lhe, postado no meio do caminho, lívido, com os lábios trémulos de comoção:

— Não me conhece?

Ela levantou os olhos, encarou-o, soltou um grito de espanto, um grito de horror e, pegando pelas mãos das duas crianças, fugiu, arrastando-as atrás de si.

Ele dirigiu-se a casa para chorar.

Vários meses se passaram ainda. Ele não mais a viu. Mas sofria dia e noite, roído, devorado pela sua ternura de pai.

Para poder beijar o seu filho teria dado a vida, teria matado, seria capaz de ter feito todos os trabalhos, corrido todos os perigos, tentado todas as audácias.

Escreveu-lhe. Ela não lhe respondeu. Depois de vinte cartas, compreendeu que não podia esperar que ela se comovesse. Tomou então uma resolução desesperada, dispondo-se a apanhar uma bala no coração se tanto fosse preciso. Dirigiu ao marido dela um bilhete com algumas palavras:

Senhor,

Bem sei que o meu nome deve lhe causar horror. Mas eu sinto-me tão miserável, tão torturado pela angústia, que só no senhor tenho esperança. Venho pedir-lhe somente uma entrevista de dois minutos.

De V. Exa., etc...

No dia seguinte recebeu a resposta:

Senhor,

Espero-o na terça-feira às cinco horas.

Trepando a custo a escada, François Tessier parava de degrau em degrau, tanto era o bater do seu coração. No seu peito havia um ruído precipitado, um como que galope de besta, um ruído surdo e violento. Por fim, já não podia respirar sem esforço, segurando-se ao corrimão para não cair.

Chegado ao terceiro andar, tocou. Uma criada veio abrir.

Ele perguntou:

— O senhor Flamel?

— É aqui, sim, senhor. Faça favor de entrar.

Penetrou numa sala burguesa. Ficou só; esperou, desesperado, como no meio de uma catástrofe.

Abriu-se uma porta e apareceu um homem. Era alto, sério, um tanto cheio, trajando sobrecasaca preta. Apontou uma cadeira com a mão.

François Tessier sentou-se e disse em voz arquejante:

— Senhor... senhor... não sei se conhece o meu nome... não sei se sabe...

O senhor Flamel interrompeu:

— É inútil, senhor, eu sei. Minha mulher falou-me de si.

Ele possuía o tom digno de um homem bondoso que quer ser severo, e uma superioridade burguesa de homem honesto. François Tessier continuou:

— Pois bem, senhor, o meu caso é este: Morro de angústia, de remorso, de vergonha. E queria, uma vez ao menos, uma única vez, beijar... o pequeno...

O senhor Flamel levantou-se, aproximou-se do fogão e carregou no botão da campainha. A criada apareceu. Ele disse:

— Louis que venha cá.

A criada saiu. Eles ficaram frente a frente, mudos, nada mais tendo a dizer um ao outro, esperando.

E, de repente, um rapazinho de dez anos precipitou-se, na sala, e correu ao encontro daquele que tinha como seu pai. Mas parou, confuso, ao ver ali um estranho.

O senhor Flamel beijou-o na testa, depois disse-lhe:

— Agora, vai beijar aquele senhor, meu querido.

E a criança foi, gentilmente, olhando para aquele desconhecido.

François Tessier tinha-se levantado. Deixou cair o chapéu das mãos, sentindo-se também prestes a cair. Contemplava o seu filho.

O senhor Flamel, por delicadeza, tinha-se voltado e olhava, pela janela, para a rua.

A criança esperava, surpreendida. Apanhou o chapéu e entregou-o ao estranho; Então, Francisco, tomando o pequeno nos braços, pôs-se a beijá-lo loucamente por todo o rosto, nos olhos, nas faces, na boca, nos cabelos.

O pequeno, assustado por aquela saraivada de beijos, procurava evitá-los, desviava a cabeça, evitando com as suas mãos pequenas os beijos glutões daquele homem.

Mas François Tessier, bruscamente, pô-lo no chão e gritou:

— Adeus! Adeus!

E fugiu como um ladrão.

A Revelação

O sol do meio-dia caía a jorros pelos campos. Estendiam-se, ondulantes, entre os tufos das árvores das herdades e as diversas colheitas, os centeios maduros e os trigos dourados, as aveias de um verde claro e os trevos de um verde sombrio, alastrando-se num grande manto raiado, movediço e macio sobre o ventre nu da terra.

Lá ao longe, no cume de uma ondulação, há uma interminável linha de vacas alinhadas à maneira de soldados, umas deitadas, outras em pé, que piscam os seus grandes olhos sob a luz ardente, ruminando e pastando num campo de trevo tão vasto como um lago.

E duas mulheres, mãe e filha, vão, num passo cadenciado, uma diante da outra, por um estreito carreiro cavado nas colheitas, em direção ao rebanho de vacas.

Cada uma delas leva duas selhas de zinco afastadas do corpo por um arco de barrica; e o metal, a cada passo que elas dão, solta um reflexo esbranquiçado e deslumbrante sob o sol que o ilumina em cheio.

Não falam. Vão ordenhar as vacas. Chegam perto delas, põem em terra uma das celhas, e aproximando-se dos dois primeiros animais, fazem-nos levantar, dando-lhes uma pancada com o tamanco no lombo. O animal ergue-se, lentamente, primeiro sobre as patas dianteiras, depois levanta a

custo o largo corpanzil, que parece abatido ao peso da enorme teta de carne loira e pendente.

E as duas Malivoire, mãe e filha, de joelhos sob o ventre da vaca, puxam com um ágil movimento de mãos pela teta entumecida, que deita a cada pressão um delgado fio de leite na selha. A espuma um pouco amarelada sobe ao bordo das vasilhas e as duas mulheres lá vão de vaca em vaca até ao fim da comprida fila.

Logo que acabam de ordenhar uma, afastam-na dali, põem-na a pastar num talhão de verdura intacto.

Depois, voltam a partir, mais vagarosamente, sobrecarregadas com o leite, a mãe à frente, a filha atrás.

Mas a filha, bruscamente, pára, poisa no chão seu fardo, senta-se e põe-se a chorar.

A mãe Malivoire, não ouvindo os passos da filha, volta-se e fica estupefacta.

— Que tens tu? — pergunta-lhe.

E a filha, Celeste, uma corpulenta loira de cabelos queimados, de faces tostadas, manchadas de nódoas de sardas como gotas de fogo que tivessem caído sobre o seu rosto num dia em que se penteava ao sol, murmurou gemendo mansamente como fazem as crianças quando se lhes bate:

— Não posso com o leite!

A mãe olhava-a desconfiada. Repetiu

— Que tens tu?

Celeste responde, caída por terra entre as suas duas selhas, escondendo os olhos com o seu avental:

— Pesa-me muito. Não posso.

A mãe pergunta pela terceira vez:

— Que tens tu, então?

E a filha geme:

— Parece-me que estou grávida.

E desata a soluçar.

A velha pousa sua carga no chão, de tal modo interdita que nada encontra que dizer. Enfim, balbucia:

— Es...tás... es...tás grávida, rapariga, é então possível?

Eram ricos lavradores, os Malivoire, pessoas orgulhosas, bem situadas, respeitadas, manhosas e poderosas.

A filha balbuciou:

— Creio bem que sim, afinal.

A mãe, enfurecida, olhava para a filha abatida diante de si e lacrimosa. Ao fim de alguns instantes berrou:

— Estás grávida! Estás grávida! Onde foste então arranjar isso, galdéria?

E a rapariga, completamente sacudida pela emoção, murmurou:

— Creio bem que foi na carruagem do Pólito.

A velha tentava compreender, procurava adivinhar, procurava saber quem poderia ter feito esta maldade à sua filha. Se fosse um rapaz bastante rico e bem-comportado, veria como as coisas se poderiam arranjar. Seria só meio mal; Celeste não era a primeira a quem tal acontecia; mas, em todo o caso, aquilo contrariava-a nos seus propósitos e dada a sua posição.

Continuou:

— E quem é que te fez isso, ordinária?

E a filha, resolvida a confessar tudo, balbuciou:

— Creio bem que foi Pólito.

Então a mãe Malivoire, sufocada pela cólera, atirou-se à filha e pôs-se a bater-lhe com tal frenesim que chegou a perder a touca.

Batia-lhe com grandes socos pela cara, pelas costas, por toda a parte; e Celeste completamente estendida entre as duas celhas, que a protegiam um pouco, limitava-se a esconder rosto com as mãos.

Todas as vacas, surpreendidas, tinham cessado de pastar, e, tendo-se voltado, miravam com os seus grandes olhos. A última, estendendo o focinho para as duas mulheres, principiou a mugir.

Depois de ter batido até perder o fôlego, a mãe Malivoire, exausta, deteve-se; e recuperando um pouco a calma, quis compenetrar-se de toda a situação:

— Hipólito! Se é possível, meu Deus! Como pudeste tu, com um cocheiro de diligência... Com certeza perdeste o juízo. Deve ter sido bruxaria que te fizeram, um Zé Ninguém!

E Celeste, sempre estendida, murmurou na poeira:

— Eu não pagava o carro!

E a velha normanda compreendeu.

Todas as semanas, à quarta e ao sábado, Celeste ia levar à aldeia os produtos da quinta: as aves, a manteiga e os ovos.

Partia logo às sete horas com os seus dois grandes cestos nos braços, os lacticínios num, os frangos e galinhas no outro; e ia esperar na estrada a carruagem de posta de Ivetot.

Punha no chão as suas coisas e sentava-se na vala, enquanto as galinhas de bico curto e pontiagudo e os patos de bico largo e chato, passando a cabeça através do vime, olhavam com o seu olho redondo, estúpido e surpreendido.

A carruagem, uma espécie de caixa amarela fechada por uma coberta de couro negro, não tardava, com a traseira aos solavancos, sacudida por uma pileca branca.

E o Pólito, como abreviadamente chamavam ao cocheiro, um rapagão rubicundo, pançudo já, embora ainda novo, e de tal forma tostado pelo sol, queimado pelo vento e corado pela aguardente, que tinha a face cor de tijolo, bradava de longe fazendo estoirar o chicote:

— Bom dia, menina Celeste. Como vai a saúde?

Ela entregava-lhe, um após outro, os cestos que ele arrumava; depois ela subia ao estribo, que era alto, mostrando uma bela perna vestida numa meia azul.

E de cada vez que o caso se dava, Pólito repetia sempre o mesmo gracejo: “Vamos lá, que não emagreceu!”

Ela ria, achando aquilo divertido.

Depois ele soltava o seu: “Arre, pileca!” que fazia marchar de novo o seu magro cavalo.

Então, Celeste, tirando o seu porta-moedas do fundo da algibeira, tirava lentamente dez *sous*, seis para pagar o seu transporte e quatro para o dos cestos e passava-os ao cocheiro por cima do ombro. Ele pegava-lhes dizendo:

— Então ainda não é hoje a brincadeira?

E ria com alma, voltando-se para ela para a olhar à vontade.

Custava-lhe bastante, a ela, dar de cada vez meio franco por três quilómetros de estrada.

E quando não tinha *sous* ainda sofria mais, custando-lhe a decidir-se a chegar às mãos do cocheiro uma moeda de prata.

E um dia, no momento de pagar, ela perguntou:

— E a uma freguesa certa como eu, não podia cobrar só seis *sous*?

Ele pôs-se a rir:

— Seis *sous*, minha flor... Vale muito mais do que isso.

Ela insistia:

— Eram só menos dois francos por mês.

Ele disse-lhe, ao mesmo tempo que batia no animal:

— Se quer, podemos ficar quites, faço-lhe isso por uma brincadeira.

Ela perguntou com ar manhoso:

— O que é que quer dizer isso de brincadeira?

Ele divertia-se tanto com o caso, que tossiu de tanto rir.

— Uma brincadeira é uma brincadeira, com a breca! É uma brincadeira de rapariga e de rapaz, é um pé-de-dança, mas sem música.

Ela compreendeu, corou e declarou:

— Eu não sou dessas, senhor Pólito.

Mas ele não desistiu, repetia, cada vez mais divertido:

— Lá chegaremos, minha flor, a uma brincadeira entre nós os dois!

E desde então, sempre que ela pagava, ele perguntava-lhe sempre:

— Então ainda não é hoje a brincadeira?

E ela gracejava com aquilo, finalmente, e respondia:

— Hoje não, senhor Pólito, mas no sábado que vem, é pela certa!

E ele dizia-lhe sempre a rir:

— Fica então combinado para sábado, minha flor.

Mas ela dizia lá com os seus botões, que havendo dois anos que aquilo assim durava, tinha já pago os seus quarenta e oito francos que no campo não se acham com um pontapé numa pedra; e calculava também que em mais dois anos pagaria perto de cem francos.

E o caso foi, que um dia, um dia de Primavera em que ambos iam sós, como ele perguntasse segundo o seu costume:

— Então ainda não é hoje a brincadeira?

Ela respondeu:

— Como queira, senhor Pólito.

Ele não ficou nada admirado, saltou por cima do banco de trás, e murmurou com ar satisfeito:

— Vamos lá então, eu bem dizia que cá havíamos de chegar.

E o velho cavalo branco pôs-se a trotar num trote tão suave, que parecia dançar no mesmo lugar, surdo à voz que por vezes lhe gritava do fundo do carro: “Arre, pileca. Vamos, pileca!”

Três meses mais tarde, Celeste deu-se conta de que estava grávida.

Ela tinha dito tudo isto com uma voz lamurienta, à mãe. E a velha, pálida de furor, perguntou:

— E em quanto é que isso ficou?

Celeste respondeu:

— Em quatro meses, são oito francos, certamente.

Então, a raiva da camponesa não teve limites, tornando a cair a fundo sobre a filha bateu-lhe novamente até perder de todo o fôlego. Depois, levantando-se:

— E disseste-lhe que estás grávida?

— Isso não, não disse

— E porque não lho disseste?

— Porque ele me faria pagar o carro, talvez!

E a velha cogitava; depois, pegando nas suas celhas:

— Vamos, levanta-te, e trata de vir para casa.

E depois de um silêncio disse-lhe:

— Já agora é melhor não lhe dizeres nada enquanto ele não der por isso; assim sempre ganharemos uns seis ou oito meses!

E Celeste, levantando-se, continuou a chorar, despenteada e com o rosto inchado, pôs-se em marcha com um andar pesado, murmurando:

— Pois está bem de ver que não lhe direi nada!

O Colar

Era uma destas encantadoras raparigas, nascidas, como por um acaso do destino, numa família modesta. Não tinha dote, não tinha esperanças, nem meio algum de tornar-se conhecida, compreendida, amada, casar com um homem rico e distinto; e consentiu em casar com um amanuense do ministério da Instrução Pública.

Foi simples, uma vez que não podia vestir-se luxuosamente, mas sentia-se infeliz como uma deslocada; porque as mulheres que não têm nem raça nem casta, a sua beleza, a sua graça e o seu encanto servem-lhe de nascimento e de família. A sua natural delicadeza, o seu instinto de elegância, a sua gentileza de espírito, são o seu único nível social e tornam as filhas do povo iguais às grandes damas.

Sofria incessantemente, sentindo que nascera para todas os luxos, e para todas as ostentações. Sofria com a pobreza da sua casa, com as suas paredes vazias, com a escassez dos seus móveis, com a fealdade dos estofos. Todas essas coisas, cuja ausência qualquer outra mulher da sua condição nem mesmo teria notado, a torturavam e indignavam. A vista da pequena bretã que trabalhava na sua humilde casa, despertava nela desoladas amarguras e sonhos desesperados. Ela sonhava com as salas silenciosas, atapetadas com panos orientais, iluminadas por altos tocheiros de bronze e com os dois altos criados de quarto, de jaqueta, que dormem nas largas poltronas, entorpecidos pelo pesado calor do calorífero. Sonhava com os vastos salões revestidos de seda antiga, de móveis de época suportando raros *bibelots* e com pequenas salas garridas,

perfumadas, feitas para a conversação da hora do chá com os amigos mais íntimos, os homens conhecidos e disputados de que todas as mulheres cobiçam e desejam as atenções.

Quando se sentava para jantar, diante da mesa redonda, coberta por uma modesta toalha, em frente do seu marido que destapava a terrina declarando com ar encantado: “Ah! que belo cozido! Não há nada melhor do que isto...” ela cismava em jantares elegantes, em baixelas de prata reluzentes, nas tapeçarias que povoavam as paredes de personagens antigas e de aves estranhas e raras no meio de uma floresta mágica; ela sonhava com manjares refinados, servidos em baixelas maravilhosas, com os elogios cochichados e escutados com um sorriso de esfinge, enquanto se deliciavam com a polpa rósea de uma truta ou as asas de uma ave exótica e delicada.

Ela não tinha vestidos, não tinha joias, nada. E ela não amava senão essas coisas; sentia que tinha nascido para elas. Tinha tanto desejo de agradar, de ser invejada, de ser seduzida e disputada...

Tinha uma amiga rica, uma antiga camarada de convento que nunca ia visitar, de tanto se sentir sofrer ao voltar a sua casa. E chorava durante dias inteiros, de pura mágoa e amargura, de desespero e angústia.

Ora, uma noite, o seu marido entrou com ar glorioso, tendo na mão um largo sobrescrito.

— Aqui tens — disse-lhe —, é uma coisa para ti.

Ela rasgou apressadamente o papel e tirou de dentro um cartão que continha estas palavras:

O ministro da Instrução Pública e a senhora Georges Ramponneau pedem ao Senhor e Senhora Loisel a honra de virem passar o serão à sua residência, na próxima segunda-feira, 18 de janeiro.

Em vez de ficar maravilhada, como esperava o marido, ela atirou com despeito o convite para cima da mesa, murmurando:

— Para que quero eu isto?

— Mas, minha querida, eu pensava que ficarias satisfeita. Como nunca saís de casa, era uma boa ocasião esta, mesmo boa! Tive a maior dificuldade em obter o convite. Toda a gente deseja tais convites; são muito procurados e não são dados aos funcionários. Terás ocasião de ver todo o mundo oficial.

Ela olhou-o irritada, e declarou com grande impaciência:

— Mas que queres tu que eu vista para lá ir?

Ele não tinha pensado nisso; balbuciou:

— Mas o vestido que levas ao teatro, parece-me muito bom, pelo menos a mim...

E calou-se, estupefacto, quase louco, ao ver que a esposa chorava. Duas grossas lágrimas desciam lentamente dos cantos dos seus olhos para os cantos da boca; ele balbuciava:

— Que tens tu? Que tens tu?

Mas, num esforço violento, ela dominara o seu desgosto e respondeu em voz calma, enxugando as faces húmidas:

— Nada. Não tenho *toilette* e por isso não posso ir a essa festa. Dá o teu convite a qualquer colega teu que tenha a mulher melhor ataviada do que eu.

E ele estava desolado, disse-lhe:

— Vejamos, Mathilde. Quanto é que poderá custar *isso*, uma *toilette* decente, que possa servir não só para esta, mas para outras ocasiões, qualquer coisa bastante simples?

Ela refletiu alguns segundos, fazendo as contas e pensando ao mesmo tempo na soma que poderia pedir sem provocar uma recusa imediata e uma exclamação assustada de amanuense remediado.

Enfim, respondeu hesitante:

— À justa, à justa, não sei, mas parece-me que quatrocentos francos talvez pudessem chegar.

Ele empalideceu um pouco, porque era justamente a soma que reservava para comprar uma espingarda e para tomar parte nalgumas partidas de caça, no Verão seguinte, nas planícies de Nanterre, com alguns amigos que iam atirar às cotovias, por aqueles sítios, aos domingos.

No entanto disse:

— Seja. Dou-te os quatrocentos francos. Mas trata de fazer um belo vestido.

O dia da festa aproximou-se, e a senhora Loisel parecia triste, inquieta, ansiosa. Todavia, o vestido estava pronto. O seu marido disse-lhe uma noite:

— Que tens tu? Vejamos, há uns três dias que andas tão pensativa.

Ela respondeu:

— Ando aborrecida por não ter uma joia, nem sequer uma pedra, nada que possa ter sobre mim. Tenho, apesar do vestido, um ar de miséria. Gostava mais de não ir a essa receção.

E ele respondeu:

— Leva flores naturais. É a moda desta estação. Com dez francos podes ter duas ou três rosas magníficas.

Ela não se convenceu.

— Não... não há nada mais humilhante que ter um ar pobre entre mulheres ricas.

Mas o marido exclamou:

— Também, não sabes nada! Porque não vais a casa da tua amiga, a senhora Forestier e não lhe pedes emprestadas as joias dela? Parece-me que tens com ela a confiança suficiente para *fazeres* isso.

Ela soltou um grito de alegria.

— É verdade. Não tinha pensado nisso.

No dia seguinte, a senhora Loisel dirigiu-se a casa de sua amiga e contou-lhe a sua mágoa.

A senhora Forestier dirigiu-se ao seu armário de espelho, pegou num largo cofre, trouxe-o, abriu-o, e disse à sua amiga:

— Escolhe, minha querida.

Ela viu em primeiro lugar os braceletes, depois um colar de pérolas, depois uma cruz veneziana, em ouro e pedrarias, de um admirável trabalho. Experimentou essas joias diante do espelho, hesitou, não podendo decidir-se a deixá-los, a entregá-los.

E continuou a perguntar:

— Não tens mais?

— Tenho, sim. Escolhe. Mas é que eu não sei o que te possa agradar.

De repente, ela descobriu, numa caixa de cetim preto, um soberbo colar de diamantes; e o seu coração pôs-se a bater num desejo imoderado. Pô-lo ao pescoço, sobre o seu corpo de vestido, e ficou em êxtase diante dela própria.

Depois, perguntou, hesitante, e cheia de angústia:

— Não poderias emprestar-me isto, apenas isto?

— Mas, porque não?

Ela saltou ao pescoço da amiga, beijou-a com entusiasmo, depois fugiu com o seu tesouro.

Chegou o dia da receção. A senhora Loisel fez um sucesso. Era a mais bonita de todas, elegante, graciosa, sorridente e louca de alegria. Todos os homens a miravam, perguntavam o seu nome procurando ser-lhe apresentados. Todos queriam valsar com ela.

O próprio ministro reparou nela.

Ela dançava com embriaguez, com arrebatamento, estonteada pelo prazer, não pensando em mais nada, a não ser no triunfo da sua beleza, na glória do sucesso, numa espécie de nuvem de felicidade feita de todas aquelas atenções, de todas aquelas admirações, de todos aqueles desejos despertados, daquela vitória tão grata e tão completa para o coração das mulheres.

Partiu, pelas quatro horas da manhã. Seu marido tinha dormido, desde a meia-noite, numa saleta deserta, com três outros cavalheiros cujas mulheres se divertiam imenso.

Deitou sobre os ombros da esposa os abafos que lhe tinha levado para a saída, modestos trajos de vida ordinária, cuja pobreza brigava com a elegância da *toilette* de baile. Ela sentiu isso e quis fugir deles para não ser notada pelas outras mulheres que traziam ricas peles.

Loisel deteve-a:

— Espera um pouco. Vais-te constipar. Vou buscar um trem.

Mas ela não o escutava e descia rapidamente a escada. Quando chegaram à rua, não acharam carruagem, e puseram-se a procurá-la, gritando pelos cocheiros que viam passar ao longe.

Desciam para as bandas do Sena, desesperados, tremendo de frio. Finalmente encontraram no cais um desses velhos *coupés* noctívagos que não são vistos em Paris senão quando chega a noite, como se se envergonhassem da sua miséria para aparecerem durante o dia.

Foi esse o que os conduziu até à porta, na rua dos Mártires, e subiram tristemente para casa. Acabara-se tudo, para ela. E ele pensava que tinha de estar no ministério às dez horas.

Ela despiu as vestes em que tinha envoltos os ombros a fim de se ver mais uma vez em toda a sua glória. Mas, de repente, soltou um grito. Não tinha o colar ao redor do pescoço!

Seu marido já meio despido, perguntou:

— Que tens?

Ela voltou-se para ele, assustada:

— Tenho... tenho... falta-me o colar!

Ele levantou se como louco:

— O quê!... Como!... Isso não é possível!

E puseram-se a procurar nas pregas do vestido, nas rugas do manto, nas algibeiras, por toda a parte. Não acharam nada.

Ele perguntou:

— Tens a certeza de que ainda o tinhas quando saíste do baile?

— Sim, dei por ele ainda no vestíbulo do Ministério.

— Mas, se o tivesses perdido na rua tê-lo-íamos ouvido cair. Deve mas é estar no fiacre.

— Sim. É provável. Anotaste o número?

— Não. E tu, não o decoraste?

— Não.

Contemplaram-se aterrados. Loisel voltou a vestir-se.

— Vou — disse ele —, fazer o caminho que demos a pé, para ver se o encontro.

E saiu. Ela permaneceu na sua *toilette*, sem coragem para se deitar, abatida sobre uma cadeira, sem energia, sem pensamentos.

O seu marido entrou pelas sete horas. Não tinha achado nada.

Dirigiu-se à Prefeitura da polícia, aos jornais, prometendo alvissaras, às companhias de carruagens baratas, a todo o lado, enfim, onde uma réstia de esperança o pudesse conduzir.

Ela esperou todo o dia, no mesmo estado de pavor perante tão tremendo desastre.

Loisel voltou à noite, com o rosto cavado, pálido; nada tinha descoberto.

— É preciso — disse-lhe — escrever à tua amiga dizendo-lhe que quebraste o fecho do colar e que o mandaste reparar. Isso dar-nos-á tempo de o continuar a procurar.

Ela escreveu sob ditado do marido.

Ao fim de uma semana, tinham perdido toda a esperança. E Loisel, que durante esse tempo envelhecera cinco anos, declarou:

— É preciso tratar de substituir aquela joia.

No dia seguinte, pegaram no estojo que contivera o colar e dirigiram-se a casa do joalheiro, cujo nome se achava no interior da caixa. Ele consultou os livros:

— Não fui eu, minha senhora, que vendi esta joia, devo ter fornecido só a caixa.

Então eles foram de joalheiro em joalheiro, procurando um adereço igual ao outro, consultando as suas recordações, ambos doentes de pura angústia e desgosto.

Encontraram, numa loja do Palais Royal, um rosário de diamantes que lhes pareceu perfeitamente igual àquele que procuravam. Tinha o preço de quarenta mil francos. Venderiam por trinta e seis mil.

Pediram ao joalheiro que não o vendesse pelo prazo de três dias, sob a condição de que o devolveriam por trinta e quatro mil francos, se o primeiro fosse encontrado antes de fins de fevereiro

Loisel possuía dezoito mil francos que herdara do seu pai. Pediria emprestado o resto.

Pediu emprestados mil francos a um, quinhentos a outro, cinco luíses aqui, três luíses acolá. Assinou letras, assumiu responsabilidades ruinosas, envolveu-se com os agiotas, com toda a espécie de usurários.

Comprometeu-se para o resto dos seus dias, arriscou a sua assinatura sem mesmo ver se dos seus contratos poderia sair com honra, e horrorizado com as angústias do futuro, com a negra miséria que sobre si ia desabar, com a perspectiva de todas as privações físicas e de todas as torturas morais, foi buscar o novo colar, depositando sobre o balcão do joalheiro os trinta e seis mil francos.

Quando a senhora Loisel devolveu o colar à senhora Forestier, esta disse-lhe, com ar irritado:

— Bem podias ter-mo trazido mais cedo, porque eu podia precisar dele.

Ela não abriu o estojo, como a sua amiga temia. Se desse pela substituição o que pensaria? Que diria? Não a tomaria por uma ladra?

A senhora Loisel conheceu então a vida horrível das pessoas necessitadas. Tomou o seu partido, encarando a vida de frente, heroicamente. Era preciso pagar aquela espantosa dívida. Pagá-la-ia. Despediu a criada; mudaram de casa, e alugaram uma mansarda.

Ela conheceu os pesados trabalhos caseiros, as odiosas tarefas de cozinha. Lavou a loiça gastando as suas unhas rosadas nas tigelas gordurosas e no fundo das caçarolas. Ensaboava a roupa que punha a enxugar numa corda; todas as manhãs ia pôr à porta o balde do lixo, e descia a vir buscar a água, detendo-se em cada degrau, a fim de respirar. E, vestida como uma mulher do povo, ia ao lugar da hortalça, à mercearia, ao talho, de cabaz no braço, regateando e sendo injuriada, defendendo sou a sou o seu miserável dinheiro.

Todos os meses era preciso pagar umas letras, renovar outras, obter reformas.

O marido trabalhava, agora, também, nos fins de tarde, fazendo a contabilidade de um comerciante, e à noite, muitas vezes, fazia cópias a cinco *sous* a página. E esta vida durou dez anos.

Ao fim dos dez anos, tinham pago tudo, tudo, com as taxas da usura, e com a sobreposição de empréstimos acumulados.

A senhora Loisel parecia então uma velha. Tornara-se a mulher forte, dura e rude das famílias pobres. Mal penteada, com as saias de través e as mãos avermelhadas, falava alto, e esfregava a valer o soalho. Mas, por vezes, quando o marido se encontrava na repartição, ela sentava-se à janela e pensava naquela festa de outrora, naquele baile onde fora tão festejada.

Que seria àquela hora feito dela se não tivesse perdido o colar? Quem sabe? Quem sabe? Como a vida é singular e caprichosa! Como bem pouco basta para nos perder ou nos salvar!

Ora, um domingo, como ela fosse dar uma volta pelos Campos Elísios para se distrair dos cuidados da semana, viu de repente uma mulher que passeava com um pequenito. Era a senhora Forestier, parecendo conservar a sua juventude, ostentando ainda a inalterável beleza cheia de sedução.

A senhora Loisel sentiu-se comovida. Devia falar-lhe? Sim, decerto. E agora que tudo havia pago, contar-lhe-ia tudo. Porque não?

Aproximou-se.

— Bons dias, Jeanne.

A outra, não a reconhecendo, mostrou-se admirada de ser tratada tão familiarmente por aquela mulher. Balbuciou:

— Mas... minha senhora... Não sei... Mas deve haver engano.

— Não há. Eu sou a Mathilde Loisel.

A amiga soltou um grito:

— Oh!... minha pobre Mathilde, como estás mudada!...

— Sim, tenho passado dias bastante amargos, desde que deixámos de nos ver; muitas misérias... e tudo por causa de ti...

— Por causa de mim... Como assim?

— Recordas-te do colar de diamantes que me emprestaste para ir à festa do Ministério?

— Sim. E então?

— E então, eu perdi-o.

— Como? Pois se tu mo entregaste!

— Entreguei-te outro igual. E há dez anos que eu e meu marido o andamos a pagar. Bem deves entender que o caso foi para nós bastante duro, pois não tínhamos nada... Enfim, acabou-se, tudo está pago, e sinto-me brutalmente contente.

A senhora Forestier prestou toda a atenção.

— Dizes que compraste um colar de diamantes para pôr no lugar do meu?

— Sim. E tu não deste por isso, hem? Parece-me que eram bem iguais.

E a senhora Loisel sorria com orgulhosa e ingénua alegria.

A senhora Forestier, muito comovida, tomou-lhe as duas mãos.

— Oh! minha pobre Mathilde! Mas o meu colar era de diamantes falsos. Valia pouco mais de quinhentos francos!...

A Felicidade

Era à hora do chá, antes das luzes se acenderem. A casa dominava o mar; o sol, que desaparecera, deixara após si o céu todo de cor-de-rosa incendiado a ouro; e o Mediterrâneo, sem uma ruga, sem um arrepio, liso, luzente ainda por efeito do sol moribundo, parecia uma placa de metal polido e de um tamanho desmesurado.

Ao longe, para a direita, as montanhas rendilhadas desenhavam-se com o seu perfil negro sobre a púrpura desmaiada do poente.

Falava-se do amor, discutia-se esse velho tema, rediziam-se coisas já reditas muitas vezes. A melancolia calma do crepúsculo amaciava as palavras, fazia flutuar a ternura nas almas, e esta palavra: «amor» que sem cessar subia a lume na conversa era pronunciada ora por uma voz forte de homem, ora por uma voz de mulher de timbre delicado, parecendo encher a pequena sala, voltear como uma ave e pairar como um espírito.

Poder-se-á amar muitos anos sem cansaço?

— Sim — pretendiam uns.

— Não — afirmavam outros.

Distinguiam-se os casos, estabeleciam-se confrontos, citavam-se exemplos; e todos, homens e mulheres, cheios de perturbadoras recordações que surgiam, que não podiam citar e que lhes subiam aos lábios, pareciam comovidos, falando dessa coisa banal e soberana, o

acordo terno e misterioso de dois seres com uma emoção profunda e um interesse ardente.

Mas de repente alguém, tendo os olhos fitos ao longe, exclamou:

— Oh! Veem lá ao longe, o que é aquilo?

Sobre o mar, ao fundo no horizonte, surgia uma massa escura, enorme e confusa.

As mulheres tinham-se levantado e olhavam sem compreender que coisa surpreendente era aquela que nunca até então tinham visto.

Alguém disse:

— É a Córsega! Vê-se assim duas ou três vezes no ano, em certas condições atmosféricas excepcionais, quando o ar de uma limpidez perfeita não a oculta nessas brumas de vapor de água que velam sempre as distâncias.

Distinguiam vagamente as cristas, julgavam reconhecer a neve dos cumes. E toda a gente ficava surpreendida, perturbada, quase assustada por aquela brusca aparição de um mundo, aquele fantasma saindo do mar. Talvez tivessem tido essas visões estranhas aqueles que partiram, como Colombo através dos oceanos inexplorados.

Então, um sujeito já idoso, que até então estivera calado, disse:

— Ora aí têm! Conheci aquela ilha, que se ergue à nossa frente, como se ela mesma quisesse responder ao que há pouco dizíamos e recordar-me uma singular lembrança; conheci um exemplo admirável de um amor constante, de um amor inverosimilmente feliz. Foi o seguinte:

»Fiz, já lá vão cinco anos, uma viagem à Córsega. Essa ilha selvagem é mais desconhecida de nós e está para nós mais distante que a América, muito embora seja algumas vezes avistada das costas de França, como hoje sucede.

»Imagine-se um mundo ainda caótico, uma tempestade de montanhas que separam ravinas estreitas, por onde rolam torrentes; nem uma planície, mas imensas vagas de granito e gigantescas ondulações de terra, cobertas de mato ou de altas florestas de castanheiros e pinheiros. É um solo virgem, inculto, deserto, muito embora por vezes se aperceba uma aldeia que mais parece uma pilha de rochas no cume de um monte. Nada de cultura, nenhuma indústria, nenhuma arte. Não se encontra ali um pedaço de pau trabalhado, um pedaço de pedra esculpida, nunca ali se viu a recordação infantil ou requintada dos antepassados pelas coisas graciosas e belas. É isso mesmo o que mais salta aos olhos naquela soberba e áspera região: a indiferença hereditária por essa procura das formas sedutoras que se chama a arte.

»A Itália, onde cada palácio, cheio de obras-primas, é em si mesmo também uma obra-prima, onde o mármore, a madeira, o bronze, o ferro, os metais e as pedras atestam o génio do homem, onde os mais pequenos objetos antigos que se arrastam nas velhas moradas revelam esse divino cuidado da graça, é para todos nós a pátria sagrada que amamos porque nos mostra a prova, o esforço, a grandeza, o poder e o triunfo da inteligência criadora.

»E, em face dela, a Córsega selvagem, ficou tal como nos seus primeiros dias. O homem vive ali na sua casa grosseira, indiferente a tudo o que não diga respeito à sua existência, até mesmo as questões de família. E conserva os defeitos e as qualidades das raças incultas, violento, odioso, sanguinário, com inconsciência, mas também hospitaleiro, generoso, devotado, ingénuo, abrindo a sua porta a quem passa e dando a sua amizade fiel em troca da mínima demonstração de simpatia.

»Havia um mês que eu errava através daquela magnífica ilha com a sensação de que me achava no fim do mundo. Ali não há estalagens, nem tabernas, nem estradas. Chega-se por veredas de cabras àquelas aldeias que se agarram ao flanco das montanhas, que dominam os abismos tortuosos de onde se ouve subir, à noite, o ruído contínuo, a voz surda e profunda da torrente. Bate-se à porta das casas. Pede-se pousada por uma noite e comida até à manhã seguinte. E sentam-se os que pedem à humilde mesa, e dormem sob o humilde teto; e na manhã seguinte aperta-se a mão que nos estende o hóspede que nos conduziu até ao fim da aldeia.

»Ora, uma noite, depois de dez horas de marcha, cheguei a uma pequena casa completamente isolada no fundo de um estreito vale que ia lançar-se no mar uma légua mais longe. Os dois declives abruptos da montanha, cobertos de *maquis*, um mato especial da Córsega, de rochas esboroadas e de grandes árvores, fechavam como duas sombrias muralhas aquela ravina lamentavelmente triste.

»Em redor da cabana, alguns vinhedos, um pequeno jardim, e mais distante, alguns castanheiros grandes, algo com que viver enfim, uma fortuna para o possuidor se atendermos à pobreza da região.

»A mulher que me recebeu era velha, severa e limpa, por exceção. O dono da casa, sentado numa cadeira de palha, levantou-se para me saudar, depois voltou a sentar-se sem dizer palavra. A sua companheira disse-me:

»— Desculpe-o, está surdo. Tem já oitenta e dois anos.

»Ela falava o francês de França. Fiquei surpreendido.

»— A senhora não é corsa?

»Ela respondeu:

»— Não; nós somos continentais. Mas há já cinquenta anos que habitamos aqui.

»Uma sensação de angústia e de medo invadiu-me ao pensar naqueles cinquenta anos passados num buraco sombrio, tão longe das cidades onde vivem os homens. Um velho pastor entrou, e pusemo-nos a comer o único prato do jantar, uma sopa de caldo grosso em que haviam cozido conjuntamente batatas, toucinho e couves.

»Quando a curta refeição terminou, eu ia sentar-me diante da porta, com o coração apertado pela melancolia daquela enfadonha paisagem, empolgado por essa mágoa que assalta muitas vezes os viajantes em certas tardes tristes e em certos lugares desolados. Parece-nos então que tudo está prestes a acabar, a existência, o universo. Percebe-se bruscamente a horrorosa miséria da vida, o isolamento de todos, o nada de todas as coisas, e a negra solidão do coração que se embala e se engana a si próprio com sonhos até à morte.

»A velha chegou-se a mim e, torturada por essa curiosidade que vive sempre no fundo das almas, ainda as mais resignadas:

»— Com que então o senhor vem de França? — perguntou.

»— Sim, senhora, viajo para me distrair.

»— É de Paris, naturalmente?

»— Não, sou de Nancy.

»Pareceu-me que uma comoção extraordinária a agitava. Como é que eu vi ou antes o pressenti, é o que não sei dizer.

»Ela repetiu em voz pausada:

»— É então de Nancy?

»O homem apareceu à porta, impassível como são os surdos.

»Ela respondeu:

»— Não faz mal. Ele não ouve.

»Depois, ao fim de alguns segundos:

»— Então deve conhecer muita gente em Nancy?

»— Decerto, quase toda a gente.

»— Conhece a família de Sainte-Allaize?

»— Se conheço! Como as minhas mãos: eram amigos de meu pai.

»— Como se chama o senhor?

»Disse-lhe o meu nome. Ela olhou para mim fixamente, depois disse com essa voz baixa que despertam as recordações:

»— Sim, sim, bem me lembro. E os Brisemare, que é feito deles?

»— Morreram já todos.

»— Ah! E... os Sirmont, conhece-os?

»— Sim, o último é general.

»Então ela disse, fremente de comoção, de angústia, e não sei de que sentimento confuso, poderoso e sagrado, de não sei que necessidade de confessar, de dizer tudo, de falar daquelas coisas que até ali tivera guardadas no fundo do coração, e daquelas pessoas cujos nomes lhe alvoroçavam a alma:

»— Sim, Henri Sirmont. Bem sei. É meu irmão.

»E eu levantei os olhos para ela, cheio de surpresa. E de repente lembrei-me.

»Tratava-se de algo que fizera outrora um grande escândalo na nobre Lorena. Uma jovem, bela e rica, Suzanne de Sirmont, fora raptada por um sargento de hussardos de um regimento que o seu pai comandava.

»Era um bonito rapaz, filho de lavradores, mas vestindo bem o seu dólman azul, o soldado que seduzira a filha do seu coronel. Ela vira-o, notara-o, amara-o, ao ver desfilar os esquadrões, sem dúvida. Mas como lhe falara ela, como tinham podido ver-se, falarem-se? Como ousara ela fazer-lhe compreender que o amava? Isso foi o que nunca se soube.

»Nada sobre eles se soubera, nada se pressentira. Uma noite, como o soldado tivesse já acabado de cumprir o seu serviço, desapareceu com ela. Procuraram-nos, não os encontraram. Nunca mais tiveram notícias deles e consideravam-na já como morta.

»E eu encontrava-a assim naquele sinistro vale.

»Então disse por minha vez:

»— Sim, bem me lembro. É a menina Suzanne.

»Ela fez que «sim» com a cabeça. As lágrimas caíram-lhe dos olhos. Então, mostrando-me com um olhar o velho, imóvel no limiar do casebre, ela disse-me:

»— É ele.

»E eu compreendi que ela o continuava a amar, que o via ainda com os seus olhos seduzidos.

»Perguntei:

»— Tem ao menos sido feliz com ele?

»Ela respondeu, com uma voz que lhe vinha do coração:

»— Oh! sim, felicíssima. Ele fez-me inteiramente feliz. De nada tenho que me arrepender.

»Eu contemplei-a com tristeza, surpreendido, maravilhado com a força daquele amor! Aquela rapariga rica seguira aquele homem pobre, aquele camponês. Ela própria tornara-se uma camponesa. Ela tinha-se resignado àquela vida sem encantos, sem luxo, sem delicadezas de nenhuma espécie, tinha-se acomodado àqueles hábitos simples. E amava-o ainda.

»Tornara-se uma mulher rústica, usando touca campesina e saia de estamenha. Comia num prato de barro, sobre uma mesa de pau grosseira, sentada numa cadeira de tábuas, uma sopa de caldo de couves e batatas com toucinho. Dormia sobre uma enxerga a seu lado.

»Nunca mais pensara em nada a não ser nele!

»Não lamentava nem os adornos, nem os vestidos, nem as elegâncias, nem as fofas cadeiras, nem a tepidez perfumada dos quartos forrados a tapeçaria, nem a doçura dos colchões de penas onde se mergulha o corpo para repousar. De nada mais precisara que não fosse ele; contanto que ele ali estivesse, ela nada mais queria.

»Abandonara a vida, completamente jovem, abandonara o mundo e os que a tinham criado, amado. E viera, só com ele, para aquele vale selvagem. E ele fora tudo para ela, tudo quanto se deseja, tudo quanto se sonha e sem cessar se espera, tudo o que infinitamente se almeja. Ele enchera-lhe de ventura a existência, de um a outro extremo.

»Ela própria dizia que não poderia ser mais feliz.

»Durante toda a noite, eu, escutando a respiração rouca do velho soldado estendido no seu catre, ao lado daquela que o seguira para tão longe, pensava naquela estranha e simples aventura tão completa, feita de tão pouca coisa. E parti quando o sol nasceu, depois de ter apertado a mão aos dois velhos esposos.

O sujeito que contara a história calou-se. Uma das mulheres disse:

— Não importa. Ela tinha um ideal muito vulgar, necessidades muito primitivas e exigências muito simples. Devia ser estúpida, com certeza.

Uma outra disse lentamente:

— Que importa! Foi feliz.

E lá ao longe, ao fundo no horizonte, a Córsega enterrava-se na noite, entrava lentamente no mar, apagava a sua grande sombra que aparecera como para vir contar a história dos dois humildes amantes que em sua orla abrigava.

O Velho

Um tépido sol de Outono caía no pátio da herdade por cima das grandes faias que marginavam as valas. Sob a relva, no pasto das vacas, a terra impregnada de chuva recente, achava-se encharcada, e nela se enterravam os pés com o ruído da água; e as macieiras, carregadas com o seu fruto, semeavam as suas maçãs de um verde pálido no verde carregado da erva.

Quatro bezerras pastavam, presas em linha, e mugiam de vez em quando para a casa da herdade; as aves de capoeira punham um movimento colorido sobre a estrumeira, defronte do estábulo, e esgaravataavam, remexiam, cacarejavam, enquanto que os dois galos cantavam sem cessar, procuravam vermes para as suas galinhas, pelas quais chamavam com um cacarejo apressado.

A cancela de madeira abriu-se; entrou um homem que teria talvez os seus quarenta anos, mas que parecia ter sessenta, enrugado, curvado, marchando a grandes passos vagarosos, pesados, com uns grosseiros tamancos cheios de palha. Os seus braços muito compridos pendiam-lhe aos lados do corpo. Quando se aproximou da herdade, um cão rafeiro amarelo, preso ao pé de uma enorme pereira, ao lado de um barril que lhe servia de casota, abanou a cauda, depois pôs-se a latir em sinal de alegria. O homem gritou-lhe:

— Está calado, Finório!

O cão calou-se.

Uma mulher saiu entretanto da casa. O seu corpo largo e ossudo desenhava-se sob uma camisola de lã que lhe apertava o corpo. Uma saia parda, muito curta, dava-lhe pelo meio das pernas calçadas com meias azuis, e trazia também tamancos forrados de palha. Uma touca outrora branca e que se tornara amarela, cobria-lhe alguns cabelos colados à cabeça, e o seu rosto trigueiro, magro, feio, desdentado, mostrava essa fisionomia selvagem que têm muitas vezes o rosto das camponesas.

O homem perguntou:

— Como vai ele?

A mulher respondeu:

— O senhor cura diz que está nas últimas, que não passará desta noite.

Entraram ambos em casa. Depois de terem atravessado a cozinha, penetraram no quarto, que era baixo, escuro, iluminado apenas por uma claraboia, diante da qual pendia um farrapo. Os grossos barrotes do teto, queimados pelo tempo, enegrecidos de fumo, atravessavam o compartimento de um lado ao outro, suportando o delgado forro do sótão, onde corriam, de dia e de noite, rebanhos de ratos.

O chão da casa era de terra amassada, húmido, parecia engordurado, e no fundo do compartimento apercebia-se o leito que formava vagamente uma mancha branca. Um ruído, regular, rouco, uma respiração dura, arquejante, sibilante, como que um gorgolejar de água desses que faz uma bomba quebrada, partia do quarto denegrido onde agonizava um velho, o pai da camponesa.

O homem e a mulher aproximaram-se e olharam o moribundo, com o seu olhar plácido e resignado.

O genro disse:

— Desta vez é que é certo: não passará desta noite.

A caseira respondeu:

— Desde o meio-dia que ele respira assim.

Depois calaram-se. O pai tinha os olhos fechados, o rosto cor de terra tão seco que parecia talhado em madeira. A boca entreaberta deixava-lhe passar um sopro marulhante e duro; e o lençol de pano pardo elevava-se sobre o seu peito a cada aspiração.

O genro, depois de um longo silêncio, disse:

— Deixa-lo acabar. Não lhe podemos fazer nada. Em todo o caso não deixa de fazer diferença para a horta, uma vez que o tempo está bom e que tenho que plantar amanhã.

A mulher pareceu inquietar-se com aquele pensamento.

Refletiu alguns instantes, depois declarou:

— Uma vez que ele está a acabar, não será enterrado antes de sábado; terás tempo amanhã para a horta.

O lavrador meditou e disse:

— Pois sim, mas amanhã é preciso ir convidar para o enterro, e preciso de umas boas cinco ou seis horas para ir de Tourville a Manetot a casa de toda a gente.

A mulher, depois de ter refletido por dois ou três minutos, disse:

— E amanhã, só lá para as três horas é que poderás principiar o giro, e só à noite poderás estar de volta de Tourville. É melhor ires hoje. Podes muito bem dizer que ele já acabou, uma vez que ele não passará desta noite ou pelo menos da manhã até ao meio-dia.

O homem ficou alguns instantes perplexo, pensando as consequências e vantagens da ideia. Por fim declarou:

— Não faz mal, irei hoje.

Ia já a sair; voltou, e, depois de hesitar:

— Uma vez que não tens hoje que fazer, vai buscar as maçãs para cozer, e depois faz quatro dúzias de bolos de fruta para os convidados que vierem ao funeral, visto que é preciso a gente confortar-se. Acende o lume com a lenha que está no telheiro do lagar. Ela já está seca.

E o homem saiu do quarto, entrou na cozinha, abriu o armário, tirou um pão de seis arráteis, cortou com todo o cuidado uma fatia, recolheu na palma da mão as migalhas que tinham caído sobre a mesita e atirou-as para a boca para nada desperdiçar. Depois levantou com a faca um pouco de manteiga de um pote de barro escuro, barrou com ela a fatia e pôs-se a comê-la lentamente, como lentamente fazia tudo.

Atravessou o pátio, acalmou o cão, que voltava a latir, saiu pelo caminho que acompanhava o fosso e afastou-se na direção de Tourville.

Ficando só, a mulher meteu mãos à obra. Destapou a arca da farinha e preparou a massa para os bolos. Amassou-a durante muito tempo, dobrando-a, e desdobrando-a, meneando-a, esmagando-a, cortando-a. Depois fez uma grande bola de um branco amarelado, que deixou ao canto da mesa.

Então foi buscar as maçãs e para não maltratar a árvore com a vara, colocou-se em cima de um banco e subiu para ela. Escolheu os frutos com cuidado para não apanhar senão os que estavam bem maduros e recolheu-os no avental.

Uma voz chamou-a do caminho:

— Olá senhora Chicot!

Ela voltou-se. Era um vizinho, o sr. Osime Favet, o *maire*, que ia estrumar as suas terras, sentado, com as pernas pendentes, sobre o carro de estrume.

Ela voltou-se, e respondeu:

— Em que o posso eu servir, ó sr. Osime?

— O pai, como vai ele hoje?

Ela gritou-lhe:

— Está quase a dar o último suspiro. O enterro é sábado, logo às sete horas, por causa da horta, que não pode esperar.

O vizinho replicou:

— Bem entendendo. Haja saúde! Passem bem.

Ela respondeu àquela delicadeza:

— Obrigado, igualmente.

Depois continuou a colher as maçãs.

Logo que entrou em casa, foi ver o pai, esperando encontrá-lo morto. Mas logo à porta distinguiu o estertor sussurrante e monótono, e, julgando inútil aproximar-se da cama, para não perder tempo, começou a preparar os bolos. Envolvia os frutos, um a um, numa delgada folha de massa, e ia-os alinhando na borda da mesa.

Quando fez quarenta e oito bolos, enfileirados às dúzias uma diante da outra, pensou em preparar a ceia e pôs ao lume a panela, para cozer as batatas, porque achava que era inútil acender o forno, naquele mesmo dia, tendo ainda toda a manhã seguinte para terminar os preparativos.

O seu homem entrou por volta das cinco horas.

Logo que transpôs a porta, perguntou:

— Já acabou?

Ela respondeu:

— Ainda não, continua a gorgolejar.

Foram ver. O velho estava absolutamente no mesmo estado. A sua respiração rouca, regular como um movimento de relógio, não tinha nem

aumentado nem diminuído. Aquilo vinha-lhe de segundo em segundo, variando um pouco de tom, conforme o ar entrava ou saía do peito.

O genro olhou-o, depois disse:

— Acabará quando menos nisso pensarmos, como uma vela que se apaga.

Voltaram a entrar na cozinha e, sem falar, começaram a cear. Quando acabaram a sopa, comeram ainda uma fatia de pão com manteiga, depois, lavada a louça, entraram no quarto do agonizante.

A mulher, tendo na mão uma pequena candeia de torcida fumarenta, passou-a diante do rosto do pai. Se ele não tivesse respirado, tê-lo-iam certamente julgado morto.

A cama dos dois camponeses estava oculta no outro extremo do quarto, numa espécie de alcova. Deitaram-se sem faiar, apagaram a luz, fecharam os olhos; e, dentro em pouco, dois roncos, desiguais, um mais profundo, o outro mais agudo, acompanharam o estertor do moribundo.

No sótão corriam os ratos.

O marido acordou logo às primeiras claridades do dia. O sogro vivia ainda. Sacudiu a mulher, inquieto com aquela resistência do velho.

— Ouve cá, mulher, ele parece que não quer acabar. Que farás tu nesse caso?

Ele sabia que a mulher era de bom conselho.

Ela respondeu:

— Com certeza que não chegará até de dia. Nada temos a recear. Por certo que o *maire* não se oporá a que ele seja enterrado logo de manhã, uma vez que já fizeram o mesmo ao tio Renard, o pai, que morreu mesmo pelas sementeiras.

O homem ficou convencido com a evidência do raciocínio, e partiu para o campo.

A mulher meteu no forno os bolos, depois fez todo o serviço da casa.

Ao meio-dia o velho ainda não falecera.

As pessoas contratadas para o plantio da horta vieram em grupo ver o ancião que tanto tardava em acabar. Cada um disse a sua palavra e partiram para as terras.

Às seis horas, quando regressavam, o pai respirava ainda. O genro, por fim, assustou-se.

— Que farás tu, agora, ó mulher?

Ela não sabia como resolver o caso. Foram procurar o *maire*. Ele prometeu que fecharia os olhos a que o enterro fosse na manhã seguinte. O oficial de saúde, a quem foram falar, comprometeu-se também, em atenção ao tio Chicot, a antedatar a certidão de óbito. O homem e a mulher entraram em casa descansados. Deitaram-se e dormiram como na véspera, misturando as respirações sonoras à respiração mais fraca do velho.

Quanto acordaram, o velho não tinha ainda morrido.

Então ficaram aterrorizados. Detiveram-se em pé, à cabeceira do pai, olhando-o com desconfiança, como se ele lhes houvesse querido pregar

uma partida, enganá-los, como se os quisesse contrariar por gosto, e o que não lhe perdoavam, sobretudo, era o tempo que ele lhes fazia perder.

O genro perguntou:

— Que iremos nós fazer?

A mulher não sabia que dizer; respondeu:

— Mas que contrariedade!

Não podiam prevenir todos os convidados, que deviam estar a chegar. Resolveram esperá-los, para explicarem o caso. Pelas sete horas menos dez, apareceram os primeiros. As mulheres de preto, a cabeça coberta por um grande véu, chegavam com ar triste. Os homens, constrangidos nas suas roupas de pano avançavam mais decididos, dois a dois.

O tio Chicot e a sua mulher, azafamados, receberam-nos em desolação; e ambos de repente e no mesmo momento, abeirando-se do primeiro grupo, puseram-se a chorar. Explicavam a aventura, contavam do seu embaraço, ofereciam cadeiras, agitavam-se, pediam desculpa, queriam provar que no seu caso toda a gente faria como eles, falavam infinitamente, tomando-se bruscamente conversadores, de modo que ninguém lhes respondesse.

Iam de um a outro convidado:

— Quem acreditaria nisto; parece incrível que ele dure tanto!

Os convidados estavam interditos, um pouco desapontados, como pessoas a quem falha uma cerimónia esperada, não sabiam que fazer, ficavam-se sentados uns, outros de pé. Alguns quiseram ir-se embora. O tio Chicot deteve-os.

— Vamos petiscar alguma coisa, já agora. Fizemos os bolos de fruta; é preciso aproveitá-los.

Os rostos desanuviaram-se àquela ideia. Puseram-se a conversar em voz baixa. O pátio enchia-se pouco a pouco. Os primeiros convidados davam a nova aos que chegavam em último lugar. Cochichavam, e a ideia dos bolos alegrava toda a gente

As mulheres entravam para ver o moribundo. Benziam-se junto do leito, balbuciavam uma oração e saíam. Os homens, menos ávidos daquele espetáculo, lançavam uma olhadela pela janela que então se achava aberta.

A senhora Chicot explicava a agonia:

— Há já dois dias que está naquele estado, nem mais nem menos, nem mais alto nem mais baixo. Parece uma bomba quando tem falta de água.

Quando todos viram o agonizante, pensaram na refeição; mas, como eram muito numerosos para abancar na cozinha, saíram para o ar livre, instalando a mesa diante da porta. As quatro dúzias de bolos, dourados, apetitosos, dispostos em dois grandes pratos, atraíam os olhares. Cada qual dos presentes estendia o braço para tirar o seu, com medo de que não chegassem para todos. Mas ainda sobraram quatro.

O Tio Chicot disse com a boca cheia:

— Se nos visse aqui a comer, o pai sentiria pena. Ele gostava tanto deles em vida.

Um lavrador gordo e jovial declarou:

— Não mais os comerá, não. Cada qual no seu lugar.

Esta reflexão, longe de entristecer os convidados, pareceu alegrá-los. Era agora a sua vez, de comerem os bolos que o velho não comeria.

A senhora Chicot, desolada com a despesa, andava num corrúpio de casa para o celeiro, a buscar a cidra. Os canjirões vazavam-se um após outro para se voltarem a encher. Riam, falavam alto, começavam a gritar animadamente, como sucede nas refeições.

De repente, uma velha mulher que ficara junto ao moribundo, retida por um medo ávido daquela coisa que dentro em pouco também lhe chegaria a ela própria, apareceu à janela e gritou numa voz esganiçada:

— Acabou! Acabou!

Todos se calaram. As mulheres levantaram-se apressadamente para irem ver.

Morrera, com efeito. Cessara o estertor. Os homens olhavam-se, sentindo-se, pouco à vontade. Não tinham acabado de comer os bolos. Escolhera mal o momento de acabar, o velhaco.

Os Chicot, agora, já não choravam. Acabara-se, estavam descansados. Repetiam:

— Nós bem dizíamos que não podia durar muito. Se ao menos ele se tivesse decidido a noite passada, não teria causado tanto transtorno.

Não importava, acabara. Enterrar-se-ia na segunda-feira, e voltariam a comer os bolos de fruta nessa ocasião.

Os convidados foram-se, falando do caso, satisfeitos, no entanto, por terem assistido àquilo e por terem petiscado. E quando o homem e a

mulher ficaram completamente sós, frente a frente, ela disse, com o rosto contraído pela angústia:

— Afinal é preciso cozer outras quatro dúzias de bolos! Se ao menos ele se tivesse decidido a noite passada!

E o marido, mais resignado, respondeu:

— Deixa lá mulher. Isto não acontece todos os dias.

Um Cobarde

Chamavam-lhe em sociedade o «belo Signoles». Ele chamava-se visconde Gontran Joseph de Signoles.

Órfão e senhor de suficiente fortuna, fazia figura, como é costume dizer-se. Tinha boa presença e boa apresentação, conversa suficiente para fazer crer que tinha espírito, uma certa graça natural, um ar de nobreza e de altivez, o bigode e o olhar meigo, o que agrada às mulheres.

Era procurado nas salas, reclamado pelo olhar das valsistas e provocava nos homens essa inimizade sorridente que se tem pelas pessoas de rosto enérgico. Atribuía-lhe alguns amores capazes de dar boa reputação num rapaz. Vivia feliz, tranquilo, no mais completo bem-estar moral. Sabia-se que manejava magnificamente a espada e melhor ainda a pistola.

— Quando um dia me bater em duelo — dizia ele —, escolherei a pistola. Com esta arma tenho a certeza de matar o meu adversário.

Ora, uma noite, como tivesse acompanhado ao teatro duas mulheres novas, esposas de amigos seus, acompanhadas por estes, ofereceu-lhes, depois do espetáculo, um sorvete na casa Tortoni. Tinham entrado havia alguns minutos, quando viu que um indivíduo sentado a uma mesa vizinha fitava com obstinação uma das senhoras. Ela parecia constrangida, inquieta, e baixava a cabeça. Acabou por dizer ao marido:

— Está ali um homem que não faz senão olhar para mim. Eu não o conheço; conhece-lo?

O marido, que nada tinha visto, levantou os olhos, mas disse:

— Não, não conheço.

A esposa tornou, meia sorridente, meio aborrecida:

— É maçador, o homem! Está a estragar-me o gelado.

O marido encolheu os ombros:

— Deixa! Não faças caso. Se nos fôssemos preocupar com todos os insolentes que encontramos, seria um nunca acabar.

Mas o visconde levantara-se bruscamente. Não podia permitir que aquele desconhecido estragasse um gelado que ele havia oferecido. Era a ele que a injúria era dirigida, pois era por causa dele e em atenção a ele que os seus amigos tinham entrado naquele café. O caso, portanto, era com ele e só com ele.

Aproximou-se do homem e disse-lhe:

— O senhor olha para estas senhoras de tal maneira, que eu, com franqueza, não tolero. Fará o favor de cessar essa insistência.

O outro replicou:

— Deixe-me em paz, sim?

O visconde respondeu, de dentes cerrados:

— Tome cuidado, não me faça perder a cabeça.

O outro respondeu apenas com uma palavra, um palavrão que soou de um a outro extremo do café e fez como que por impulso de uma mola, provocar a cada um dos assistentes um movimento brusco. Todos os que estavam de costas se voltaram: todos os outros levantaram a cabeça; três rapazes giraram sobre os tacões como piões; as duas mulheres do balcão tiveram como que um sobressalto, seguido de uma reviravolta do torso por inteiro; como se elas fossem dois autómatos obedecendo a uma mesma manivela.

Fez-se um grande silêncio Depois, de repente, estourou um ruído seco no ar. O visconde esbofeteara o seu adversário. Toda a gente se levantou para interpor-se. Foram trocados dois cartões de visita.

Quando o visconde entrou em sua casa, pôs-se a marchar durante alguns minutos, em passos rápidos através do seu quarto. Estava muito agitado para que pudesse refletir fosse no que fosse. Uma única ideia lhe pairava no espírito: «um duelo», sem que essa ideia lhe despertasse ainda qualquer emoção. Tinha feito o que devia e mostrara-se o que devia ser. Falariam do caso, dar-lhe-iam razão; felicitá-lo-iam. Repetia em voz alta, falando como se fala em ocasiões de grande perturbação:

— Que ordinário, este homem!

Depois, sentou-se e pôs-se a refletir. Era preciso, logo de manhã, procurar testemunhas. Quem escolheria? Procurava no pensamento as pessoas mais célebres e melhor colocadas do seu conhecimento. Optou enfim pelo marquês de La Tour-Noire e pelo coronel Bourdin, um fidalgo e um militar, ficava assim muito bem. Os seus nomes eram conhecidos nos jornais. Sentiu sede e bebeu, copo após copo de água; depois

continuou a andar pela casa. Sentiu-se cheio de energia. Mostrando-se um lutador, resolvido a tudo, exigindo condições de duelo rigorosas, perigosas. Reclamando um duelo sério, muito sério, terrível, o seu adversário recuaria provavelmente e pediria as suas desculpas.

Tornou a pegar no cartão que tirara da algibeira e atirara para cima da mesa e releu-o, como já o lera no café, rapidamente e, no fiacre, à luz de cada bico de gás, quando voltara para casa. «Georges Lamil, 51, rua Moncey». Nada mais.

Examinava aquelas letras que lhe pareciam misteriosas, cheias de um sentido pouco claro: Georges Lamil? Quem era aquele homem? O que fazia? Porque olhara para aquela mulher daquele modo? Não era revoltante que um estranho, um desconhecido viesse perturbar assim a vida de um homem, tão de repente, só porque lhe apetecera olhar insolentemente uma mulher? E o visconde repetiu mais uma vez, em voz alta:

— Que ordinário!

Depois, permaneceu imóvel, de pé, cismando, com o olhar fixo no cartão de visita. Despertava nele uma cólera contra aquele pedaço de papel, uma cólera odienta a que vinha juntar-se um estranho sentimento de mal-estar. Era estúpida, no fim de contas, aquela história! Tomou um canivete que estava à mão, abriu-o e picou com ele, ao meio, o nome impresso como se apunhalasse alguém.

Contudo, era preciso bater-se! Escolheria a espada ou a pistola, porque se considerava como insultado. Com a espada arriscava-se menos, mas com a pistola tinha a vantagem de fazer desistir o seu adversário. É muito raro que um duelo à espada seja mortal, uma prudência recíproca impede os combatentes de se conservarem em guarda muito próximo um do outro, para que a ponta da espada possa entrar profundamente. Com a pistola arriscava seriamente a sua vida; mas podia sair do caso airosamente, com todas as honras da situação, sem chegar a dar-se um encontro.

E disse alto:

— É preciso ser firme. Ele terá medo.

O som da sua voz fê-lo estremecer e olhou em redor. Sentia-se muito nervoso. Bebeu mais um copo de água, depois principiou a despir-se para se deitar. Logo que se achou na cama, apagou a luz e fechou os olhos.

Pensava:

— Tenho amanhã todo o dia para tratar dos meus negócios. Durmamos um pouco, a fim de estarmos calmos.

Estava muito confortavelmente nos seus lençóis, mas não era capaz de adormecer. Voltava-se e tomava a voltar-se, demorando-se cinco minutos de costas, depois voltava-se para o lado esquerdo, depois para o direito.

Continuava a ter sede. Levantou-se da cama para beber. Mas ficou inquieto:

— Estarei com medo?

Porque seria que o seu coração se punha a bater loucamente a cada ruído conhecido que soava no quarto? Quando o relógio ia a tocar, o pequeno rangido da mola provocava-lhe um sobressalto; e precisava de abrir a boca, para respirar em seguida, durante alguns segundos, tanta era a opressão que sentia.

Pôs-se a raciocinar consigo mesmo sobre aquela possibilidade:

— Estarei com medo?

Não, decerto, não tinha medo, pois estava resolvido a ir até ao fim, pois era clara a vontade de se bater, sem hesitações. Mas sentia-se tão profundamente perturbado que perguntava:

— Mas pode-se ter medo, apesar de tudo?

E essa dúvida invadia-o, essa inquietação, esse temor; se uma força mais poderosa do que a sua vontade, dominadora, irresistível o dominasse, o que sucederia? Sim, o que poderia suceder? Com certeza ele iria lutar, uma vez que assim o queria. Mas se tremesse? Se desmaiasse? E pensava na situação em que ficaria a sua reputação, o seu nome.

E invadiu-o de repente um desejo singular de se levantar para se olhar ao espelho. Acendeu o candeeiro. Quando viu o seu rosto refletido no vidro polido, custou a reconhecer-se, parecia-lhe que nunca se tinha visto. Os olhos pareceram-lhe enormes; estava pálido, muito pálido.

Ficou de pé, em frente do espelho. Deitou a língua de fora como para constatar o estado de saúde em que se achava e, de repente, este pensamento invadiu-o com a rapidez de uma bala:

— Depois de amanhã, a esta mesma hora, estarei talvez morto.

E o coração pôs-se-lhe de novo a bater furiosamente.

— Depois de amanhã a esta mesma hora, estarei talvez morto. Esta pessoa que está na minha frente, este eu que vejo neste espelho, não o continuarei a ver. Como? Pois eu estou aqui, olho-me, sinto-me viver, e em vinte e quatro horas poderei estar estirado nesta cama, morto, de olhos fechados, frio, inanimado, apagado.

Voltou-se para a cama e viu-se distintamente estendido no leito, de costas sobre esses mesmos lençóis que acabava de deixar. Tinha esse rosto cavado que têm os mortos e essa moleza das mãos que não se moverão mais.

Então, teve medo do seu leito e, para não continuar a vê-lo, passou à sala. Pegou maquinalmente numa vela, acendeu-a e continuou a andar. Agora tinha frio; ia direito à campainha para chamar o seu criado de quarto; mas, com a mão já estendida, deteve-se:

— Este homem vai perceber que tenho medo.

E não tocou, acendeu lume. As mãos tremiam-lhe um pouco, nervosamente, quando tocavam nos objetos. Fora de si, os pensamentos perturbados, tomavam-se-lhe fugazes, bruscos, dolorosos; uma embriaguez invadia o seu espírito como se estivesse embriagado.

E perguntava sem cessar:

— Que irei fazer? Que há de ser de mim?

Todo o seu corpo vibrava, percorrido por tremores; levantou-se e, aproximando-se da janela, abriu as cortinas.

Despontava o dia, um dia de Verão. O céu rosado tornava rósea a cidade, rosados os telhados e as paredes. Uma grande porção de luz estendia-se, semelhante a uma carícia do sol nascente, envolvia o mundo que despertava; e, com aquela claridade, uma esperança alegre, rápida, brutal, invadiu o coração do visconde! Era doido por ter se assim deixado invadir pelo temor, antes de nada se haver decidido, antes até de que as suas testemunhas se houvessem avistado com as de Georges Lamil, antes mesmo de saber se teria ou não de bater-se!

Fez a sua *toilette*, vestiu-se e saiu com passo firme.

Repetia, enquanto caminhava:

— É preciso que seja firme, muito firme. É preciso provar que não tenho medo.

As suas testemunhas, o marquês e o coronel, puseram-se à sua disposição e, depois de lhe terem apertado energicamente as mãos, discutiram as condições.

O coronel perguntou:

— Quer um duelo sério?

O visconde respondeu:

— Muito sério.

O marquês proferiu:

— Opta pela pistola?

— Sim.

— Deixe connosco o resto.

O visconde articulou numa voz seca e sacudida:

— A vinte passos, à voz de comando, levantando a arma em vez de a baixar. Troca de balas até ferimento grave.

O coronel declarou em tom satisfeito:

— São umas condições excelentes. O senhor é bom atirador, todas as vantagens estão do seu lado.

E partiram. O visconde tornou a entrar em sua casa para ali os esperar. A sua agitação, acalmada por um momento, crescia agora de minuto a minuto. Sentia ao longo dos braços, ao longo das pernas, no peito, uma espécie de frémito, de vibração contínua; não podia estar no mesmo lugar, nem sentado, nem de pé. Não tinha na boca qualquer saliva, e fazia a cada instante um movimento ruidoso com a língua, como para a descolar do céu da boca.

Quis almoçar, mas não pôde comer; então lembrou-se de beber para tomar coragem, e foi buscar uma garrafa de rum da qual bebeu, cálice após cálice, seis copos pequenos.

Invadia-o um calor semelhante a uma queimadura, seguido de repente de um atordoamento da alma. E pensou:

— Achei o meio. Agora já isto vai bem.

Mas ao fim de uma hora tinha despejado toda a garrafa e a agitação voltava-lhe intolerável. Sentiu um desejo louco de se atirar para o chão, de gritar, de morder. E a noite chegava. Um toque de campainha deu-lhe uma tal sufocação que nem teve força de se levantar para ir receber as testemunhas.

Nem mesmo ousava falar lhes, dizer-lhes «bom dia», pronunciar uma só palavra, com o temor de que elas adivinhassem tudo, à alteração da sua voz.

O coronel disse:

— Está tudo combinado conforme as condições que propôs. O seu adversário ao princípio reclamava os privilégios de ofendido, mas cedeu quase desde logo e aceitou tudo. As suas testemunhas são dois militares.

O visconde disse:

— Obrigado.

O marquês disse-lhe:

— Desculpe-nos se tivermos de entrar e sair muitas vezes, mas temos de nos ocupar ainda de mil coisas. É preciso arranjar um bom médico, uma vez que o combate só cessará em caso de ferimento grave, e o senhor sabe que as balas não são uma brincadeira. É preciso escolher o local, nas proximidades de uma casa, para ali conduzir o ferido se for necessário, etc.; enfim, ainda temos para umas duas ou três horas.

O visconde articulou pela segunda vez:

— Obrigado.

O coronel perguntou:

— Sente-se bem? Sente-se calmo?

— Sim, muito calmo, obrigado.

As duas testemunhas retiraram-se.

Quanto de novo se sentiu só, pareceu-lhe que tinha enlouquecido. Logo que o criado acendeu as luzes, o visconde sentou-se à mesa para

escrever algumas cartas. Depois de haver traçado, ao alto de uma página: «Este é o meu testamento...», levantou-se repentinamente e afastou-se, sentindo-se incapaz de ligar duas ideias, de tomar uma resolução, de decidir o que quer que fosse.

Ia então bater-se! E não podia evitar isso. Que se passava então com ele? Queria bater-se, tinha aquela resolução e aquela intenção firmemente arreigadas; e sentia bem, apesar de todo o esforço do seu espírito e de toda a força da sua vontade, que não poderia nem mesmo conservar a energia necessária para ir até ao lugar do encontro. Procurava imaginar o combate, a sua atitude e a disposição do seu adversário.

De vez em quando os dentes entrechocavam-se-lhe na boca, num trepidar seco. Quis ler e pegou no código do duelo de Chateaufort. Depois, perguntou a si próprio:

— O meu adversário terá frequentado o tiro? Será conhecido? Será classificado? Como sabê-lo?

Lembrou-se do livro do barão de Vaux sobre o tiro de pistola, e percorreu-o do princípio ao fim. Georges Lamil não era ali nomeado. Mas se aquele homem não fosse um atirador, teria afinal aceitado imediatamente aquela arma perigosa e as suas condições mortais? Abriu, de passagem, uma caixa de pastilhas para o estômago que estava sobre uma mesa, e pegou numa das pistolas, depois colocou-se em posição de atirar e elevou o braço. Mas tremia dos pés à cabeça e o cano movia-se em todas as direções.

Então disse:

— Impossível. Não posso bater-me neste estado.

E olhava para o extremo do cano, para aquele buraquinho escuro e profundo que cospe a morte, e pensava na desonra, no falatório a seu

respeito, nos risos das salas, no desprezo das mulheres, nas alusões dos jornais, nos insultos que receberia dos cobardes.

Continuava a olhar para a arma, e, levantando o cão, viu de repente brilhar uma bala por baixo, como uma pequena chama vermelha. A pistola ficara carregada, por acaso, por esquecimento. E ele experimentou com isso uma alegria confusa, inexplicável.

Se não tivesse em presença do outro o aspeto nobre e calmo que era preciso ter, estava perdido para sempre. Ficaria desonrado, marcado com o ferrete da infâmia, escorraçado por todos! E esse aspeto calmo e brigão não o poderia ele ter, bem o sabia, bem o sentia. E, no entanto, ele era um bravo, pois queria bater-se!... Era um bravo, pois então... — O pensamento que lhe aflorou, nem mesmo chegou a formar-se no seu espírito; mas, abrindo a boca o mais que pôde, enterrou bruscamente, até ao fundo da boca o cano da pistola, e carregou no gatilho...

Quando o seu criado de quarto correu, atraído pela detonação, encontrou-o morto, de papo para o ar. Um jato de sangue esguichara para o papel branco que estava sobre a mesa e fazia uma grande nódoa vermelha por baixo destas quatro palavras:

«Este é o meu testamento...»

O Bêbado

O vento norte sibilava em tempestade, arrastando pelo céu enormes nuvens de Inverno, pesadas e negras, que lançavam à sua passagem bátegas furiosas.

O mar bravio, mugia e sacudia a costa, precipitando na costa enormes vagas, lentas e espumosas, que se desmoronavam com detonações que pareciam de artilharia. Essas vagas vinham muito suavemente, uma após outra, altas como montanhas, espalhando no ar, ao impulso das rajadas, a espuma branca das suas cristas, à maneira de um suor de monstros.

O furacão abismava-se no pequeno vale de Yport, sibilava e gemia, arrancando telhas, quebrando alpendres, derrubando chaminés, lançando nas ruas tais rajadas de vento que só se podia andar segurando-se as pessoas às paredes, e as crianças teriam sido levadas como folhas e atiradas por cima das casas.

Tinham recolhido os barcos de pesca para terra, com receio do mar, que invadiria a praia com a enchente da maré, e alguns marítimos, amparados por detrás do ventre bojudo das embarcações deitadas de flanco, olhavam para aquela cólera do céu e do mar.

Depois, afastavam-se, pouco a pouco, porque a noite caía com a tempestade, envolvendo na sombra o oceano enraivecido, e todo o estrepitar dos elementos em fúria.

Dois homens permaneciam de mãos nas algibeiras, as costas encurvadas sob a borrasca, a cabeça enterrada no barrete de lã até aos olhos. Eram dois corpulentos pescadores normandos, de barba intensa e pele crestada pelas rajadas salgadas do mar largo, os olhos azuis picados por um grão preto no meio, os olhos perfurantes dos marinheiros que veem até ao fim do horizonte como uma ave de rapina.

Um deles dizia:

— Vamos embora, Jérémie. Vamos passar um pouco de tempo ao dominó. Sou eu que pago.

O outro hesitava, tentado pelo jogo e pela aguardente, pois sabia muito bem que iria embriagar-se, se fosse a casa de Paumelle, hesitante ao pensar de que tinha a mulher sozinha no seu casebre.

Perguntou:

— Parece que fizeste a aposta de me emborrachar todas as noites. Não me dirás o que ganhas com isso, uma vez que és tu que pagas sempre?

E ria com bom gosto, à ideia de toda aquela aguardente bebida à custa do outro; e ria com um riso contente de normando que se sente bem.

Mathurin, o seu camarada, continuava a puxá-lo pelo braço.

— Vamos, avia-te, Jérémie. Não se pode assim entrar uma noite em casa sem levar a barriga quente. Parece que tens medo que a mulher te bata!

Jérémie respondeu:

— É que outro dia não atinei com a porta... Quase que me pescaram na valeta defronte de casa!

E sorria ainda àquela lembrança de borrachão, dirigindo-se lentamente para o café de Paumelle, cujos vidros iluminados brilhavam; ia puxado por Mathurin e empurrado pelo vento, incapaz de resistir àquelas duas forças.

A sala baixa achava-se cheia de marítimos, de fumo e de gritos. Todos aqueles homens, vestidos de lã, de cotovelos assentes nas mesas, vociferavam para se fazerem ouvir. Quanto mais bebedores entravam, mais era preciso berrar entre o ruído das vozes e do bater dos dominós no mármore, o que aumentava ainda mais a barulheira.

Jérémie e Mathurin foram sentar-se a um canto, começaram uma partida, e os cálices desapareciam uns após outros, na profundidade das suas gargantas. Depois jogaram mais partidas e beberam mais cálices. Mathurin continuava a despejar, e a piscar o olho ao patrão, um homem gordo, vermelho como brasas e que ria patuscamente como se soubesse desempenhar uma comprida farsa; e Jérémie ingeria o álcool, baloiçava a cabeça, saltava gargalhadas que mais pareciam rugidos, olhando o seu compadre com ar estúpido e contente.

Todos os fregueses saíam. E, cada vez que um deles abria a porta da rua para se ir, uma rajada de vento entrava no café, fazendo redemoinhar o pesado fumo dos cachimbos, balouçando as candeias no extremo dos seus ganchos e fazendo vacilar as suas chamas; e ouvia-se de repente o choque profundo de uma vaga desfazendo-se e o mugir da borrasca.

Jérémie, a camisa entreaberta no peito, tomava posições de bêbado, de perna estendida, um braço pendente; e na outra mão segurava os dominós.

Por fim, ficaram sós com o patrão, que se aproximara, cheio de interesse.

Perguntou:

— Bem, Jérémie, como vai então esse interior? Já te refrescaste, à força de beberes?

E Jérémie tartamudeou:

— Uma vez que ela ainda corre é porque ainda está seco cá por dentro.

O dono do café olhava para o Mathurin com ar finório; depois disse:

— E o teu irmão, Mathurin, onde estará ele a esta hora?

O marítimo teve um sorriso mudo:

— Está no quente, não te dê cuidado.

E ambos olharam para Jeremias, que pousava triunfalmente o duplo seis anunciando:

— Aqui está o síndico.

Quando acabaram a partida, o patrão declarou:

— Sabem que mais, meus rapazes? Vou enfiar-me na cama. Deixo-lhes uma candeia e mais um jarro de litro. Fica-lhes bastante com que se entreterem. Tu, depois, fechas a porta por fora, Mathurin, e mete a chave por debaixo da porta como na noite passada.

Mathurin replicou:

— Não te preocupes. Está entendido.

Paumelle apertou a mão aos seus dois fregueses retardatários e subiu pesadamente a escada de madeira. Durante alguns minutos, os seus pesados passos ressoaram na pequena casa, depois um pesado estalido revelou que ele acabava de meter-se na cama.

Os dois homens continuaram a jogar; de tempos a tempos, um ímpeto mais raivoso do furacão sacudia a porta, fazia tremer as paredes, e os dois bebedores levantavam a cabeça, como se alguém fosse a entrar. Depois, Mathurin pegava no jarro e enchia o copo de Jérémie. Mas, de repente, o relógio, pendurado por cima do balcão, deu meia-noite.

O seu timbre roufenho lembrava um choque de caçarolas, e as pancadas vibravam por muito tempo, com uma ressonância de ferragem.

Mathurin, de repente levantou-se, como um marinheiro que tivesse terminado o seu quarto:

— Vamos embora, Jérémie, é preciso desandarmos.

O outro pôs-se em movimento com mais custo, tomou o seu aprumo apoiando-se à mesa, depois ganhou a porta, que abriu, enquanto o seu companheiro apagava a candeia.

Quando se acharam na rua, Mathurin fechou o estabelecimento; depois disse:

— Agora boa noite, até amanhã.

E desapareceu na escuridão.

Jérémie deu três passos, depois oscilou, estendeu as mãos, encontrou uma parede que o susteve de pé e tornou a pôr-se em marcha cambaleando. Por momentos, uma rajada acompanhada de chuva, investindo pela estreita rua, atirava-o para a frente, fazendo-o correr alguns passos; depois, quando a violência do vento cessava, o bêbado estacava de súbito, perdido o impulso, e continuava a vacilar nas suas pernas caprichosas de borracho.

Ia por instinto para sua casa, como os pássaros vão para o ninho. Enfim, reconheceu a sua porta e pôs-se a tatear para descobrir a fechadura e meter a chave. Mas não atinava com o buraco e praguejava a meia voz. Então pôs-se a bater com força, chamando a mulher para que viesse abrir:

— Méline! Eh! Méline!

Como se apoiasse contra o batente para não cair, este cedeu, a porta abriu-se, e Jeremias, perdendo o apoio, entrou em sua casa, sentindo que qualquer coisa pesada lhe passava por cima do corpo, fugindo em seguida na noite.

Jérémie não se mexeu, cheio de medo, como louco, como um homem espavorido que viu o diabo, ou fantasmas e todas as coisas misteriosas das trevas. Esteve muito tempo sem ousar fazer o mínimo movimento. Mas como visse que nada mexia, recuperou um pouco de lucidez, a lucidez perturbada dos bêbados.

Sentou-se muito vagarosamente. Esperou ainda bastante tempo e, desentorpecendo enfim, bradou:

— Méline!

A mulher não respondeu.

Então, de repente, uma dúvida atravessou-lhe o cérebro obscurecido, uma dúvida indecisa, uma vaga suspeita.

Continuava sem se mexer, sentado por terra, na escuridão, procurando ordenar as ideias, agarrando-se sempre a reflexões incompletas e vacilantes como os seus pés.

Bradou de novo:

— Olha cá, o que era aquilo, ó Méline? Diz-me o que era aquilo. Não te faço mal.

Esperou. Nenhuma voz se ouviu na sombra. Raciocinava alto, agora.

— Estou bêbado, não faz mal! Estou bêbado! Foi ele que me pôs neste estado; foi ele, para que eu não desse com a casa. Estou bêbado!

E continuava:

— Olha cá! Diz-me o que era aquilo, ó Méline, ou faço alguma asneira.

Depois de ter tornado a escutar, continuava, com uma lógica lenta e obstinada de homem embriagado:

— Foi ele que me reteve em casa daquele malandro do Paumelle! E nas outras noites a mesma coisa, para que eu não entrasse em casa. Ele é cúmplice. Ah, canalha!

Lentamente, equilibrou-se nos joelhos. Ganhava-o uma cólera surda, que se misturava à fermentação das bebidas.

E repetia:

— Diz-me o que foi aquilo, Mélina, ou vou bater-te, estou a prevenir!

Achava-se agora de pé, tremendo numa cólera fulminante, como se o álcool que tinha no corpo se lhe houvesse incendiado nas veias. Deu um passo, tropeçou numa cadeira, agarrou-a, caminhou para a frente, encontrou a cama, apalpou o e sentiu dentro dele o corpo quente da sua mulher.

Então, sufocado de raiva, grunhiu:

— Ah! estás aqui, desgraçada, estavas aqui e não me respondias.

E, levantando a cadeira que sustinha na sua mão robusta de marítimo, atirou-a para a frente com uma fúria exasperada. Um grito saiu da cama; um grito louco, angustiado. Então ele pôs-se a bater como um malhador numa eira no campo. Dentro em pouco nada mexia ali. A cadeira voara em pedaços; mas restava-lhe um pé da mesma, ainda na mão, e ele continuava a bater, já arquejante.

Depois, de repente, parou para perguntar:

— Não me dirás quem era, a uma hora destas?

Mélina não respondeu.

Então, vencido pela fadiga, embrutecido pela violência, tornou a sentar-se no chão, estendeu-se e deixou-se dormir.

Ao romper da manhã, um seu vizinho, vendo a porta aberta, entrou. Viu Jérémie roncando no chão, onde jaziam dispersos os pedaços da cadeira e, na cama, uma massa disforme de carne e de sangue.

Uma «Vendetta»

A viúva de Paolo Saverini habitava só com o seu filho numa casita pobre, à beira das muralhas de Bonifácio. A cidade, construída numa encosta da montanha, alcandorada em parte sobre o mar, olha por cima do estreito, erizado de escolhos, a parte mais baixa da costa de Sardenha.

A seus pés, da outra banda, contornando-a quase por completo, um recorte de rocha escarpada que se assemelha a um gigantesco corredor, serve-lhe de porto, conduz até às primeiras casas, depois de um grande circuito entre duas muralhas abruptas, os pequenos barcos dos pescadores italianos ou sardos e, de quinze em quinze dias, o velho e pacífico vapor que faz a carreira de Ajaccio.

Sobre a montanha branca, o montão de casas põe uma mancha ainda mais branca. Essas casas têm o ar de ninhos de aves selvagens, agarradas àquela rocha, dominando aquela paisagem onde nunca se aventuram os navios.

O vento sem descanso, fustiga o mar, fustiga a costa nua, por ele roída, apenas vestida de erva, e abisma-se no estreito que invade as margens. Os farrapos de espuma pálida, agarrados às pontas negras das inumeráveis rochas que por toda a parte furam as vagas, parecem pedaços de pano flutuando e palpitando à superfície da água.

A casa da viúva Saverini, incrustada na própria margem da penedia, abria as suas três janelas para aquele horizonte selvagem e desolado.

Ela vivia ali, só, com o seu filho António, e a sua cadela «Semelhante», um animal grande e magro, de compridos pelos selvagens, da raça dos cães guardadores de rebanhos. Ela ajudava também ao rapaz para caçar.

Uma noite, depois de uma disputa, António Saverini foi morto à traição com uma navalhada, por Nicolas Ravolati, que nesta mesma noite fugiu para a Sardenha.

Quando a velha mãe recebeu o corpo de seu filho, que uns homens que passavam lhe trouxeram, não chorou, mas ficou muito tempo imóvel a olhá-lo; depois, estendendo a sua mão rugosa sobre o cadáver, jurou vingá-lo. Não consentiu que ninguém a acompanhasse e fechou-se com o corpo, ficando ao pé dele com a cadela, que uivava. O animal uivava de um modo contínuo, em pé, junto à cama, a cabeça estendida para o seu dono e de cauda apertada entre as patas. E não bulia mais que a mãe do morto, a qual, inclinada para o corpo, o olhar fixo, chorava grossas lágrimas mudas, contemplando-o.

O rapaz, prostrado de costas, vestido na sua roupa grosseira de pano esburacado e rasgado no peito, parecia dormir; mas tinha sangue por todos os lados: na camisa arrancada pelos primeiros cuidados; no colete, nas calças, nas faces, nas mãos. Camadas de sangue haviam coalhado na barba e nos cabelos.

A velha mãe pôs-se a falar-lhe. Ao ruído daquela voz, a cadela calou-se.

— Deixa, deixa, serás vingado, meu filho, meu rico filho, meu menino. Dorme, dorme, que serás vingado, entendes? É a tua mãe que to promete! E ela nunca faltou à sua palavra, a tua mãe, tu bem o sabes.

E lentamente ela debruçou-se para seu filho, colando os lábios frios àqueles lábios mortos.

Então, a «Semelhante» pôs-se a gemer. Soltou uma grande queixa monótona, lancinante, horrível.

E ali ficaram ambos, a mulher e o animal, até de manhã.

António Saverini foi enterrado no dia seguinte, e daí a pouco mais ninguém falou dele em Bonifácio.

Não tinha nem irmãos nem quaisquer parentes próximos. Nenhum homem havia na família para prosseguir na vingança. Só a mãe pensava nela, só a velha.

Da outra banda do estreito via ela, de manhã e à noite, um ponto branco sobre a costa. E uma pequena aldeia sarda, Longosardo, onde se refugiavam os bandidos corsos perseguidos de muito perto. São eles quem quase exclusivamente povoam aquela aldeia, defronte das costas da sua pátria, esperando ali o momento de poderem voltar, de regressar ao mato, ao *maquis*, como lá se chama. E naquela aldeia, ela sabe-o, que se refugia Nicolas Ravolati.

Completamente só, todo o longo dia, sentada à sua janela, a velha olhava ao longe, pensando na *vendetta*! Como a levaria ela a cabo, sem auxílio de ninguém, enferma, tão perto da morte? Mas prometera, jurara

sobre o cadáver. Não podia esquecer, não podia esperar. Que faria? Não dormia durante a noite, não tinha descanso, nem paz, procurava obstinadamente um meio. A cadela a seus pés, dormia, e, por vezes, levantando a cabeça, uivava para longe. Desde que o seu dono deixara de estar ali, o animal uivava muitas vezes assim, como se ela o chamasse, como se a sua alma de irracional, inconsolável, houvesse também guardado a recordação que não se apaga.

Ora, uma noite, como a «Semelhante» se pusesse a gemer, a mãe de repente teve uma ideia, uma ideia selvagem, vingativa e feroz. Meditou nela até de manhã; depois, levantando-se logo ao alvorecer do dia, dirigiu-se à igreja.

Rezou, prostrada nas lajes, abatida diante de Deus, suplicando-lhe que a ajudasse, que lhe conservasse a vida, que desse ao seu pobre corpo cansado a força que lhe faltava para vingar o seu filho.

Depois voltou para casa. Tinha no pátio um velho barril sem tampa em que recolhia a água das goteiras; tombou-o, despejou-o, segurando-o ao solo por meio de pedras e estacas; depois prendeu a «Semelhante» àquele nicho e entrou em casa.

Marchava agora, sem descanso, pelo quarto, o olhar continuamente fito na costa da Sardenha. Estava lá ao longe o assassino.

A cadela uivou todo o dia e toda a noite. A velha, de manhã, levou-lhe água numa panela, e nada mais: nem sopa, nem pão.

Passou-se ainda um dia. «Semelhante», extenuada, deixou-se dormir, tinha os olhos brilhantes, o pelo eriçado, e puxava doidamente pela corrente que a amarrava.

A velha continuou a não lhe dar nada de comer. O animal, tornou-se furioso, latia roucamente. Passou ainda a noite.

Então, ao despontar do dia, a mãe Saverini foi a casa de um seu vizinho pedir dois molhos de palha. Pegou num fato velho que era do seu marido, e forrou-o com a palha, de forma a imitar um corpo humano.

Espetou um pau na terra, diante do abrigo da «Semelhante», amarrou nele aquele boneco, que assim parecia estar de pé. Depois, fez uma cabeça com uma trouxa de roupa velha.

A cadela, surpreendida, olhava para aquele homem de palha, e calava-se, embora devorada pela fome.

Então, a velha foi comprar ao salchicheiro um grande pedaço de chouriço preto. Voltando a casa acendeu lume no pátio, perto do abrigo, e assou o chouriço. A «Semelhante», desesperada, escumava, de olhos fixos na grelha, cujo fumo lhe entrava no ventre.

Depois, a mãe fez daquela gordura fumegante um colar ao homem de palha. Atou-a cuidadosamente em redor do pescoço, como se o quisesse enterrar dentro dele. Depois soltou a cadela.

Com um salto formidável, o animal atingiu a garganta do boneco, e, com as patas sobre os seus ombros, pôs-se a rasgá-lo. Caía com um pedaço da sua presa nos dentes, depois atirava-se de novo, enterrando os dentes nos cordéis, arrancando algumas parcelas de comida, tornando a cair para voltar a atirar-se encarniçadamente. Arrancava o rosto ao boneco com grandes dentadas, destroçando todo o pescoço.

A velha, imóvel e calada, observava, com o olhar incendiado. Depois voltou a prender o animal, fê-lo jejuar mais dois dias e recomeçou aquele estranho exercício.

Durante três meses, habituou a cadela àquele género de luta, àquela refeição conquistada às dentadas. Por fim, já não a prendia, lançava-a com

um gesto sobre o boneco.

Ensinara-a a rasgá-lo, a devorá-lo, por fim, sem que mesmo houvesse comida alguma nele. E, de seguida, como recompensa, dava-lhe o chouriço assado na grelha.

Assim que via o homem de palha, a «Semelhante» estremecia, depois voltava os olhos para a dona, que lhe gritava: “Vai!” numa voz sibilante, levantando o dedo.

Quando lhe pareceu que era tempo, a mãe Saverini foi confessar-se e comungou, um domingo de manhã, com um furor estático; depois vestiu-se com um fato de homem, aparentando um velho mendigo esfarrapado, contratou com um pescador sardo levá-la acompanhada da sua cadela, à outra banda do estreito.

Levava, no seu alforge, um grande pedaço de chouriço preto. A «Semelhante» jejuava havia dois dias. A velha fazia-lhe a todo o momento cheirar aquela comida odorante, excitando o animal.

Entraram em Longosardo. A corsa caminhava coxeando. Dirigiu-se a casa de um padeiro e perguntou a morada de Nicolas Ravolati. Este retomara o seu antigo ofício, o de marceneiro. Trabalhava só, quase escondido no seu estabelecimento. A velha passou pela porta e chamou:

— Hé! Nicolas!

Ele voltou-se. Então, soltando a cadela, a velha gritou:

—Vai, vai, devora, devora!

O animal, desesperado, atirou-se, ferrou os dentes na garganta do homem. Este estendeu os braços, estreitou o animal e rolou por terra.

Durante alguns segundos contorceu-se, batendo com os pés no solo; depois, ficou imóvel, enquanto que a «Semelhante» lhe cavava o pescoço, despedaçando-o.

Dois vizinhos, que se achavam sentados às suas portas, recordam-se perfeitamente de terem visto sair da aldeia um velho mendigo com um cão negro, magríssimo, e que comia, ao mesmo tempo que ia andando, qualquer coisa negra que lhe dava a sua dona.

A velha, à noite, estava de volta a casa. E nessa noite dormiu tranquila.

Coco

A herdade dos Lucas era conhecida em toda a redondeza pela «Granja». A razão porque assim se chamava não se saberia dizer. Os camponeses ligavam sem dúvida, àquela palavra uma ideia de riqueza e de grandeza, porque a herdade em questão era certamente a maior, a mais opulenta e a mais ordenada da região.

O pátio, imenso, rodeado de cinco filas de árvores, magníficas para abrigarem contra a violência do vento, a planície plantada de árvores de frutos carnudos e delicados continha extensas construções cobertas, divididas em tulhas para conservar as forragens e os grãos de diversas espécies, belos estábulos construídos em sílex, cavaliças para trinta cavalos, e uma casa de habitação em ladrilho vermelho, que parecia um pequeno castelo.

As estrumeiras eram bem tratadas; os cães de guarda ficavam nas suas casotas; as aves do galinheiro circulavam na erva abundante.

Todos os dias, ao meio-dia, quinze pessoas, patrões, criados e trabalhadores da casa, tomavam lugar ao redor de uma comprida mesa de cozinha onde fumegava uma sopa na grande terrina de faiança de flores azuis.

Os animais, cavalos, vacas, porcos e carneiros estavam gordos, bem tratados e limpos; e o tio Lucas, um homem corpulento e um tanto ou

quanto rotundo, fazia a sua ronda três vezes por dia, vigiando tudo e pensando em tudo.

Conservavam por caridade, no fundo da cavalaria, um cavalo branco muito velho que a dona da casa queria que fosse sustentado até que o pobre animal morresse naturalmente, porque fora adestrado por ela e por ela sempre conservado, como objeto de suas antigas e felizes recordações.

Um garoto de quinze anos, chamado Izidore Duval, e a quem tratavam simplesmente por Zidore, era quem tomava conta daquele inválido, dando-lhe, durante o Inverno, a ração de avelã e a forragem, e devia ir, quatro vezes por dia, de Verão, tirá-lo da baia onde estava preso a fim de o levar a pastar onde houvesse abundância de erva fresca.

O animal, quase entrevado, levantava a custo as pesadas pernas, grossas nos joelhos e inchadas por cima dos cascos. Os pelos, que há muito não faziam caso de limpar, tinham o aspeto de cabelos brancos, e as pestanas, muito compridas, davam aos seus olhos um aspeto triste.

Quando Zidore o levava até à pastagem, precisava de o puxar pela arreata, tanta era a lentidão com que o animal caminhava; e o garoto, curvado, arquejante, praguejava contra ele, exasperando-se por ter de cuidar daquela velha alimária.

As pessoas da herdade, vendo a cólera do rapaz contra Coco, divertiam-se à sua custa, falando incessantemente do cavalo de Zidore, para o fazerem exasperar. Os camaradas troçavam dele. Na aldeia chamavam-lhe o Coco-Zidore.

O garoto enraivecía-se, sentindo nascer em si o desejo de se vingar do cavalo. Era um rapaz magro, alto, de pernas compridas, muito porco, de cabeleira russa, espessa e eriçada. Parecia estúpido, falava gaguejando, com um custo infinito, como se as ideias não se houvessem podido formar na sua alma embrutecida.

Havia já muito tempo que ele se admirava de que conservassem Coco, indignando-se de ver perder tempo e alimento com aquela besta inútil. Uma vez que já não trabalhava, parecia-lhe injusto que comesse, parecia-lhe revoltante que assim estragassem a aveia que custava tão cara, com aquela pileca tão rançosa. E muitas vezes até, apesar das ordens do Tio Lucas, economizava na comida do cavalo, não lhe dando mais do que meia ração, poupando na palha que havia de gastar na cama, e no feno. E crescia-lhe um ódio no seu espírito confuso de criança, um ódio de camponês avaro, de camponês maldoso, feroz, brutal e cobarde.

Quando chegou o Verão o rapaz teve de mudar o animal de pasto. Era longe. O garoto, mais furioso cada manhã, partia com o seu passo pesado através dos trigais. Os homens que trabalhavam nas terras gritavam-lhe, gracejando:

— Hé, Zidore, hás de dar lá os meus cumprimentos ao Coco.

Ele não respondia; mas colhia de passagem uma vara nalguma faia e, desde que desprendia a arreata do cavalo, deixava-o começar a pastar; depois, aproximando-se traiçoeiramente, cingia-lhe com a vara os jarretes. O animal tentava fugir, escoucear, escapar-se às verdascadas, girava no extremo da arreata como se estivesse fechado dentro de uma pista. E o garoto chicoteava-o com raiva, correndo atrás dele, encarniçadamente, com os dentes cerrados pela cólera.

Depois afastava-se vagarosamente, enquanto que o cavalo o via partir com olhar ansioso, as costelas salientes, sufocado por ter trotado. E não tornava a mergulhar na erva a sua cabeça ossuda e branca senão depois de ter visto desaparecer ao longe a camisa azul do jovem.

Como as noites eram quentes, deixavam Coco dormir ao relento, lá ao longe, à borda da ravina, por detrás do bosque. Só Zidore o ia ver.

O rapaz entretinha-se então a atirar-lhe pedras.

Sentava-se à distância de dez passos do animal, sobre um talude, e ficava ali uma boa meia-hora, atirando de tempos a tempos uma pedra aguçada à pileca, que se conservava de pé, amarrada diante do seu inimigo, e olhando-o incessantemente, sem ousar pastar enquanto ele não partisse.

E sempre aquele pensamento que não abandonava o garoto: “Porque razão dariam de comer a um cavalo que já não fazia nada?” Parecia-lhe que aquela miserável pileca comia a comida que era dos outros, comia os teres dos homens, os bens do bom Deus, o roubava a ele próprio Isidoro, a ele que trabalhava. Então, pouco a pouco, todos os dias, o garoto diminuía o pedaço da pastagem que dava ao cavalo, adiantando a estaca de pau em que estava amarrada a corda.

O animal jejuava, emagrecia, aniquilava-se. Muito fraco para que pudesse quebrar a corda que o prendia, estendia o pescoço para a comprida erva verde e luzidia, de que tão perto estava, e cujo cheiro lhe chegava sem que nela pudesse tocar.

Uma manhã, Zidore teve uma ideia: não mudaria mais o Coco. Valia lá a pena ir tão longe por uma tal carcaça!

Entretanto sempre foi, mas para saborear a sua vingança. O animal, inquieto, olhava-o. Naquele dia não lhe bateu. Andou em volta dele, de mãos nas algibeiras, assobiando. Chegou mesmo a fingir que o ia mudar de lugar, mas enterrou a estaca justamente no mesmo buraco, e foi-se encantado com a sua ideia.

O cavalo, vendo-o partir, relinchou chamando-o; mas o garoto pôs-se a correr, deixando-o só, completamente só, no vale, bem preso e sem um único pé de erva ao alcance dos dentes.

Esfomeado, o animal, tentava chegar à espessa verdura que apenas conseguia tocar com o extremo das narinas.

Pôs-se de joelhos, estendendo o pescoço alongando os grandes lábios cheios de baba. Tudo foi em vão. O pobre animal, esgotou-se todo o dia, em esforços inúteis, em esforços terríveis. A fome devorava-o, fome que se tornava ainda mais afrontosa à vista de toda aquela quantidade de comida que se estendia diante dos seus olhos pelo horizonte.

O garoto não tornou ao local naquele dia. Vagabundeou pelos bosques, à cata dos ninhos.

Só apareceu no dia seguinte. Coco, extenuado, deitara-se. Levantou-se ao ver a criança, esperando ser finalmente mudado de lugar.

Mas o garoto nem mesmo chegou a tocar na estaca que se achava no meio da relva. Aproximou-se, olhou para o animal, atirou-lhe ao focinho um torrão que se lhe esboroou no pelo branco e partiu assobiando.

O cavalo ficou de pé, tanto tempo quanto conseguiu ainda avistá-lo; depois, sentindo bem que as suas tentativas para alcançar a erva próxima seriam inúteis, estendeu-se novamente de flanco e fechou os olhos.

No dia seguinte, Zidore não voltou.

Quando se aproximou, no outro dia, do Coco que continuava estendido, viu que estava morto.

Então ficou de pé, olhando-o, satisfeito pela sua obra, e admirado ao mesmo tempo de que aquilo tivesse já acabado. Bateu-lhe com os pés, levantou-lhe uma das pernas, deixou-a cair, sentou-se-lhe em cima e ficou ali, com os olhos fitos na erva e sem pensar em nada. Voltou à herdade, mas teve o cuidado de não dizer nada sobre o acontecido, porque desejava vagabundear ainda algumas horas mais, aquelas em que, de ordinário, ia

mudar de lugar o cavalo. No dia seguinte foi ver. Os corvos voaram à sua aproximação. As moscas, inumeráveis, passeavam sobre o cadáver, sussurravam em redor.

Ao voltar a casa, Zidore, anunciou o caso. O animal estava tão velho que ninguém estranhou. O patrão disse aos criados:

— Agarrem nas pás, façam uma cova justamente onde ele está, e enterrem-no.

E os homens enterraram o cavalo, justamente no lugar onde ele morrera de fome. E a erva brotou espessa, verdejante, vigorosa, alimentada por aquele pobre corpo.

A Mão

Fazia-se uma roda em volta do senhor Bermutier, juiz de instrução, que dava a sua opinião acerca do crime misterioso de Saint-Cloud. Havia um mês que aquele inexplicável crime alvoroçava Paris. Ninguém conseguia perceber nada do caso.

O senhor Bermutier, de pé, de costas para o fogão, falava, amontoava provas, discutia as diversas opiniões, mas não chegava a uma conclusão.

Muitas mulheres se haviam levantado para se aproximarem dele e permaneciam de pé, o olhar fixo na boca rapada do magistrado, de onde saíam palavras graves. As senhoras estremeciam, vibravam, crispadas por um medo curioso, pela ávida e insaciável necessidade de pavor que é inseparável da sua alma e que as tortura como a fome.

Uma delas, mais pálida que as outras, pronunciou durante o silêncio:

— É pavoroso! Toca as raias do sobrenatural. Nunca se virá a saber coisa alguma.

O magistrado voltou-se para ela:

— Sim, minha senhora, é provável que nunca se venha a saber nada. Quanto à palavra sobrenatural, que acaba de empregar, não é em nada

chamada para o caso. Estamos na presença de um crime habilmente concebido, habilmente executado, tão bem envolvido em mistério que não podemos separá-lo das circunstâncias impenetráveis que o rodeiam. Mas, eu próprio já tive, outrora, de seguir um processo onde verdadeiramente parecia haver qualquer coisa de fantástico. Foi preciso abandoná-lo por falta de meios para o esclarecer.

Umas poucas mulheres falaram ao mesmo tempo e tão depressa que as suas vozes apenas pareciam uma só voz:

— Oh! Conte-nos.

O senhor Bermutier sorriu gravemente, como deve sorrir um juiz de instrução, e disse:

— Não vão julgar, pelo menos, que eu haja podido supor na aventura que vou contar qualquer coisa de sobre-humano. Eu não creio senão nas coisas normais. Mas se, em vez de empregarmos a palavra «sobrenatural» para exprimirmos aquilo que não compreendemos, nos servíssemos simplesmente da palavra «inexplicável», isso valeria muito mais. Em todo o caso, no processo a que vou referir-me, foram sobretudo as circunstâncias que o revestem, as circunstâncias preparatórias que me emocionaram. Enfim, vejamos os factos:

»Eu era então juiz de instrução em Ajaccio, uma pequena cidade branca, deitada na margem de um admirável golfo rodeado por todos os lados por altas montanhas.

»O que eu tinha sobretudo a fazer ali, era tratar de um processo de vingança. Há processos desses, que são soberbos, o mais dramáticos possível, são ferozes, são heroicos. Encontra-se neles os mais belos assuntos de vingança que se possam imaginar, ódios seculares, apaziguados momentaneamente, nunca extintos, manhas abomináveis, assassinatos que tomaram o corpo de verdadeiros massacres e de quase

ações gloriosas. Havia dez anos que eu não ouvia falar senão da pensão de sangue, desse terrível preconceito corso, que força a vingar toda a injúria feita a qualquer pessoa sobre quem a fez, por um dos mais próximos parentes do ofendido.

»Eu vira processos em que se tinham estrangulado velhos, crianças, primos, e tinha a cabeça cheia dessas histórias trágicas.

»Ora, certo dia, soube que um inglês acabava de alugar por alguns anos uma pequena vila no fundo do golfo. Levava consigo um criado francês, que arranjara em Marselha ao passar por lá. Não tardou que toda a gente se ocupasse daquele personagem singular, que vivia só na sua casa, apenas saindo para caçar ou para pescar. Não se dava com pessoa alguma e não falava a ninguém, nunca vinha à cidade e, todas as manhãs, exercitava-se durante uma ou duas horas com o tiro de pistola e de carabina.

»Criaram-se logo lendas à sua volta. Pretendia-se que era um alto personagem que emigrara da sua pátria por causa de certos casos políticos; outras vezes afirmava-se que se ocultava por ter cometido um crime horroroso. Chegavam mesmo a citar circunstâncias particularmente horríveis.

»Na minha qualidade de juiz de instrução, quis obter algumas informações a respeito daquele homem; mas foi-me impossível saber fosse o que fosse. Dizia ele chamar-se sir John Rowell.

»Contentei-me pois em vigiá-lo de perto; mas nada consegui apurar na realidade, de suspeito, relativo àquele personagem.

»Todavia, como os rumores sobre a sua história continuavam, aumentavam e tornavam-se gerais, resolvi tentar eu próprio ver aquele estrangeiro, e pus-me a caçar regularmente nas cercanias da propriedade que ele habitava.

»Esperei muito tempo por uma ocasião. Esta, apresentou-se-me um dia, sob a forma de uma perdiz a que atirei e que matei em presença do inglês. O meu cão trouxe-ma; mas mal agarrei na caça, apressei-me logo a apresentar as minhas desculpas pela minha inconveniência a sir John Rowell, pedindo-lhe ao mesmo tempo quisesse dar-me a honra de aceitar a ave morta.

»Ele era um homem de estatura alta e de cabelos rubros, barba rubra, muito espadaúdo, uma espécie de héracles pacato e cheio de polidez. Não tinha nada da rigidez inglesa e agradeceu-me solícito a minha delicadeza, num francês acentuado de além-Mancha.

»Ao fim de um mês, havíamos conversado umas cinco ou seis vezes.

»Uma noite, por fim, como eu passasse diante da sua porta, vi que ele fumava o seu cachimbo, estirado numa cadeira, no seu jardim. Saudei-o. Ele convidou-me a entrar para beber um copo de cerveja.

»Não me fiz rogado.

»Recebeu-me com toda a meticulosa cortesia inglesa, falou elogiosamente da França, da Córsega, declarou que gostava muito daquela região, daquela costa.

»Então fiz-lhe, com grandes precauções e sob a forma de um vivo interesse, algumas perguntas acerca da sua vida, dos seus projetos. Respondeu-me que tinha viajado muito, em África, nas índias, na América. E acrescentou sorrindo:

»— Tenho corrido muitas aventuras, oh! *yes*.

»Depois pus-me a falar de caçadas, e ele deu-me pormenores curiosos sobre a caça ao hipopótamo, ao tigre, ao elefante e até ao gorila.

»Eu disse:

»— Todos esses animais são temíveis.

»Ele sorriu:

»— Oh, *no*, o pior de todos ser o homem.

»Pôs-se a rir com boa vontade, com um bom riso de inglês rotundo e satisfeito:

»— Eu também ter caçado muito o homem.

»Depois falou-me de armas, e ofereceu-me a sua casa para mostrar-me diversos tipos de espingardas.

»O seu salão era revestido a negro, em seda preta bordada a ouro. Grandes flores amarelas, como que correndo sobre aquele tecido sombrio, brilhavam nele como fogo.

»Anunciou:

»— Ser um pano japonês.

»Mas no meio da mais larga tapeçaria, uma coisa estranha atraiu-me o olhar. Sobre um quadrado de veludo vermelho, destacava-se um objeto negro. Aproximei-me: era uma mão, uma mão de homem. Não era uma mão de esqueleto branca e limpa, mas uma mão negra, dissecada, com as unhas amarelas, os músculos a nu e vestígios de sangue antigos, sangue

que parecia uma imundície sobre os ossos cortados cerce, como por um golpe de machado, pelo meio do antebraço.

»Em redor do punho havia uma enorme corrente de ferro, fixa, soldada àquele membro sórdido, ligada a uma parede por um anel tão forte que seria capaz de segurar um elefante.

»— O que é isso?

»O inglês respondeu tranquilamente:

»— Isto ser a minha melhor inimigo. Ter vindo da América. Ter sido cortado com o sabre e arrancada a pele com um seixo cortante e seco ao sol, durante oito dias. Aoh, ser muito bom para mim isto.

»Toquei naquele destroço humano que devia ter pertencido a um colosso. Os dedos, desmesuradamente longos, eram ligados por tendões enormes, em parte retidos por correias. Aquela mão era horrorosa de ver, assim esfolada, e fazia pensar muito naturalmente em alguma vingança selvagem.

»Eu disse:

»— Este homem devia ser forte.

»O inglês, com brandura:

— Aoh *yes*; mas eu ser mais forte do que ele. Eu ter posto esta corrente para o prender.

»Julguei que ele gracejava e disse:

»— Mas esta cadeia agora parece-me bastante inútil, a mão agora já não fugirá.

»Sir John Rowell disse com toda a seriedade:

»— Ela querer sempre se ir. Esta corrente ser precisa.

»Num rápido olhar interroguei o rosto do inglês, perguntando a mim próprio:

»— Será um doido ou um farsante?

»Mas o rosto de sir John Rowell continuava tranquilo e benévolo. Mudei de conversa e pus-me a apreciar as espingardas.

»Notei todavia que havia três pistolas carregadas sobre os móveis, como se aquele homem vivesse no receio constante de um ataque.

»Voltei várias vezes a sua casa. Depois, nunca mais lá voltei. Toda a gente se acostumara à sua presença; e ele tornara-se indiferente a todos.

»Um ano se passou. Ora, uma certa manha, aí por fins de novembro, o meu criado despertou-me e anunciou-me que sir John Rowell fora assassinado durante a noite.

»Meia-hora mais tarde, penetrei na casa do inglês, com o comissário-geral e o capitão dos gendarmes. O criado, louco de desespero, chorava diante da porta. A princípio, suspeitei daquele homem; mas estava inocente.

»Nunca foi possível encontrar o culpado.

»Entrando no salão de sir John vi logo, ao primeiro e rápido olhar, o cadáver estendido de costas, no meio da casa.

»O colete achava-se rasgado, uma manga do casaco pendia arrancada, tudo anunciava que uma luta terrível se travara ali.

»O inglês morrera estrangulado! O seu rosto, negro e inchado, apavorante, parecia exprimir um assombro abominável; tinha alguma coisa entre os dentes cerrados; e o pescoço com cinco buracos, que dir-se-iam feitos com pontas de ferro, achava-se coberto de sangue.

»Dali a pouco chegava um médico. Examinou por longo tempo os sinais dos dedos na garganta e pronunciou estas estranhas palavras:

»— Dir-se-ia que foi estrangulado por um esqueleto.

»Um arrepio atravessou-me as costas, e fixei os olhos na parede, no lugar onde há tempos vira a horrível mão mutilada. Já ali não estava. A corrente que a prendia outrora, quebrada, pendia abandonada.

»Então, baixei-me para o morto, e achei-lhe, na boca crispada, um dos dedos daquela mão desaparecida, cortada, ou antes, serrada pelos dentes, justamente na segunda falange.

»Depois, procedeu-se a averiguações. Nada se descobriu. Porta nenhuma fora forçada, nem janela, nem móvel. Os dois cães de guarda não haviam despertado.

»Eis, em poucas palavras o depoimento do criado: Havia um mês que o seu amo parecia agitado. Recebera algumas cartas, que logo queimava.

»Muitas vezes, pegando numa chibata, com uma cólera que parecia de louco, batera com furor naquela mão dissecada, colada ao muro e levada

por fim, não se sabia como, na própria hora do crime.

»Ele deitava-se sempre muito tarde, fechando-se com todas as precauções. Conservava sempre armas ao alcance do seu braço. Muitas vezes, de noite, falava alto, como se estivesse zangado com alguém.

»Naquela noite, por acaso, não fizera ruído algum e o criado, só quando viera abrir as janelas é que encontrara sir John assassinado. O criado não suspeitava de ninguém. Comuniquei o que sabia do morto aos magistrados e aos oficiais da praça pública, e foi feita em toda a ilha uma rigorosa sindicância. Nada se descobriu.

»Ora, uma noite, três meses depois do crime, tive um horrível pesadelo. Parecia-me que via a mão, a horrível mão, correr, como se fosse um escorpião ou uma aranha, ao longo das minhas cortinas e das minhas paredes. Três vezes acordei, três vezes me deixei dormir e três vezes vi o horrível destroço galopar em redor do meu quarto, remexendo os dedos como se fossem patas.

»No dia seguinte, trouxeram-me aquela mão, achada no cemitério, em cima do túmulo de sir John Rowell que ali fora enterrado por não ter sido possível saber do paradeiro de sua família. Faltava o dedo indicador.

»Aqui está, minhas senhoras, a minha história. Nada mais sei.

As mulheres, como loucas, achavam-se pálidas, e tremiam. Uma delas exclamou:

— Mas isso não é um desenlace nem uma explicação! Nós não seremos capazes de dormir enquanto não nos disser o que se passou, segundo a sua opinião.

O magistrado sorriu com serenidade:

— Oh! Eu, minhas senhoras, vou estragar-lhes certamente todos os vossos terríveis sonhos. Penso muito simplesmente que o legítimo proprietário da mão não morrera, que veio à procura dela com aquela que lhe restava. Mas não sei como ele o conseguiu. É uma espécie de vingança.

Uma das mulheres respondeu:

— Não, isso não deve ser assim.

E o juiz de instrução, sempre sorridente, concluiu:

— Eu bem lhes dizia que a minha explicação não as deixaria satisfeitas.

O Mendigo

Ele conhecera dias mais felizes, apesar da sua miséria e sua doença.

Na idade de quinze anos, ficara com as pernas esmagadas por uma carruagem, na estrada real de Varville. Desde então mendigou, arrastando-se ao longo dos caminhos, através dos pátios das quintas, balouçado nas muletas, que lhe tinham feito levantar os ombros à altura das orelhas. A sua cabeça dir-se-ia enterrada entre duas montanhas.

Enjeitado, encontrado num fosso pela cura de Billettes, na véspera do dia de Finados, e batizado em razão disso, Nicolas Toussaint, recolhido por caridade, ficara estranho a todo e qualquer grau de instrução, estropiado depois de ter bebido alguns copos de aguardente oferecidos pelo padeiro da aldeia, para que ele fizesse rir, não tardou em dar em mendigo, e mais nada sabia fazer do que estender a mão à caridade.

Outrora, a baronesa d'Avray concedia-lhe, para dormir, uma espécie de nicho cheio de palha, ao lado do galinheiro, na herdade que se ligava ao castelo e ele ali estava ao abrigo, certo de, nos dias de grande fome, encontrar sempre um pedaço de pão e um copo de cidra na cozinha. Muitas vezes recebia também alguns *sous* atirados pela velha senhora do alto da sua escadaria ou das janelas do seu quarto. Agora, ela morrera.

Nas aldeias, não lhe davam nada; conheciam-no bem, estavam fartos de o ver; havia quarenta anos que o viam passar, deformado com o seu

corpo andrajoso sobre as suas duas patas de madeira. Todavia, ele não queria deixar aqueles sítios, porque não conhecia outra coisa sobre a Terra a não ser aquele ponto do país, aquelas três ou quatro aldeias onde arrastava a sua vida miserável. Marcara fronteiras à sua mendicidade e não teria nunca passado os limites que se acostumara a não ultrapassar.

Ignorava se o mundo se estenderia ainda muito para além das árvores que sempre tinham servido de limite à sua vida. Nem sequer o perguntava a si próprio. E quando os camponeses, cansados de o encontrarem todos os dias à beira dos seus campos ou ao longo dos seus fossos, lhe gritavam:

— Porque não vais tu para as outras aldeias, em lugar de andares sempre a muletar por aqui?

Ele não respondia e afastava-se, tomado de um medo vago pelo desconhecido, de um medo de pobre que receia confusamente mil coisas, as novas caras, as injúrias, os olhares de desconfiança e suspeita das pessoas que o não conheciam, e dos gendarmes que vão dois a dois pelas estradas e que o faziam esconder, por instinto, nas moitas ou por detrás das pedras.

Quando os via de longe, reluzentes ao sol, encontrava de repente uma agilidade singular, uma agilidade de monstro, para alcançar qualquer esconderijo. Saltava nas muletas e deixava-se cair à maneira de um trapo, rolando como uma bola, tornando-se pequenino, invisível, agachado como uma lebre na sua toca, confundindo os seus trapos ruços com a terra.

Ele nunca tivera, no entanto, nada com eles. Mas aquilo estava-lhe na massa do sangue, como se houvesse recebido aquele temor e aquela manha dos seus ascendentes, que não conhecera.

Não tinha refúgio, nem teto, nem cabana, nem abrigo. Dormia por toda a parte, quer de Verão quer de Inverno, e introduzia-se nas granjas ou nos estábulos com uma ligeireza notável. E raspava-se sempre antes que

houvessem dado pela sua presença. Conhecia os buracos para penetrar nas construções; e o manejar das muletas havia-lhe dado aos braços uma força tão surpreendente, que trepava só à força de pulso até aos celeiros de forragens, onde se conservava quatro ou cinco dias sem se mexer, quando tivesse recolhido no seu giro as provisões suficientes.

Vivia como os animais dos bosques no meio dos homens, sem conhecer ninguém, sem amar ninguém, não suscitando aos camponeses senão uma espécie de desprezo indiferente e de hostilidade resignada. Tinham-lhe posto a alcunha do «Sino» porque se baloiçava, entre as suas duas muletas de pau como um sino se baloiça entre os seus suportes.

Havia dois dias que não comia. Ninguém já lhe dava nada. Por fim, nem já o queriam ver. Os camponeses, dos seus portais, gritavam-lhe quando o viam chegar:

— Vê lá se te queres pôr a andar, vadio! Ainda não há três dias que te dei um bocado de pão!

E ele girava sobre as suas estacas e dirigia-se à casa vizinha, onde o recebiam da mesma maneira.

As mulheres, zangadas, declaravam de porta para porta:

— Mas é que a gente não pode dar de comer a este mandrião todo o ano.

Todavia, o mandrião tinha necessidade de comer todos os dias.

Tinha percorrido Saint-Hilaire, Varville e Billettes, sem recolher um cêntimo, nem uma simples côdea de pão. Só lhe restava uma esperança, em Tournolles; mas era-lhe preciso caminhar ainda duas léguas pela estrada real, e sentia-se cansado a ponto de não poder arrastar-se mais, tendo a barriga tão vazia como a algibeira.

Apesar de tudo, pôs-se em marcha.

Era em dezembro, um vento frio percorria os campos, sibilava nos ramos nus; e as nuvens galopavam através do céu baixo e sombrio, apressando-se, não se sabe para onde. O estropiado caminhava lentamente, deslocando os seus suportes um após outro com penoso esforço, escorando-se na perna torcida que lhe restava, terminada por um pé aleijado e calçado por um trapo.

De tempos a tempos, sentava-se num fosso e descansava alguns minutos. A fome punha uma grande mágoa na sua alma confusa e pesada. Ele só tinha um pensamento: comer; mas não sabia como.

Durante três horas, penou na comprida estrada; depois, quando avistou as árvores da aldeia, apressou os seus movimentos.

O primeiro lavrador que encontrou e ao qual pediu esmola, respondeu-lhe:

— Tu ainda por aqui, velho marau? Então eu nunca me verei livre de ti?

E o «Sino» afastou-se. De porta em porta, correram-no, recambiaram-no, sem lhe darem nada. Ele continuava, apesar disso, o seu giro, paciente e obstinado. Não recolheu um sou.

Então visitou as herdades, caminhando através das terras amolecidas pelas chuvas, por tal forma extenuado que nem sequer podia levantar as muletas. Escorraçavam-no de toda a parte. Era um destes dias frios e tristes em que os corações se fecham, em que os espíritos se irritam, em que a alma está sombria, em que a mão não se abre nem para dar nem para socorrer.

Quando acabou de visitar todas as casas que conhecia, foi cair ao canto de uma vala, ao longo do pátio do tio Chiquet. Despegou-se, como se dizia, para exprimir a maneira como se deixava cair entre as muletas que fazia escorregar por debaixo dos braços. Ficou por longo tempo imóvel, torturado pela fome, mas por demais embrutecido para que pudesse penetrar a sua insondável miséria.

Esperava não se sabe o quê, naquela vaga esperança que existe constante em nós. Esperava no canto daquele pátio, sob o vento gelado, o auxílio misterioso que se espera sempre do céu ou dos homens, sem que se saiba como, nem porquê, nem por quem ele nos poderá chegar. Passava um bando de galinhas pretas, buscando a sua vida na terra que alimenta todos os seres. A cada instante picavam com uma bicada um grão ou um inseto invisível, depois continuavam a sua busca lenta e segura.

O «Sino» olhava para elas sem pensar em nada; depois veio-lhe, mais à barriga do que propriamente à cabeça, mais à sensação do que à ideia, que um daqueles animais seria bom para comer assado no borralho de uns troncos secos. A suposição de que ia cometer um roubo nem ao de leve atravessou o seu espírito. Pegou numa pedra que se achava ao alcance da mão, e, como a tinha certa, matou redondamente, atirando logo por terra a ave que estava mais próxima. O animal caíra de flanco, remexendo as asas. As outras fugiram, baloiçando-se nas suas patas delgadas, e o «Sino», escalando novamente as suas muletas, pôs-se em marcha para ir apanhar a sua caça, com os movimentos iguais aos das galinhas.

Ao chegar perto do pequeno corpo preto manchado de vermelho na cabeça, recebeu um empurrão terrível pelas costas, que o fez cair das muletas e o fez rolar a dez passos para a frente.

E o tio Chiquet, exasperado, precipitando-se sobre o pilha-galinhas, encheu-o de pancadas, batendo como louco, como bate um camponês roubado, com o punho e com o joelho por todo o corpo do doente, que não podia defender-se.

As pessoas da herdade chegaram por sua vez e puseram-se com o patrão a sovar o mendigo. Depois, quando se cansaram de lhe bater, agarraram nele, levaram-no e fecharam-no na casa da lenha, enquanto iam chamar os gendarmes.

«Sino», meio morto, sangrando e estoirando de fome, ficou deitado no chão. Chegou a tarde, veio a noite, depois a aurora, e ele sem comer.

Pelo meio-dia, os gendarmes apareceram e abriram a porta com precaução, esperando uma resistência, porque o tio Chiquet dizia ter sido atacado pelo vadio e ter-se defendido a grande custo.

O cabo bradou:

— Vamos! Levanta-te!

Mas o «Sino» não se podia mexer; ainda tentou içar-se nas suas muletas, mas não o conseguiu. Julgaram que era fingimento, que era manha, que era má vontade do malfeitor, e os dois homens armados trataram-no asperamente, empunharam-no e plantaram-no à força sobre as muletas.

O medo apossara-se dele, aquele medo inato que os desgraçados têm das correias militares, o medo da caça em presença do caçador, do rato diante do gato. E, com esforços sobre-humanos, lá conseguiu pôr-se de pé.

— Marche! — disse o cabo.

Ele marchou. Todo o pessoal da herdade o via partir. As mulheres mostravam-lhe o punho; os homens troçavam, injuriavam-no: tinham-lhe dado fim! Estavam livres. Ele afastou-se entre os dois guardas. Achou a energia desesperada que lhe era precisa para se arrastar ainda até à noite,

embrutecido, não sabendo nem sequer o que lhe sucedia, demasiado assustado para que pudesse compreender.

As pessoas que o encontravam detinham-se para o ver passar, e os camponeses murmuravam:

— É algum ladrão!

Pela noitinha, chegaram à comarca. Ele nunca tinha ido até ali. Não dava verdadeiramente conta do que se passava nem do que lhe podia acontecer. Todas aquelas casas novas o consternavam.

Não pronunciou mais uma palavra, nada tendo a dizer, porque nada compreendia. Desde há muitos anos que não falava a ninguém, por isso quase perdera o uso da linguagem; e o seu pensamento estava também muito confuso para poder formular palavras. Encerraram-no na prisão da vila. Os gendarmes não pensaram que ele poderia ter vontade de comer, e deixaram-no até ao outro dia.

Mas, quando vieram para o interrogar, logo pela manhã, acharam-no morto, no chão.

Que surpresa!

Um Parricida

O advogado alegara a loucura em favor do criminoso. Como explicar de outro modo aquele crime extraordinário?

Haviam sido encontrados uma manhã, num canavial, perto de Chatou, dois cadáveres enlaçados, marido e mulher, muito conhecidos, ricos, ambos jovens, casados havia apenas um ano, a mulher viúva havia três anos.

Não se lhes conheciam inimigos, não tinham sido roubados. Parecia que os tinham atirado da margem para a ribeira, depois de os haverem ferido, um após outro com uma comprida ponta de ferro.

A investigação nada descobrira. Os barqueiros, interrogados, nada sabiam; ia-se já abandonar o processo quando um jovem marceneiro, de uma aldeia vizinha, chamado Georges Louis, por alcunha o «burguês», veio declarar-se culpado.

A todos os interrogatórios, ele apenas respondia isto:

—Eu conhecia esse homem havia doze anos e a mulher havia seis meses. Eles mandavam-me muitas vezes reparar móveis antigos porque sou hábil nesse ofício.

E quando lhe perguntavam:

— Mas porque os matou?

Respondia obstinadamente:

— Matei-os porque quis.

Não se lhe conseguia arrancar outra coisa.

Este homem era um filho natural sem dúvida, posto outrora na ama e depois, abandonado. Não tinha outro nome a não ser o de Georges Louis, mas como, à maneira que foi crescendo, se tornou singularmente inteligente, com gostos e qualidades próprias que os seus camaradas não possuíam, alcunharam-no de «burguês» e não o tratavam de outro modo. Passava por um artesão notavelmente perfeito no ofício que para si adotara, o de marceneiro. Fazia até mesmo um pouco de escultura em madeira. Diziam também que era muito exaltado, partidário das doutrinas comunistas e mesmo niilistas, grande leitor de romances de aventuras, de romances de dramas sangrentos, eleitor influente e orador hábil nas reuniões públicas de operários ou de camponeses.

O advogado alegara loucura.

Como se poderia admitir, com efeito, que aquele homem tivesse morto os seus melhores clientes, clientes ricos e generosos (como ele próprio o reconhecia), que lhe haviam dado a ganhar, em dois anos, três mil francos pelo trabalho (segundo os seus livros de escrita davam conta)? Uma única explicação se apresentava: a loucura, a ideia fixa do desadaptado social que se vinga em dois burgueses, de todos os burgueses, e o advogado, fazendo uma alusão hábil àquela alcunha de o *Burguês*, dada àquele desgraçado, exclamou:

— Não será uma ironia, e uma ironia capaz de exaltar ainda mais esse rapaz que não tem pai nem mãe? É um ardente republicano. Que digo? Pertence mesmo a esse partido político que a República fuzilava e deportava outrora, que ela acolhe hoje de braços abertos, esse partido para o qual o incêndio é um princípio e a morte um meio muito simples.

“Estas tristes doutrinas, aclamadas atualmente nas reuniões públicas, perderam esse homem. Ele ouviu republicanos, mesmo mulheres, sim, mulheres pedirem o sangue de Gambetta, o sangue de Grévy; o seu espírito doente transtornou-se, quis sangue, sangue de burgueses! Não é a ele que se deve condenar, senhores, é à Comuna!”

Soaram murmúrios de aprovação. Via-se bem que a causa estava ganha pelo advogado. O ministério público não replicou.

Então o presidente do tribunal dirigiu ao acusado a pergunta do estilo:

— O réu tem alguma coisa a alegar em sua defesa?

O homem levantou-se.

Era de estatura baixa, de um loiro cor de linho, os olhos pardos, fixos e claros. Uma voz forte, franca e sonora saía daquele frágil rapaz e mudava bruscamente, às primeiras palavras, a opinião que se fizera a seu respeito.

Falou alto, num tom declamativo, mas tão nitidamente, que as suas menores palavras se fizeram ouvir até ao fundo da grande sala.

— Senhor presidente, como não quero ir para uma casa de doidos e até prefiro a guilhotina, vou contar tudo. Eu matei esse homem e essa mulher porque eram meus pais. Agora escute-me e julgue-me.

»Uma mulher, tendo dado à luz um filho, mandou-o para qualquer parte, para uma ama. Ela apenas soube para que região o seu cúmplice levou o pequenino ser inocente, mas condenando-o à miséria eterna, à vergonha de um nascimento ilegítimo, mais do que isso: à morte: pois o abandonaram, e a ama, não continuando a receber a mensalidade, poderia como elas fazem muitas vezes, deixá-lo desaparecer, morrer de fome, morrer de definhamento.

»A mulher que me amamentou foi honesta, mais honesta, mais mulher, maior, mais mãe que a minha própria mãe. Educou-me, cumprindo esse dever. Vale mais deixar perecer esses miseráveis deitados às aldeias dos arrabaldes como se deita o lixo fora.

»Cresci com a vaga impressão de que tinha em mim a desonra. As outras crianças, um dia, chamaram-me «bastardo». Elas não sabiam o que significava esta palavra ouvida por uma delas aos seus pais. Eu também o ignorava, mas fiquei sentido.

»Eu era, posso dizê-lo, um dos mais inteligentes da escola. Teria sido um homem honesto, senhor presidente, talvez um homem superior, se os meus pais não tivessem cometido o crime de me abandonar.

»Esse crime, foi contra mim que eles o cometeram. Eu fui a vítima, eles os culpados. Eu estava indefeso, eles não tiveram piedade. Deviam amar-me e rejeitaram-me.

»Eu, devia-lhes a vida — mas será a vida uma dádiva? A minha não era, em todo o caso, mais do que uma desgraça. Depois do seu vergonhoso abandono, só lhes devia a vingança. Eles cometeram contra mim o ato mais desumano, mais infame, mais monstruoso que se pode cometer contra algum ser.

»Um homem injuriado fere; um homem roubado recupera o que era seu pela força. Um homem enganado, ludibriado, martirizado mata; um

homem esbofeteado mata; um homem desonrado mata. Eu fui mais roubado, mais enganado, mais desonrado do que todos aqueles de que vós absolveis a cólera.

»Vinguei-me e matei. Era o meu direito legítimo. Tirei-lhes a vida feliz, em troca da vida horrível que me haviam imposto.

»O senhor vai falar de parricídio! Eram meus pais essas criaturas para quem eu fui um fardo abominável, um terror, uma nódoa de infâmia; para quem o meu nascimento foi uma calamidade e a minha vida uma ameaça de vergonha? Eles buscavam um prazer egoísta; tiveram um filho imprevisivelmente. Suprimiram esse filho. Chegou-me a vez a mim de fazer outro tanto a eles.

»E, contudo, ainda ultimamente eu estava disposto a amá-los. Há dois anos, como há pouco disse, o homem, meu pai, entrou em minha casa pela primeira vez. Eu de nada desconfiava. Encomendou-me dois móveis. Ele havia obtido, soube-o eu mais tarde, informações junto do cura, sob condição de segredo, está claro.

»Voltou a minha casa muitas vezes; dava-me trabalho e pagava-me bem. Por vezes, chegava mesmo a conversar comigo. Eu sentia afeição por ele.

»Nos começos deste ano levou consigo a sua mulher, a minha mãe. Quando ela entrou, tremia de tal forma que a julguei sofrer de uma doença nervosa. Depois, pediu uma cadeira e um copo de água. Não disse palavra; olhou para os meus móveis com um ar tão tresloucado, e não respondeu mais que sim e não, a todas as perguntas que lhe eram feitas! Quanto ela partiu eu fiquei um pouco aborrecido.

»Voltou no mês seguinte. Estava calma, senhora de si. Ficaram, nesse dia, muito tempo a conversar, e fizeram-me uma grande encomenda.

»Tornei a vê-los ainda três vezes, sem nada adivinhar; mas, um dia, ela pôs-se a falar da minha vida, da minha infância, dos meus pais. Eu respondi:

» “Meus pais, minha senhora, eram uns miseráveis, abandonaram-me.” Então ela levou a mão ao coração, e caiu sem sentidos. Eu pensei desde logo: “É minha mãe!”, mas tive o cuidado de nada dar a conhecer. Queria vê-la voltar ali.

»Tentei, pelo meu lado, informar-me. Soube que eles eram casados apenas desde o passado mês de Julho, tendo a minha mãe enviuvado havia apenas três anos. Murmurava-se que se haviam amado em vida do outro marido, mas não havia prova alguma disso. Era eu a prova, a prova que eles haviam em seguida escondido, esperando vê-la destruída depois.

»Esperei. Ela voltou a minha casa uma tarde, sempre acompanhada por meu pai. Naquele dia pareceu-me muito comovida, não sei porquê. Depois, no momento de retirar-se, disse-me: “Eu quero-lhe bem porque me parece um rapaz honesto e trabalhador; qualquer dia talvez pense em casar-se; gostaria de o ajudar a escolher livremente a mulher que lhe conviesse. Eu fui casada contra minha vontade uma vez, e sei o que se sofre com isso. Atualmente sou rica, sem filhos, livre, senhora da minha fortuna. Aqui tem o seu dote.”

»E estendeu-me um grande sobrescrito lacrado.

»Eu olhei-a de frente, depois perguntei-lhe: “A senhora é minha mãe?”

»Ela recuou três passos e tapou os olhos com as mãos para não me ver. Ele, o homem, o meu pai, amparou-a nos seus braços e gritou-me: “O senhor está doido!”

»Eu respondi: “Não estou, bem sei que são os meus pais. Não me enganam assim. Confessem, que eu guardarei segredo; não lhes quererei

mal; continuarei a ser o que sou: um marceneiro.”

»Ele recuava para a saída, continuando a amparar a sua mulher que começava a soluçar. Corri a fechar a porta, meti a chave no bolso e continuei: “Olhe para ela, e negue ainda que aquela não é a minha mãe.”

»Então a cólera invadiu-o, fez-se muito pálido, apavorado com o pensamento de que o escândalo evitado até ali pudesse surgir de repente; que a sua situação, o seu nome, a sua honra, ficassem perdidos de uma só vez, e balbuciou: “É um patife que nos quer tirar o dinheiro. Vá, continue a socorrer o povo e ajudar estes malandros!”

»A minha mãe, como louca, repetia continuamente: “Vamo-nos, vamo-nos.”

»Então, como a porta estivesse fechada ele gritou: “Se não me abre a porta imediatamente, vou fazê-lo prender por chantagem e violência!”

»Eu ficara senhor de mim; abri a porta e vi-os afastarem-se na escuridão da noite.

»Então, pareceu-me de repente que acabava de ficar órfão, de ter sido abandonado, atirado a uma valeta. Uma espantosa tristeza, misto de cólera, de ódio, de tédio, invadiu-me; sentia como que uma revolta de todo o meu ser, uma revolta da justiça, da probidade, da honra, da afeição repelida; pus-me a correr para os apanhar, ao longo do Sena, que lhes era preciso seguir para chegarem à estação de Chatou.

»Não tardei a chegar perto deles. A noite estava escura. Eu caminhava silenciosamente sobre a relva, de modo que eles não me ouviam. Minha mãe continuava a chorar. Meu pai dizia:

»“É para teu castigo. Para que quiseste vê-lo? Era uma loucura, na nossa posição. Podíamos-lhe fazer bem de longe, sem nos mostrarmos.

Uma vez que não o podíamos perfilhar, de que serviam estas visitas perigosas?”

»Então, eu atirei-me para a frente deles, suplicante. Balbuciei: “Bem veem que são meus pais. Já me rejeitaram uma vez, rejeitar-me-ão ainda mais?” Então, senhor presidente, ele levantou a mão para mim, juro-o pela minha honra, pela lei, pela República. Feriu-me, e como eu o agarrasse pelo colete, tirou da algibeira um revólver.

»Fiquei cego, e não soube mais o que fiz. Tinha o meu compasso na algibeira: feri-o, feri-o até mais não poder.

»Então ela pôs-se a gritar: “Socorro! Assassino”, arrancando-me a barba. Parece que a matei também. Podia acaso saber o que fazia naquele momento?

»Depois, quando os vi a ambos por terra, atirei-os ao Sena, sem refletir.

»Aqui está como foi. Agora, condene-me.

O acusado tornou a sentar-se. Perante aquela revelação, o processo ficou adiado para outra sessão. Esta não tardará a realizar-se. Se nós fôssemos jurados, que faríamos deste parricida?

O Miúdo

O senhor Lemonnier ficara viúvo e com um filho. Amara loucamente a sua mulher, com amor exaltado e temo, sem nenhum desfalecimento, durante todo o tempo que haviam vivido juntos. Era um bom homem, um grande homem, simples, muito simples, sincero, não desconfiado nem malicioso.

Sentindo-se apaixonado por uma vizinha pobre, pediu-a em casamento e casou com ela. Tinha uma loja de fazendas cujo comércio era muito próspero, não ganhava mal e não duvidou nem por um segundo que a rapariga não o aceitasse por si mesmo.

Ela fê-lo feliz, aliás. Ele não via outra coisa no mundo, não pensava senão nela, olhando-a sem cessar com os olhos do adorador prostrado. Durante as refeições chegava a cometer mil desastres para não desviar o seu olhar daquele rosto querido, chegando a deitar o vinho no prato e a água no saleiro, pondo-se em seguida a rir como uma criança, repetindo:

— Amo-te muito, vês; e isso faz-me cometer muitas asneiras.

Ela sorria, com ar calmo e resignado, depois desviava os olhos, como que incomodada pela adoração de seu marido, e tratava de o fazer falar fosse sobre o que fosse; mas ele tomava-lhe a mão por cima da mesa e conservava-a na sua, murmurando:

— Jeanne, minha querida Jeanne!

Ela acabava por se impacientar e dizer:

— Vamos, despacha-te, tem juízo; come e deixa-me comer.

Ele soltava um suspiro e mordiscava um pouco de pão, que mastigava em seguida, lentamente. Durante cinco anos não tiveram filhos. Depois, de repente, ela apareceu grávida. Foi uma alegria doida. Ele não a deixou durante todo o tempo da gravidez; de tal modo, que a sua criada, uma criada velha que o tinha criado e que lhe levantava a voz, o punha por vezes fora e lhe fechava a porta para o forçar a ir tomar ar.

Ele ficara amigo íntimo de um homem novo que conhecera sua mulher desde a infância e que era subchefe de repartição na Prefeitura. O senhor Duretour jantava três vezes por semana em casa do senhor Lemonnier, levava flores à esposa deste, e por vezes a oferta de bilhetes de teatro; e muitas vezes, à sobremesa, aquele bom Lemonnier, enternecido, exclamava voltando-se para a sua mulher:

— Com uma companheira como tu e um amigo como ele, é-se perfeitamente feliz no mundo.

Ela morreu de parto. Ele quis morrer também, mas aquela criança que nascera deu-lhe coragem: um pequenino ser crispado que chorava.

Ele amava-o com um amor apaixonado e doloroso, com um amor doente, onde ficara a saudade da esposa e onde sobrevivia alguma coisa da sua adoração pela sua querida morta. Era a carne de sua mulher, o seu ser continuando-se, como uma quintessência dela. Aquela criança era a sua própria vida num outro corpo; a mãe desaparecera para que ela existisse. — E o pai beijava o pequenito com frenesim. — Mas aquela criança também tinha provocado uma morte; ela tomara-lhe, roubara-lhe aquela

existência adorada de que se nutrira, de que bebera, em parte, a vida. — E o senhor Lemonnier depunha o seu filho no berço e sentava-se perto dele para o contemplar. Ficava ali horas e horas, olhando-o, pensando em mil coisas tristes e saudosas. Depois, como o pequeno dormisse, debruçava-se para o seu rosto e chorava sobre as suas rendas.

O pequeno cresceu. O pai não podia passar um só instante sem a sua presença; fazia-o andar à sua volta, passeava-o, ele próprio o vestia, o lavava e lhe dava de comer. O seu amigo, o senhor Duretour, parecia estimar também o garoto e beijava-o com grande carinho, com os arroubos de ternura que os pais têm. Fazia-o saltar nos seus braços, fazia-o dançar durante horas a cavalo numa das suas pernas e, de repente, deitando-o sobre os joelhos, levantava-lhe as roupas curtas e beijava-lhe as pernas ou os pés gorduchos. O senhor Lemonnier, encantado, murmurava:

— Como é lindinho! Como é lindinho!

E o senhor Duretour apertava o pequeno nos braços e fazia-lhe cócegas no pescoço com os bigodes.

Só Celeste, a velha criada, não parecia experimentar a mínima ternura pelo pequeno.

Enfastiava-se com as suas travessuras, parecia exasperar-se com as meiguices que os dois homens lhe faziam e exclamava:

— Pode-se lá criar uma criança de semelhante modo! Hão de fazer dele um macaco.

Passaram tempos e João fez nove anos. Sabia apenas ler, tanto o haviam estragado com mimos, e só fazia o que se lhe metia na cabeça. Tinha vontades súbitas, resistências teimosas, cóleras furiosas. O pai cedia sempre, concordava com tudo. O senhor Duretour comprava e levava pacotes de brinquedos para o pequeno e atafalhava-o de bolos e bombons.

Celeste então zangava-se, gritava:

— É uma vergonha, senhor, uma vergonha. O senhor faz a desgraça desta criança, a desgraça dela, entende? Mas é preciso que isto acabe e quanto antes, sim, e há de acabar, que lho digo eu, que lho prometo eu: verá que não está já por muito!

O senhor Lemonnier respondia sorrindo:

— Que queres tu, minha filha? Eu gosto tanto dele que não lhe posso resistir; será preciso que tu tomes a iniciativa.

Jean era fraco, um tanto doente.

O médico constatou anemia, receitou ferro, carne em sangue e sopa gorda.

Ora o pequeno só gostava de doces e recusava toda outra qualquer comida; e o pai, desesperado, abarrotava-o de tartes de creme e bolos de chocolate.

Uma noite, quando se sentaram à mesa, Celeste trouxe a terrina com uma segurança e um ar de autoridade que não tinha habitualmente. Destapou-a bruscamente, mergulhou a concha no meio, e declarou:

— Ora aqui está caldo como ainda lhe não tinha feito; é preciso que o menino coma, desta vez.

O senhor Lemonnier, espantado, baixou a cabeça. Viu que a coisa caminhava mal.

Celeste tomou o prato do patrão, encheu-o e pôs-lho na frente.

Ele provou logo a sopa e disse:

— Com efeito, está excelente.

Então a criada pegou no prato do pequeno e deitou nele uma concha cheia de sopa. Depois recuou dois passos e esperou.

Jean cheirou e repeliu o prato, fazendo um gesto de enfado. Celeste fez-se pálida, aproximou-se bruscamente e, agarrando na colher, meteu-a à força, completamente cheia, na boca entreaberta da criança.

O pequeno engasgou-se, tossiu, vomitou, cuspiu e berrando, empunhou com as duas mãos o copo, que atirou à criada. Ela recebeu a pancada em pleno ventre. Então, exasperada, segurou com o braço a cabeça do traquinas e principiou a fazer-lhe penetrar colheradas sobre colheradas de sopa pela boca abaixo. Ele vomitava-a, à medida que ela lhas obrigava a

engolir, torcia-se, sufocava, agitava as mãos no ar, vermelho como se fosse morrer sufocado.

O pai ficou a princípio por tal forma surpreendido que não fez sequer um movimento. Depois, de repente, atirou-se com uma raiva de louco furioso, agarrou a criada pelo pescoço e atirou-a de encontro à parede, balbuciando:

— Fora!... Fora!... Já fora daqui, sua bruta!

Mas ela, num safanão, repeliu-o e, desgrenhada, com a touca para as costas, os olhos ardentes, gritou:

— Que quer o senhor fazer? Quer-me bater porque obriguei esta criança a comer, esta criança que o senhor quer matar com guloseimas!...

Ele repetia, tremendo da cabeça aos pés:

— Fora daqui, já lhe disse, sua bruta!...

Então, sufocada de cólera, ela cresceu para a frente e, com os seus olhos ao pé dos olhos dele, a voz trémula:

— Ah!... O senhor julga... o senhor julga que pode tratar-me assim, a mim, a mim? Isso é que não! E por quem, e por quem... por esse ranhoso que nem sequer é seu!... Não... não é seu!... Não é seu e não é seu!... Toda agente o sabe, com mil raios! Exceto o senhor... Pergunte ao merceiro, ao carvoeiro, ao padeiro, a todos, a todos...

Ela tartamudeava, estrangulada pela cólera; depois calou-se, olhando-o. Ele não se mexia, lívido, de braços caídos.

Ao fim de alguns segundos; balbuciou em voz sumida, trémula, em que palpitava uma comoção formidável:

— Que dizes tu?... Que dizes tu?... O que é que tu dizes?...

Ela permanecia calada, assustada perante a expressão do rosto dele. Ele deu ainda um passo, repetindo:

— Tu dizes... O que é que dizes?

Então, ele respondeu numa voz mais calma:

— Eu digo o que sei e então?... O que toda a gente sabe.

Ele levantou ambas as mãos e, atirando-se a ela num movimento animal, tentou deitá-la ao chão. Mas ela era forte, embora fosse velha, e era ágil também. Esgueirou-se-lhe dos braços e, correndo em redor da mesa, ficou de repente furiosa e redobrou:

— Olhe para ele, olhe bem para ele, como o senhor é parvo! Veja se ele não é perfeitamente o retrato do senhor Duretourt; veja aquele nariz, veja aqueles olhos; tem-nos assim por acaso o senhor? E o nariz? E os cabelos? Parece-me bem que ela também não os tinha assim? Já lhe disse que toda a gente o sabe, toda a gente exceto o senhor! Anda na boca do mundo! E a risota de toda a cidade! Olhe para ele...

E a criada passou por diante da porta; abriu-a e desapareceu.

Jean, espantado, ficava-se imóvel, em frente ao seu prato de sopa.

Ao cabo de uma hora, ela voltou, muito devagar, para ver. O pequeno, depois de ter devorado os bolos, a compoteira de creme e a das peras em calda, comia entretanto um boião de doce com a sua colher de sopa.

O pai tinha saído.

Celeste pegou no pequeno, beijou-o e, a passos lentos, levou-o para o quarto, depois deitou-o. E voltou à sala de jantar, levantou a mesa, arranjou tudo, muito inquieta.

Não se ouvia ruído nenhum em casa, mesmo nenhum. Foi colar o ouvido à porta do quarto do patrão. Não se ouvia ali o menor movimento. Aplicou o olhar no buraco da fechadura. Ele escrevia e parecia tranquilo.

Então voltou a sentar-se na cozinha, para estar pronta para o que desse e viesse, porque ela esperava qualquer coisa. Deixou-se dormir sobre uma cadeira e só despertou já dia.

Tratou de limpar a casa, segundo seu costume de todas as manhãs; varreu, espanejou e, por volta das oito horas, preparou o café do senhor Lemonnier.

Mas não se atrevia a levá-lo ao patrão, calculando como iria ser recebida; e esperava que ele tocasse.

Mas ele não tocou. Deram nove, deram dez horas.

Celeste, assustada, preparou a sua bandeja e dirigiu-se para o quarto com o coração palpitante.

Diante da porta parou, escutou. Não se ouvia nada. Bateu; ninguém respondeu. Então chamando a si toda a sua coragem, abriu, entrou, depois, soltando um grito terrível, deixou cair o almoço que tinha nas mãos.

O senhor Lemonnier estava pendurado, mesmo ao meio do quarto, numa corda amarrada ao gancho do teto. Tinha a língua para fora,

pavorosamente. A chinela do pé direito jazia por terra. A do pé esquerdo estava calçada. Uma cadeira fora derrubada e rolara até à cama.

Celeste, como doida, fugiu, gritando. Os vizinhos acudiram todos. O médico confirmou que a morte se dera à meia-noite.

Sobre a mesa do suicida achava-se uma carta endereçada ao senhor Duretour. Ela continha a seguinte linha:

«Deixo-lhe e confio-lhe o miúdo.»

O Prazer da Caça

Chegou a temporada dos mergulhões. De abril a fins de maio, antes de os banhistas parisienses chegarem, vê-se de repente aparecer, na pequena praia de Etretat, alguns homens velhos equipados em trajes de caça. Passam quatro ou cinco dias no hotel Hauville, desaparecem, voltam três ou quatro semanas mais tarde; depois, feita uma nova estadia, vão-se definitivamente.

Vemo-los depois, na Primavera seguinte.

São os últimos caçadores de mergulhões, os que restam, são os velhos; porque eram uma vintena de fanáticos, há trinta ou quarenta anos e hoje não são mais que alguns furiosos atiradores

O mergulhão é uma ave viajadora muito rara, cujos hábitos são extraordinários. Habita em quase todo o ano as paragens da Terra Nova, as ilhas de Saint-Pierre e Miquelon; mas, no momento dos amores, um bando migrante atravessa o Oceano, e, todos os anos, vem pôr e chocar no mesmo lugar, na rocha chamada *dos Mergulhões* em Etretat. Não se encontram noutra parte da França, a não ser ali, apenas. Continuam sempre a vir ali e continuam sempre a ser caçadas e sempre continuam a voltar; voltarão sempre. Logo que as crias crescem, voltam a partir, desaparecem por um ano.

Porque não vão para outro lado, porque não escolhem outro ponto daquela longa falésia branca e sempre igual de Pas-de-Calais ao Havre? Que força, que instinto invencível, que hábito secular impele aquelas aves a voltarem sempre ao mesmo lugar? Que primeira emigração, que tempestade talvez, arrojou outrora seus pais sobre aquela rocha? E porque razão os filhos, os seus filhinhos, todos os descendentes dessas primeiras aves voltam sempre àquele lugar!

Elas não são numerosas: uma centena quando muito, como se uma única família tivesse aquela tradição, realizando aquela peregrinação anual.

E cada Primavera, desde que a pequena tribo viajante volta a instalar-se sobre a rocha, também os mesmos caçadores reaparecem na aldeia. Conheceram-se novos outrora; hoje são velhos, mas fiéis ao encontro regular que ali se realiza desde há trinta ou quarenta anos.

Por coisa alguma neste mundo eles faltariam.

Era numa noite de abril, dos últimos anos. Três dos melhores atiradores de mergulhões acabavam de chegar; faltava um deles, o senhor d'Arnelles.

Não escrevera a ninguém, não dera qualquer notícia! No entanto, não havia morrido como tantos outros. Se assim fosse saber-se-ia. Enfim, cansados de esperar, os que tinham chegado primeiro sentaram-se à mesa; quando acabavam de jantar, uma carruagem rolou no pátio da hospedaria e logo o retardatário entrou.

Sentou-se alegremente, esfregando as mãos, comendo com grande apetite, e, como um de seus companheiros se admirasse de que ele estivesse de sobrecasaca, respondeu tranquilamente:

— É verdade, não tive tempo de mudar de fato.

Foram deitar-se logo a seguir ao jantar, porque, para surpreender as aves, é preciso partir de madrugada.

Nada mais belo que aquela caçada, como aquele passeio matinal.

Logo às três horas da manhã, os marinheiros despertam os caçadores, atirando-lhes areia aos vidros. Em poucos minutos ficam prontos e descem para o terreiro. Apesar dos alvares da manhã ainda não tenham surgido, as estrelas acham-se um pouco pálidas; o mar faz ranger as areias; a brisa é tao fresca que faz tremer um pouco apesar dos fatos grossos.

Dentro em pouco os dois barcos empurrados pelos homens, resvalam bruscamente por sobre a ladeira de seixos redondos, com um ruído de pano que se rasga; depois baloiçam-se sobre as primeiras vagas. A vela escura sobe pelo mastro, incha-se um pouco, palpita, hesita e, abaulando-se de novo, redonda como um ventre, leva essas cascas de noz embreadas para a grande porta do mar que se distingue vagamente na sombra.

O céu vai-se clareando; as trevas parecem derreter-se; a costa aparece ainda velada, a grande costa branca, direita como uma muralha.

Transpõe-se a Manne-Porte, abóbada enorme por onde poderia passar um navio; dobra-se a ponta da Courtine; eis o vale d'Antifer, o cabo do mesmo nome; e de repente avista-se uma riba onde centenas de gaivotas se acham pousadas. É a rocha dos Mergulhões.

Essa rocha é simplesmente uma pequena bossa da grande falésia; e, sobre as estreitas cornijas dela, mostram-se cabeças de aves que olham para os barcos.

Elas lá estão, imóveis, esperando, não se arriscando ainda a partir. Algumas, como que pespontando os rebordos mais avançados, parecem achar-se sentadas sobre as caudas, postadas em forma de garrafa, porque têm as patas tão curtas, que parecem, quando marcham, deslizar como animais de rodas; e, para voarem, não podendo tomar impulso, é-lhes preciso deixarem-se cair como pedras, até quase junto dos homens que as espreitam.

Elas conhecem a sua enfermidade e o perigo que ela lhes provoca e não se decidem rapidamente a fugir.

Mas os marinheiros põem-se a gritar, batendo nos bordos com os toletes de madeira, e as aves, cheias de medo, lançam-se uma a uma, no vácuo, precipitadas até ao rés da vaga; depois, batendo as asas rapidamente, voam, voam sempre, e ganham o largo, até que uma granizada de chumbo as atira à água.

Durante uma hora metralham-nas deste modo, forçando-as a sair do sítio em que se encontram, uma após outra; e algumas vezes as fêmeas no ninho, apegadas ao choco, não se vão, e recebem, golpe sobre golpe, as cargas que fazem saltar sobre a rocha branca gotas de sangue róseo, enquanto que o animal expira sem haver deixado os ovos.

No primeiro dia, o senhor d'Arnelles caçou com o entusiasmo habitual; mas, quando partiu, pelas dez horas, sob o alto sol radioso, que lançava grandes triângulos de luz nas chanfraduras brancas da costa, mostrou-se um pouco pensativo, ausente por vezes, contra seu costume.

Logo que voltaram da caça, uma espécie de criado, vestido de preto, veio falar-lhe baixinho. Pareceu refletir, hesitar, após o que respondeu:

— Não, amanhã.

E, na manhã seguinte, a caça recomeçou. O senhor d'Arnelles, desta vez, errou muitos tiros, apesar das aves quase se deixarem cair junto ao cano da sua espingarda; e os seus amigos riam, perguntando-lhe se andava de amores, se alguma preocupação secreta lhe remoía o coração e o espírito.

Por fim, ele disse:

— Sim, na verdade, é preciso que eu parta imediatamente, e isso contraria-me.

— Como, vai-se embora? E porquê?

— Oh! Há um caso urgente que me chama, não posso ficar por mais tempo.

Depois falou-se de outra coisa.

Logo que o almoço acabou, o criado de preto voltou a aparecer. O senhor d'Arnelles deu ordem para que atrelassem a carruagem; e o homem ia sair, quando os outros caçadores intervieram, insistiram, rogando e solicitando para reter o seu amigo.

Um deles, por fim, perguntou:

— Mas, vejamos, não deve ser tão urgente esse negócio, pois que já esperou dois dias!

O caçador, inteiramente perplexo refletiu, visivelmente combatido, atraído de um lado pelo prazer e do outro por uma obrigação, infeliz e perturbado.

Depois de longa meditação, murmurou, hesitante:

— É que... é que... eu não estou aqui só; tenho o meu genro.

Ouviram-se gritos e exclamações:

— O seu genro?... Mas onde está ele?

Então, de repente, ele pareceu confundido e corou.

— Como! Então não sabem? Mas... mas... Ele está ali guardado... morreu.

Reinou um silêncio de estupefação.

O senhor d'Arnelles continuou, cada vez mais perturbado:

— Tive a infelicidade de o perder; e, como conduzia o corpo para minha casa, para Briseville, fiz um pequeno desvio para não faltar ao nosso encontro. Mas, como devem compreender, não me posso demorar por mais tempo.

Então, um dos caçadores, mais desembaraçado, disse:

— Todavia... uma vez que ele está morto... parece-me... que poderá esperar mais um dia.

Os outros dois não hesitaram:

— Sem dúvida — disseram.

O senhor d'Arnelles parecia aliviado de um grande peso; e, ainda um pouco inquieto perguntou:

— Mas, ouçam lá... francamente... acham que?

Os outros três responderam:

— Pois então, meu caro, dois dias de mais ou de menos nada farão, no estado em que ele se encontra.

Então, inteiramente tranquilo, o sogro voltou-se para o cangalheiro:

— Pois bem! Meu amigo, ficará para depois de amanhã.

Tombuctu

O *boulevard* desse rio de vida, formigava na poeira de ouro do sol poente. Todo o céu se achava vermelho, deslumbrante; e, por detrás da praça da Madeleine, uma imensa névoa chamejante lançava em toda a avenida como que uma oblíqua bátega de fogo, vibrante como um braseiro.

A multidão alegre, palpitante, seguia sob aquela bruma inflamada, como uma apoteose. Os rostos iam dourados; os chapéus negros e os fogos tinham reflexos de púrpura; o verniz do calçado lançava chamas sobre o asfalto dos passeios.

Nas esplanadas dos cafés, uma multidão de homens bebia bebidas brilhantes e coloridas que dir-se-iam pedras preciosas fundidas no cristal.

No meio destas pessoas de fatos leves mais escuros, dois oficiais em grande uniforme atraíam todos os olhares com o brilho dos seus dourados. Conversavam, alegres, sem motivo, nessa glória de vida, nesse brilho radioso da tarde; e olhavam a multidão, os homens vagarosos e as mulheres apressadas, que deixavam após elas um cheiro intenso e perturbador.

De repente, um enorme negro, vestido também de preto, pançudo, enfeitado de berloques destacando-se sobre um colete de brim, a face luzidia como se estivesse encerada, passou diante deles com ar triunfante.

Ele ria para os transeuntes, ria para os vendedores de jornais, ria para o céu brilhante, ria para todo o Paris. Era tão alto que a sua cabeça sobrepujava todas as outras; e, por detrás dele todos os basbaques se voltavam para o observar, de costas.

Mas, de repente, ele viu os oficiais e, empurrando as pessoas, precipitou-se para eles. Logo que chegou diante da mesa onde eles estavam, fixou nos olhos deles os seus olhos deslumbrados e os cantos da boca subiram-lhe até às orelhas, descobrindo os seus dentes brancos, claros como um crescente de lua num céu negro. Os dois homens, estupefactos, contemplavam aquele gigante de ébano, sem compreenderem nada da sua alegria.

E ele exclamou, numa voz que fez rir as pessoas em todas as mesas:

— Bom dia, meu tenente.

Um dos oficiais era comandante de batalhão, o outro coronel. O primeiro disse:

— Eu não o conheço, senhor; não sei o que quer da minha pessoa.

O negro tornou:

— Eu gostar muito a ti, tenente Védié, cerco Bézi, muita uva, buscava a mim.

O oficial, cada vez mais confuso, olhava fixamente para aquele homem, rebuscando no fundo das suas recordações; mas bruscamente exclamou:

— Tombuctu?

O negro, radiante, deu uma palmada na sua perna, soltou um riso de uma enorme violência e tartamudeou:

— Si, si, ya, meu tenente sabe Tombuctu, ya, bom dia.

O comandante estendeu-lhe a mão, rindo também de

bom grado. Então, Tombuctu pôs-se sério. Pegou na mão do oficial, e, tão rapidamente que ele não teve tempo de o evitar, beijou-lha segundo o costume negro e árabe. Confundido, o militar disse-lhe em voz severa:

— Vamos, Tombuctu, nós não estamos em África. Senta-te e diz-me como é que te encontras aqui.

Tombuctu dilatou o ventre e, gaguejando, tanta era a pressa com que falava:

— Ganhado muito dinheiro, muito, grande restaurante, boa comida, prussianos, e roubado muito eu, muito cozinha francesa. Tombuctu cozinheiro do Imperador, duzentos mil francos a mim. Ah! Ah! Ah! Ah!

E ria, torcendo-se, roncando com uma grande loucura de riso que lhe transluzia no olhar.

O oficial, que compreendia bem a sua estranha linguagem, depois de o interrogar algum tempo, disse:

— Muito bem, até mais ver, Tombuctu; até logo.

O negro levantou-se de repente, apertou, desta vez a mão que lhe estendiam e, rindo sempre, exclamou:

— Bom dia, bom dia, meu tenente!

E foi-se, tão contente, que até gesticulava ao mesmo tempo que caminhava, de modo que o podiam tomar por doido.

O coronel perguntou:

— Quem é este bruto?

O comandante respondeu:

— É um rapaz muito bravo e um bravo soldado. Vou contar-lhe o que sei a seu respeito: é muito divertido.

»Como sabe, nos começos da guerra de 1870 fui encurralado em Bezières, a que aquele homem chama Bézi. Não estávamos cercados, mas bloqueados. As linhas prussianas rodeavam-nos por todos os lados, fora do alcance dos canhões, não atirando sobre nós, mas reduzindo-nos a pouco e pouco pela fome.

»Eu era então tenente. A nossa guarnição era composta de tropas de toda a espécie, restos de regimentos fragmentados, desertores, maraus que haviam sido separados dos corpos do exército.

»Tínhamos de tudo, enfim, até onze turcos chegados uma noite, não se sabia como, nem por onde. Haviam-se apresentado às portas da cidade, estafados, esguelhados, esfomeados e esqueléticos. Deram-mos a mim.

»Não tardei a saber que eram rebeldes a qualquer disciplina, sempre ausentes e sempre embriagados. Tentei a detenção no quartel e até mesmo na prisão, e nada consegui. Os meus homens desapareciam durante dias inteiros, como se se enfiassem pela terra dentro, depois reapareciam a cair de bêbados. Não possuíam dinheiro. Onde bebiam? Como e com quê?

»Isso começava a intrigar-me vivamente, tanto mais que aqueles selvagens me interessavam pelo seu eterno riso e o seu carácter de grandes crianças traquinas.

»Percebi, dentro em pouco, que eles obedeciam cegamente ao maior de todos, aquele que há pouco vimos. Ele governava-os como lhe apetecia, preparando as suas misteriosas empresas como chefe todo-poderoso e incontestado. Chamei-o e interroguei-o. A nossa conversa durou umas boas três horas, tanto era a dificuldade que eu tinha em perceber a sua algaraviada impenetrável. Quanto a ele, o pobre diabo, fazia esforços inauditos para ser compreendido, inventava palavras, gesticulava, suava, limpava a testa, parava e tomava a falar bruscamente, quando julgava ter encontrado uma nova maneira de se explicar.

»Adivinhei finalmente que ele era filho de um grande chefe, de uma espécie de rei negro próximo de Tombuctu. Perguntei-lhe o seu nome. Respondeu-me qualquer coisa como Chavaharibuhalikhranafotapolara. Pareceu-me mais simples dar-lhe o nome do seu país: «Tombuctu». E oito dias depois, toda a guarnição não o tratava de outra forma.

»Mas eu tinha uma curiosidade louca em saber onde aquele ex-príncipe africano encontrava de beber. Descobri isso de um modo extraordinário.

»Achava-me uma manhã sobre as muralhas, observando o horizonte, quando reparei que num vinhedo qualquer coisa que se movia. Tinha chegado a época das vindimas, as uvas achavam-se maduras, mas eu não pensava em nada disso. Pensei que um espião se aproximava da cidade, e organizei uma expedição completa para agarrar aquele curioso. Eu mesmo a comandeï, depois de ter obtido autorização do general.

»Fiz sair, por três portas diferentes, três pequenos grupos, que deviam reunir-se perto da vinha suspeita e cercá-la. Para cortar a fuga ao espião,

um desses destacamentos tinha de fazer uma marcha de pelo menos uma hora. Um homem, que ficara em observação sobre as muralhas, indicou-me por sinais que a criatura que eu vira, não saía do campo. Íamos em silêncio, encolhidos, quase deitados nos carreiros. Enfim, chegámos ao ponto designado; lanço de repente os meus soldados, que se atiram à vinha, e encontram... Tombuctu viajando de gatas por entre as cepas e comendo uvas, ou antes, abocanhando as uvas como um cão que come a sua sopa, de boca escancarada, arrancando os cachos à dentada.

»Quis fazê-lo levantar, mas nem pensar nisso. E compreendi então por que ele se arrastava assim sobre as mãos e sobre os joelhos. Logo que o levantaram sobre as pernas, oscilou alguns segundos, estendeu os braços e foi de nariz ao chão. Estava embriagado como eu nunca vi embriagado um homem.

»Levaram-no sobre dois troncos. Ele não cessou de rir durante todo o caminho, gesticulando com os braços e as pernas.

»Ali estava todo o mistério. Os meus rapazes bebiam na própria uva. Depois, quando se achavam embriagados a ponto de não poderem andar, deixavam-se ficar a dormir onde caíam.

»Quanto a Tombuctu, o seu amor pela vinha ultrapassava nele toda a crença e toda a lei. Vivía dentro dela à maneira dos tordos, que ele de resto abominava com um ódio de rival cheio de inveja. Repetia sem cessar:

»— Tordos comem uva toda, malditos!

»Uma tarde vieram procurar-me. Apercebia-se na planície qualquer coisa que vinha na nossa direção. Eu não tinha o meu óculo e via muito mal. Dir-se-ia uma grande serpente ondulante, um comboio de transporte, que sei eu?

»Mandeí alguns homens ao encontro daquela estranha caravana que não tardou em fazer a sua entrada triunfal. Tombuctu e nove dos seus companheiros traziam sobre uma espécie de altar, feito com cadeiras de campanha, oito cabeças cortadas, ensanguentadas e medonhas. O décimo turco trazia um cavalo, à cauda do qual um outro vinha amarrado, e seis outras bestas seguiam o segundo, aparelhadas da mesma maneira.

»Eis o que eu soube: Tendo partido para as vinhas, os meus africanos tinham visto de repente um destacamento prussiano que se aproximava de uma aldeia. Em vez de fugirem, esconderam-se; depois, logo que os oficiais se apearam junto a uma estalagem, puseram em fuga os ulanos que se julgaram atacados, mataram as duas sentinelas, a seguir o coronel e os cinco oficiais da escolta.

»Nesse dia abracei Tombuctu. Mas percebi que ele marchava a custo. Julguei-o ferido; ele pôs-se a rir e disse-me:

»— Eu ter provisões para país.

»Era que Tombuctu não fazia a guerra por honra, mas por ganho.

»Tudo o que ele achava, tudo o que lhe parecia ter qualquer valor, principalmente se brilhava, mergulhava-o na sua algibeira. E que algibeira! Um abismo que começava no ombro e acabava nos calcanhares. Tendo aprendido um termo de caserna, chamava-lhe a sua «profunda», e era a sua profunda, com efeito!

»Tinha, pois, arrancado o ouro dos uniformes dos prussianos, o cobre dos capacetes, os botões, etc., e tudo lançara na sua «profunda» que se achava cheia a abarrotar.

»Todos os dias, lançava ali para dentro todo o objeto reluzente que lhe estivesse ao alcance dos olhos, como pedaços de estanho ou peças de prata, o que lhe dava por vezes um andar infinitamente patusco.

»Contava levar aquilo para o país dos grandes pássaros, dos quais ele parecia em verdade o irmão, aquele filho de rei torturado pela necessidade de engolir corpos brilhantes. Se ele não tivesse a sua «profunda» que teria ele feito? Tê-los-ia engolido, com certeza.

»Mas todas as manhãs a sua algibeira achava-se vazia. Ele tinha, portanto, um armazém-geral onde empilhava as suas riquezas. Mas onde? Nunca o pude descobrir.

»O general, ao saber da façanha de Tombuctu, não tardou em fazer enterrar os corpos que haviam ficado na aldeia vizinha, para que não fosse descoberto que eles tinham sido decapitados. Os prussianos voltaram no dia seguinte. O *maire* e sete habitantes notáveis foram fuzilados, como represália, como tendo denunciado a presença dos alemães.

»Viera o Inverno. Achávamo-nos fatigados e desesperados. Batíamos-nos todos os dias. Os homens, famintos, já não podiam marchar. Só os oito turcos (três tinham sido mortos) continuavam gordos e luzidios, cheios de vigor e sempre prontos a baterem-se com o inimigo. Tombuctu continuava também a engordar. Um dia disse-me:

»— Tu muita fome, eu boa carne.

»E entregou-me, de facto, um excelente naco de carne. Mas de quê? Nós já não tínhamos nem bois, nem carneiros, nem cabras, nem burros, nem porcos. Era impossível encontrar-se um cavalo. Refleti em tudo aquilo depois de ter devorado a carne que ele me dera. Então veio-me um pensamento horrível. Aqueles negros haviam nascido muito perto do país onde se come carne humana! E todos os dias caíam tantos soldados em redor da cidade! Interroguei Tombuctu. Não me quis responder. Não insisti, mas recusei daí em diante os seus presentes.

»Ele adorava-me. Uma noite, a neve surpreendeu-nos nos postos avançados. Estávamos sentados por terra. Eu olhava com pena aqueles pobres negros, tremelizando sob aquela poeira branca e gelada. Como tivesse imenso frio, comecei a tossir. Senti de repente qualquer coisa cair-me em cima como um grande e quente cobertor. Era a manta de Tombuctu que ele me deitava sobre os ombros.

»Levantei-me, e entreguei-lhe a sua manta.

»— Guarda isso, meu rapaz; tu precisas mais dele do que eu.

»Ele respondeu:

»— Não, meu tenente, para ti; eu não precisa, eu está quente, quente.

»E contemplava-me com os olhos suplicantes.

»Eu insisti:

»— Vamos, obedece, guarda a tua manta, quero assim.

»O negro então levantou-se, tirou o seu sabre que estava a ponto de cortar como uma foice, e tendo na outra mão a larga manta que eu recusava:

»— Se tu não guarda manto, eu corta; ninguém tem manto, olé!

»E cortava-o com certeza. Por isso eu cedi.

»Oito dias depois tínhamos capitulado. Alguns de nós tinham podido fugir. Os outros iam sair da cidade e entregar-se aos vencedores.

»Dirigia-me para a praça de armas, onde devíamos reunir-nos, quando fiquei estupefacto diante de um negro gigante vestido de brim, que tinha na cabeça um chapéu de palha. Era Tombuctu. Parecia radiante e passeava de mãos nas algibeiras, diante de uma pequena loja em cuja montra se viam dois pratos e dois copos.

»Eu disse-lhe:

»— Que fazes?

»Ele respondeu:

»— Eu não fui embora, eu é bom cozinheiro, eu fez comer cornel Algéia; eu faz comer prussiano, rouba muito, muito.

»Gelava a dez graus. Eu batia o queixo diante daquele negro vestido de branco. Então ele pegou-me pelo braço e fez-me entrar. Vi uma tabuleta enorme que ele ia pendurar diante da porta, logo que partíssemos, porque tinha alguma vergonha de que o víssemos.

»E li, traçado pela mão de algum cúmplice, este letreiro:

Cozinha Militar do Senhor Tombuctu

Antigo Cozinheiro de S. M. o Imperador

Artista de Paris — Preços em conta

»Apesar do desespero que me roía, não pude deixar de rir, e deixei o meu negro no seu novo comércio.

»Não seria melhor do que fazê-lo ir prisioneiro?

»Como acaba de ver, ele conseguiu, o valente.

»Bezières, hoje pertence à Alemanha. O restaurante Tombuctu é um começo de desforra.

Verdadeira História

Uma ventania sibilava lá fora, vento de Outono ensurdecador e galopante, um desses ventos que matam as últimas folhas e as elevam até às nuvens.

Os caçadores acabavam de jantar, ainda calçados, corados, animados, iluminados. Eram desses meio fidalgos normandos, meio morgados, meio lavradores, ricos e vigorosos, talhados para partir os cornos aos bois quando os agarram nas feiras.

Tinham caçado todo o dia nas terras do senhor Bendel, o *maire* de Esparrille, e comiam nesse momento ao redor da mesa, numa espécie de herdade-solar de que era proprietário o seu hóspede.

Não falavam, urravam; não riam, rugiam como feras; e a respeito de beber, bebiam como cisternas, de pernas estendidas, os cotovelos sobre a toalha, os olhos brilhantes sob a chama das lâmpadas, aquecidos por uma enorme lareira que lançava para o teto chamas sanguinolentas; eles conversavam de caça e de cães. Mas estavam, numa hora em que outras ideias ocorrem aos homens, meio bêbedos, e seguindo todos com o olhar uma rapariga forte e de faces rechonchudas, que trazia nas mãos de pulsos avermelhados grandes pratos de comida.

De repente, um diabo que dera em veterinário depois de haver estudado para padre, e que tratava de todas as bestas da freguesia, o senhor

Séjour exclamou:

— Com mil diabos, mestre Blondel, você tem cá uma boneca que não está picada pelos bichos!

Uma gargalhada retinida soou. Então um velho fidalgo arruinado, decaído no alcoolismo, o senhor Varnetot, elevou a voz.

— Comigo deu-se em tempos uma história muito divertida com uma rapariga deste género! Ouçam, que eu vou contar.

»Sempre que penso nisso, lembro-me de Mirza, a minha cadela, que vendi ao conde de Haussonel e que voltava todos os dias, assim que a soltavam, para me ver, tanto lhe era impossível o deixar-me. Por fim, aborreci-me e pedi ao conde que a conservasse presa. Pois sabem o que fez, o animal? Morreu de paixão.

»Mas, voltando ao caso da minha criada, vamos à história:

»Tinha eu então vinte e cinco anos e vivia solteiro, no meu castelo de Villebon. Sabem que quando se é jovem, quando se possui rendimentos e se aborrece todas as noites depois do jantar, olha-se para todos os lados.

»Não tardei em reparar numa rapariga que estava a servir em casa de Déboulton, de Cauville. Tu conhecestes bem Déboulton, ó Blondel! Rapidamente me atraiu de tal forma, a marota, que eu fui um dia procurar o seu patrão e propus-lhe um acordo. Ele ceder-me-ia a sua criada e eu vender-lhe-ia a minha égua preta, Cocote, que ele ambicionava havia muitos anos. Ele estendeu-me a mão. “Toque, senhor de Varnetot.” Estava o negócio concluído; a rapariguinha veio para casa e eu próprio conduzi a Cauville a minha égua, que larguei por trezentos escudos.

»Nos primeiros tempos, foi uma beleza. Ninguém dava por coisa nenhuma; simplesmente Rosa amava-me mais do que seria para desejar. A

pequena não era lá qualquer coisa. Devia ter qualquer coisa de pouco comum nas veias. Aquilo descendia, naturalmente, de alguma rapariga que tivesse pecado com o seu patrão.

»Dentro em pouco adorava-me. Não faltavam carícias, meiguices, pequenos nomes de cães, uma porção de gentilezas que me faziam refletir.

»Eu dizia para comigo: “É preciso que isto não dure muito, senão fico preso”! Mas não me deixo prender facilmente. Não sou daqueles que se deixam enredar com beijos. Enfim, estava atento. De repente, ela diz-me que estava grávida.

»Uf! Bum! foi como se me tivessem dado dois tiros de espingarda no peito. E ela beijava-me, beijava-me, e ria, dançava, estava louca de alegria! Eu não disse nada no primeiro dia; mas à noite, raciocinei. Pensava: “É preciso aguentar o golpe e cortar o fio a tempo.” Como devem compreender, aquilo não me convinha. Tinha meu pai e minha mãe em Barneville, a minha irmã casada com o marquês de Yspare, em Rollebec, a duas léguas de Villebon. Não havia lugar para brincadeiras.

»Mas como sair do apuro? Se ela deixasse a casa, desconfiariam de qualquer coisa e daria que falar. Se a conservasse, dentro de pouco veriam o que havia; e além disso eu não a podia deixar assim.

»Falei ao meu tio, o barão de Creteuil, um velho mágico que conhecera mais de um caso como o meu e pedi-lhe a sua opinião. Ele respondeu-me tranquilamente:

»— É preciso casá-la, meu rapaz.

»Eu dei um pulo.

»— Casá-la, meu tio, mas com quem?

»Ele encolheu ligeiramente os ombros:

»— Com quem quiseses, o caso é contigo e não comigo. Quando se não é parvo encontra-se sempre.

»Refleti uns bons oito dias naquelas palavras, e acabei por dizer para comigo: “O meu tio tem razão.”

»Então comecei a dar tratos à imaginação e a procurar, quando uma noite, o juiz de paz, com quem eu jantava, me disse:

»— O filho da Paumelle acaba de fazer uma asneira; acabará mal o rapaz. É bem certo que filho de peixe sabe nadar.

»Aquela Paumelle era uma velha finória, cuja mocidade tinha deixado muito a desejar. Por um escudo teria aquela mulher vendido certamente a sua alma, e teria dado ainda por cima o tratante do filho.

»Fui procurá-la, e com muita cautela, dei-lhe a entender o caso.

»Como eu me embaraçasse com as minhas explicações, ela perguntou-me de repente:

»— E o que é que o senhor daria a esta pequena?

»Era esperta, a velha, mas eu não era tolo, tinha estudado o meu negócio

»Possuía justamente três pedaços de terra perdidos perto de Sasseville, que dependiam das minhas três herdades de Villebon. Os quinteiros queixavam-se sempre de que ficavam longe; não tardou que eu somasse

esses três campos, seis acres ao todo, e, como os camponeses reclamassem, devolvi-lhes no fim de cada prazo, tudo quanto tivessem que me pagar de renda. Deste modo a coisa passou. Então, depois de ter comprado um pedaço de terra, numa encosta, ao meu vizinho, o senhor de Aumonté, mandei construir ali um casebre, que me custou apenas, com terra e tudo, quinhentos francos. Desta maneira eu acabara de constituir uma pequena propriedade que não me havia custado coisa de maior e que dava em dote à rapariga.

»A velha exclamou: “Isso não chega.” Mas eu fiquei-me na minha e separámo-nos sem chegar a qualquer conclusão.

»No dia seguinte, logo ao romper da alvorada, o rapaz veio procurar-me. Eu não me lembrava absolutamente nada da sua cara. Quando o vi, certifiquei-me; na sua qualidade de camponês não era mau, mas tinha ares de grande patife.

»Tratou da coisa por alto, como se viesse ajustar uma vaca. Quando ambos chegámos a acordo, quis ver os bens, e partimos para o campo. O maroto fez-me estar três horas nas terras; ele media-as, voltava a medi-las, agarrava em torrões que esboroava nas mãos, como se tivesse medo de ser enganado no negócio. Como o casebre não estivesse ainda coberto, exigiu ardósia em vez de colmo para o telhado, porque dava menos trabalho a conservar!

»Depois disse-me:

»— Mas os móveis é o senhor quem os dá.

»Eu protestei:

»— Não; bem basta dar a herdade.

»Ele riu irónico:

»— Bem sei, uma herdade e um menino.

»Eu corei, embora contra minha vontade. Ele continuou:

»— Vamos, o senhor dará a cama, uma mesa, um armário, três cadeiras mais a loiça, ou então não nada feito.

»Concordei.

»E eis-nos a caminho de volta. Ele não tinha ainda trocado uma única palavra com a rapariga. Mas, de repente, perguntou com ar velhaco e contrafeito:

»— Mas se ela morrer, para quem ficam, esses bens?

»Eu respondi:

»— Naturalmente para si.

»Era tudo o que ele queria saber desde que viera de manhã. De repente, estendeu-me a mão num movimento satisfeito. Estávamos de acordo.

»Oh! mas eu tive dificuldade em convencer a Rosa. Ela atirava-se aos meus pés, soluçava e repetia: “E é o senhor quem me propõe uma coisa dessas! O senhor! O senhor!” Durante mais de uma semana Rosa resistiu, apesar das minhas explicações e das minhas súplicas. É uma estupidez, isto das mulheres; uma vez que se lhes mete na cabeça o amor, não percebem mais nada. Não há sabedoria que vença, o amor antes de tudo e tudo pelo amor!

»Por fim, zanguei-me e ameacei-a de a pôr na rua. Então ela cedeu pouco a pouco, com a condição de que eu lhe permitiria que me viesse visitar de tempos a tempos.

»Eu próprio a conduzi ao altar, paguei a cerimónia, e ofereci o jantar da boda. Tratei de tudo, enfim. Depois: “Boa-noite, meus meninos!” Eu ia passar seis meses a casa do meu irmão em Touraine.

»Quando regressei, soube que ela viera todas as semanas, ao castelo, procurar-me. E ainda não passara uma hora que eu chegara quando a vi entrar com um pequerrucho nos braços. Pois não sei se lhes diga que me causou um certo abalo o ver o pequeno! Cheguei mesmo a beijá-lo.

»Quanto à mãe, uma ruína, um esqueleto, uma sombra. Magra, envelhecida. Apre! O casamento não lhe tinha feito bem nenhum! Perguntei-lhe distraído:

»— És feliz?

»Então ela pôs-se a chorar como uma fonte, com soluços, e gritava:

»— Eu não posso, não posso mais passar sem o senhor. Antes quero morrer, não posso!

»E fazia um barulho dos diabos. Consolei-a conforme pude e conduzi-a à entrada.

»Soube, com efeito, que o marido lhe batia; e que a sogra, uma bela corja, lhe fazia a vida negra.

»Dois dias depois, ela voltava. E tomou-me os braços, arrastando-se pelo chão:

»— Mate-me, mas não me faça voltar para lá.

»Perfeitamente o mesmo que teria dito Mirza se pudesse ter falado!

»Toda aquela história principiava a aborrecer-me; e fui-me embora por mais seis meses. Quando regresssei... Quando regresssei, soube que ela morrera três semanas antes, depois de ter vindo ao castelo todos os domingos... sempre, tal como Mirza. A criança morrera também, oito dias depois da mãe.

»Quanto ao marido, o fiel patife, herdara. Depois disso teve sorte, ao que parece, pois atualmente é vereador municipal.

Depois, o senhor de Varnetot acrescentou rindo:

— Em todo o caso, fui eu que lhe fez a fortuna!

E o senhor Séjour, o veterinário, concluiu com gravidade, levando à boca um copo de aguardente:

— Tudo o que quiserem, mas dessas mulheres não precisamos!

Adeus

Os dois amigos tinham acabado de jantar. Da janela do café, avistava-se o *boulevard* repleto de gente. Sentia-se uma daquelas brisas tépidas que sopram por Paris nas doces noites de Verão e que fazem os transeuntes levantar a cabeça, desejando partir, ir para não se sabe onde, sob a folhagem, e sonhar com ribeiras ao luar, insetos luminosos e rouxinóis.

Um deles, Henri Simon, disse, com um longo suspiro:

— Ah! Estou a ficar velho. É triste. Antigamente, nestas noites, eu sentia-me com o diabo no corpo. Hoje em dia, não sinto senão tristeza. Ela passa depressa, a vida!

Estava já um pouco gordo, velho talvez de quarenta e cinco anos e muito careca.

O outro, Pierre Carnier, um pouco mais velho, mas mais magro e mais vivo, responde:

— Eu, meu caro, envelheci sem me aperceber disso. Sempre fui alegre, vivo, vigoroso e tudo o mais. Mas, como nos olhamos todos os dias ao espelho, não vemos o trabalho da idade, porque é lento, constante e modifica o rosto tão docemente que as modificações são insensíveis. É só por essa razão que não morremos de desgosto após dois ou três anos

apenas de desgaste. Porque não os podemos avaliar. Seria preciso, para disso darmos conta, não nos olharmos durante seis meses — Oh! Então, mas que golpe!

E as mulheres, meu caro, como tenho pena delas, esses pobres seres! Toda a sua felicidade, toda a sua força, toda a sua vida residem na sua beleza que dura dez anos.

Contudo, eu, envelheci sem dar por isso, julgava-me quase um adolescente quando tinha perto de cinquenta anos. Não sentindo qualquer doença, assim andava, feliz e tranquilo.

A revelação da minha decadência surgiu de um modo simples e terrível, que me aterrorizou durante seis meses... mas acabei por a aceitar.

Já me apaixonei várias vezes, como todos os homens, mas principalmente uma vez.

Eu conheci-a à beira-mar, em Etretat, há já doze anos, pouco depois da guerra. Nada mais agradável do que aquela praia, de manhã, na hora dos banhos. É pequena, arredondada como uma ferradura, ladeada por altas falésias brancas escavadas por singulares arcos a que chamam Portas, uma enorme, estendendo para o mar a sua perna de gigante, a outra em frente mais baixa e redonda; muitas mulheres agrupam-se, reúnem-se sobre a estreita faixa de seixos que elas cobrem de um luminoso jardim de *toilettes* claras, naquele quadro de altas falésias. O sol cai em cheio sobre a praia, sobre as sombrinhas de todas as cores, sobre o mar de um azul esverdeado; e tudo aquilo é alegre e encantador, sorri aos nossos olhos. Sentamo-nos perto da água e observamos as banhistas. Elas descem, vestidas de um roupão de praia em flanela que deixam cair com um encantador gesto ao chegarem à franja de espuma das fracas vagas; e entram no mar, com pequenos passos rápidos, por vezes interrompidos por um delicioso tremor de frio, um rápido sufoco.

Bem poucas resistem a esta prova do banho. É ali que as julgam, dos tornozelos à garganta. A saída, sobretudo, revela as suas fraquezas, ainda que a água do mar seja de grande auxílio aos corpos mais flácidos.

A primeira vez que assim vi aquela jovem mulher, fiquei deslumbrado e seduzido. Ela parecia bem, parecia segura de si. Depois, há figuras cujo encanto entra em nós bruscamente, nos invade de um só golpe. Parece que encontrámos a mulher que nascemos para amar. Eu tive essa sensação e esse abalo.

Fiz-me apresentar e senti-me logo atraído como nunca o tinha sido. Ela arrasava-me o coração. É algo de aterrador e delicioso experimentar desse modo o domínio de uma mulher. É quase um suplício e, ao mesmo tempo, uma incrível felicidade. O seu olhar, o seu sorriso, os cabelos na sua nuca quando a brisa os agitava, todos os pequenos traços do seu rosto, os mínimos movimentos da sua face, encantavam-me, agitavam-me, afligiam-me. Ela possuía-me através de toda a sua pessoa, com os seus gestos, as suas atitudes, mesmo pelas coisas que ela trazia e que se tomavam enlouquecedoras. Enternecia-me ver o seu lenço sobre um móvel, as suas luvas atiradas para uma cadeira. As suas *toilettes* pareciam-me inimitáveis. Ninguém tinha chapéus semelhantes aos seus.

Ela era casada, mas o marido vinha todos os sábados para voltar a partir na segunda-feira. Aliás, ele era-me indiferente. Eu não sentia qualquer ciúme dele, não sei porquê, nunca ninguém me pareceu ter assim tão pouca importância na vida, me despertou menos atenção do que esse homem.

Como eu a amava, a ela! E como ela era bela, graciosa e jovem! Era a própria juventude, elegância e frescura. Nunca tinha sentido daquela forma como a mulher é um ser belo, fino, distinto, delicado, feito de encanto e de graça. Nunca eu tinha compreendido o que havia de beleza sedutora na curva de uma face, no movimento de um lábio, no arredondado de uma pequena orelha, na forma desse tolo órgão a que chamam nariz.

Aquilo durou três meses, depois parti para a América, com o coração esmagado pelo desespero. Mas o seu pensamento permaneceu em mim, persistente, triunfante. Ela possuía-me de longe tal como me havia possuído de perto. Os anos passaram. Eu nunca a esqueci. A sua imagem, encantadora, permanecia diante dos meus olhos e no meu coração. E a minha ternura permanecia-lhe fiel, uma ternura tranquila, agora, qualquer coisa como a lembrança amada daquilo que eu tinha encontrado de mais belo e de mais sedutor na minha vida.

Doze anos são tão pouca coisa na vida de um homem! Não os sentimos passar! Eles passam, um após o outro, docemente e depressa, lentos e apressados, cada um é longo e logo acaba! E eles adicionam-se tão perfeitamente, eles deixam tão poucos traços após eles, eles desaparecem tão completamente que se nos voltamos para ver o tempo percorrido já nada conseguimos ver e não compreendemos o que aconteceu para termos envelhecido.

Parecia-me verdadeiramente que apenas alguns meses me separavam daquela encantadora temporada na praia de Etretat.

Fui, na Primavera passada, jantar a Maisons-Laffitte, a casa de uns amigos. Quando o comboio partia, uma senhora subiu para a minha carruagem, acompanhada por quatro rapariguinhas. Olhei apenas de relance aquela mãe-galinha, demasiado grande, demasiado redonda, com um rosto de lua cheia decorado com um chapéu com fitas.

Respirava fortemente, esfalfada por ter andado tão depressa. E as crianças começaram a tagarelar. Abri o meu jornal e comecei a ler.

Acabávamos de passar por Asnières, quando a minha vizinha me disse de repente:

— Desculpe, não é o senhor Carnier?

— Sim, minha senhora

Então ela começou a rir, com um riso satisfeito de mulher segura de si, mas um pouco triste.

— Não se lembra de mim?

Hesitei. De facto, julgava ter visto aquela cara em qualquer parte. Mas onde? Mas quando? Respondi:

— Sim... e não... Conheço-a, com certeza, mas não consigo lembrar-me do seu nome.

— Julie Lefèvre.

Nunca tinha recebido semelhante golpe. Num segundo, pareceu-me que tudo estava acabado para mim! Sentia apenas que um véu se tinha rasgado diante dos meus olhos e que ia descobrir coisas medonhas e inquietantes.

Era ela! Aquela vulgar e gorda mulher, ela? E ela tinha chocado aquelas quatro jovens desde que deixara de a ver. E aqueles pequenos seres espantavam-me tanto como a sua própria mãe. Tinham vindo dela; eram já grandes, tinham ocupado o seu lugar na vida. Ao passo que ela já não contava mais, ela, essa maravilha de graça elegante e fina. Tinha-a visto ontem, parecia-me, e reencontrava-a assim! Seria possível? Uma violenta dor apertava-me o coração, e também uma revolta contra a própria natureza, uma indignação irracional, contra aquela obra brutal, infame de destruição.

Olhei para ela atordoado. Depois peguei-lhe na mão; e as lágrimas subiram-me aos olhos. Chorava a sua juventude, chorava a sua morte. Pois eu não conhecia, de modo algum, aquela gorda senhora.

Ela, também emocionada, balbuciou:

— Mudei muito, não é? O que quer, tudo passa. Veja, tornei-me mãe, apenas uma mãe, uma boa mãe. Adeus a tudo o mais, acabou. Oh! Eu bem sabia que não me reconheceria se alguma vez nos encontrássemos. Aliás, também mudou; precisei de algum tempo para ter a certeza de que não me enganava. Tem os cabelos todos brancos. Imagine.

São doze anos! Doze anos! A minha filha mais velha já tem dez anos...

Olhei para a jovem. E vi nela alguma coisa do antigo encanto da sua mãe, algo de indeciso ainda, de pouco formado, de próximo. E a vida pareceu-me veloz como um comboio que passa.

Chegávamos a Maisons-Laffitte. Beije a mão da minha velha amiga. Nada tinha encontrado para lhe dizer, senão terríveis banalidades. Estava por demais alterado para falar.

À noite, sozinho, em casa, olhei-me por muito tempo no meu espelho. E acabei por me lembrar do que eu tinha sido, por rever no pensamento o meu bigode castanho e os meus cabelos pretos, e a fisionomia jovem da minha cara. Agora estava velho. Adeus.

Recordação

Como voltam a mim as recordações da mocidade sob a suave carícia do primeiro sol! É uma idade em que tudo é bom, alegre, encantador, embriagante. Como são deliciosas as recordações de antigas primaveras!

Lembram-se, velhos amigos, meus irmãos, desses anos de alegria em que a vida não era senão triunfal e sorridente? Recordais-vos desses dias de vagabundagem à volta de Paris, da nossa radiosa pobreza, dos nossos passeios nos parques reverdecidos, da nossa embriaguez no ar azul dos *cabarets* nas margens do Sena, e das nossas aventuras de amor tão banais e tão deliciosas?

Vou contar uma dessas aventuras. Data ela de há uns doze anos e parece-me já tão longínqua, tão antiga que me surge agora como no outro extremo da minha vida, antes da volta do caminho, essa desagradável volta de caminho de onde eu vi de repente o fim da viagem.

Eu tinha então vinte e cinco anos. Acabava de chegar a Paris; trabalhava num ministério, e os domingos surgiam como festas extraordinárias, cheias de uma felicidade exuberante, muito embora não se passasse nada de extraordinário.

Hoje, todos os dias são domingo, mas lamento o tempo em que só tinha um por semana. Como era belo! E tinha só seis francos para gastar!

Acordei cedo nessa manhã, com essa sensação de liberdade que tão bem conhecem os que trabalham, sensação de libertação, de descanso, de tranquilidade, de independência.

Abri a minha janela. Estava um tempo admirável. O céu, todo azul, estendia-se sobre a cidade cheia de sol e de andorinhas.

Vesti-me a toda a pressa e saí, tencionando passar o dia pelos campos, a respirar entre a folhagem, porque sou de origem camponesa e fui criado entre erva e sob as árvores.

Paris despertava, alegre, no calor e na luz. As fachadas das casas brilhavam; os pássaros trinavam nas suas gaiolas, e uma alegria invadia a rua, iluminava os rostos, punha um sorriso por toda a parte, como um contentamento misterioso dos seres e das coisas sob o claro sol nascente.

Alcancei o Sena para tomar o vapor que me levaria a Saint-Cloud.

Como eu gostava daquela espera pelo barco sobre o pontão! Parecia-me que ia partir para o fim do mundo, para países novos e maravilhosos. Via aparecer aquele barco, lá ao longe, lá ao longe, sob o arco da segunda ponte, muito pequeno, com o seu penacho de fumo cada vez mais grosso, cada vez mais grosso, aumentando cada vez mais; e ele tomava no meu espírito a proporção de um grande navio.

Ele atracava e eu entrava.

Pessoas endomingadas estavam já sobre ele, com trajos vistosos, fitas brilhantes e rostos rechonchudos e vermelhos. Eu colocava-me à proa, de pé, vendo fugir o cais, as árvores, as casas, as pontes. E, de repente, via o grande viaduto do Point-du-Jour que barrava o rio.

Era o termo de Paris, era o princípio do campo, e o Sena, de repente, por trás da dupla linha dos arcos, alargava-se como se lhe tivessem dado espaço e liberdade, tomava-se de repente o belo rio pacífico que vai correndo através da planície, ao pé das colinas arborizadas, pelo meio dos campos, à beira dos bosques.

Depois de haver passado entre duas ilhas, o *Andorinha* contornou um outeiro cujo verde estava repleto de casas brancas. Uma voz anunciou “Bas-Meudon”, depois mais longe: “Sèvres”, e, mais longe ainda: “Saint-Cloud”.

Desci. E segui apressadamente, através da pequena cidade, o caminho que vai ter ao bosque. Levara comigo um mapa dos arredores de Paris para não me perder pelos caminhos que atravessam em todos os sentidos aquelas pequenas florestas por onde passeiam os parisienses.

Logo que me vi à sombra, estudei o meu itinerário, que me pareceu de resto de uma simplicidade perfeita. Iria voltar à direita, depois à esquerda, depois à esquerda ainda, e chegaria a Versailles à noite, onde jantaria.

E pus-me a caminhar lentamente, sob a folhagem recente, bebendo aquele ar saboroso que perfumam os gomos e as seivas. Ia devagar, esquecido das papeladas, da repartição, do chefe, dos colegas, dos maços de documentos, pensando em coisas agradáveis que não poderiam deixar de me acontecer, de todo o desconhecido velado do futuro. Achava-me ocupado por mil recordações de infância que aquele ambiente campestre despertava em mim, e seguia todo impregnado de um perfumado encanto, de um vivo encanto, do encanto palpitante dos bosques aquecido pelo grande sol de junho.

Por vezes, sentava-me para olhar, ao longo de um talude, toda a casta de pequenas flores de que há muito tempo esquecera o nome. Reconhecia-as a todas como se fossem justamente aquelas que via outrora na minha terra. Eram amarelas, vermelhas, de cor violeta, finas, delgadas, montadas em longas hastes ou acachapadas na terra. Insetos de todas as cores e

formas, atarracados, alongados, extraordinários nas suas formas, monstros assustadores e microscópicos, trepavam pacificamente em pés de erva que vergavam sob o seu peso.

Depois, dormi algumas horas numa vala, e tornei a partir, repousado, fortificado por aquele sono.

Diante de mim, abria-se uma alameda encantadora, cuja folhagem um pouco rala deixava chover por toda a parte sobre o solo gotas de sol que iluminavam as margaridas brancas. Alongava-se interminavelmente, deserta e calma. Somente um pesado besouro solitário e sussurrante seguia por ela, parando às vezes para beber numa flor que pendia sob o seu peso, e tornava a partir, quase no mesmo instante para repousar um pouco, mais adiante. O seu corpo enorme parecia feito de veludo escuro raiado de amarelo, levado por asas transparentes e diminutas.

Mas, de repente, avistei ao fundo da alameda duas criaturas, um homem e uma mulher, que caminhavam na minha direção. Aborrecido por ser perturbado no meu passeio tranquilo, ia desviar-me por entre os soutos, quando me pareceu que me chamavam. A mulher, com efeito, agitava a sua sombrinha, e o homem, em mangas de camisa e casaco sob o braço, levantava o outro em ar de contrariedade.

Dirigi-me para eles. Andavam apressadamente, muito vermelhos ambos, ela com passos miudinhos e rápidos, ele com longas passadas. Lia-se lhes no rosto o mau humor e a fadiga.

A mulher perguntou-me desde logo:

— O senhor pode dizer-me onde estamos? O imbecil do meu marido fez-nos perder, convencido de que conhecia perfeitamente esta região.

Eu respondi com segurança:

— Minha senhora, vai em direção a Saint-Cloud e afasta-se de Versailles.

— Mas é justamente aí que nós queremos ir jantar.

— Também eu, minha senhora.

Ela disse por várias vezes encolhendo os ombros:

“Meu Deus, meu Deus, meu Deus!” com esse tom de soberano desprezo que as mulheres têm para exprimir o seu descontentamento.

Era muito jovem, bonita, morena, com uma ligeira sombra sobre os lábios.

Quanto a ele, suava e limpava a testa. Era certamente uma família de pequenos burgueses parisienses. O homem parecia aterrado, desesperado e desolado.

Murmurou:

— Mas, minha querida... foste tu...

Ela não o deixou terminar:

— Fui eu!... Ah! Agora fui eu. Fui eu quem quis partir sem informações, pretendendo que não me perderia? Fui eu quem quis seguir pela direita, ao alto daquela encosta, afirmando que conhecia o caminho? Fui eu quem se encarregou de Cachou...

Não acabara ela ainda de falar, quando o marido, como se estivesse atacado de loucura, soltou um grito lancinante, que não poderia ser

descrito em língua alguma, mas que pareceria isto: “tiiiitiiit”.

A jovem mulher pareceu não se admirar, nem comover-se e continuou:

— Não, na verdade, sempre há criaturas muito estúpidas e que tudo julgam saber. Também fui eu que o ano passado tomei o comboio de Dieppe, em vez de tomar o do Havre, diz lá, fui eu? Fui eu quem apostou que o senhor Letourner morava na rua dos Mártires?... Fui eu quem não quis acreditar que Celeste era uma ladra?...

E ela continuava furiosamente, falava com tuna velocidade surpreendente, acumulando as acusações mais diversas, mais inesperadas e mais opressivas, fornecidas por todas as situações íntimas da vida em comum, recriminando o marido por todos os atos, todas as ideias, todas as suas maneiras de proceder, todas as suas tentativas, todos os seus esforços, toda a sua vida, desde o casamento até então.

Ele tentava detê-la, acalmá-la, e gaguejava:

— Mas, minha querida... é inútil... diante deste senhor... Olha que damos um espetáculo... Isso nada interessa a este senhor...

E voltava os olhos queixosos para os sultos, como se quisesse sondar-lhes a profundidade pacífica e misteriosa, para atirar-se para o seu interior, fugir, esconder-se de todos os olhares; e, de tempos a tempos, soltava um novo grito, um “tiiiitiiit” prolongado, sobreagudo. Tomei aquela agitação como uma doença nervosa.

A jovem mulher, de repente, voltou-se para mim, e mudando de tom com uma rapidez surpreendente, disse:

— Se o senhor concordar, iremos consigo, para não nos perdermos de novo, arriscando-nos a dormir sob as árvores.

Concordei; ela tomou-me o braço e continuou a falar de mil coisas, dela, da sua vida, da sua família, do seu negócio. Tinham uma loja de luvas na rua de Saint-Lazare.

Por fim, perguntei-lhe:

— Porque é que grita assim?

Ele respondeu-me com ar consternado, desesperado:

— É pelo meu pobre cão, que eu perdi.

— O quê? Perdeu o seu cão?

— Sim, senhor, tinha apenas um ano. Nunca tinha saído da loja. Quis trazê-lo para o passear pelo bosque. Ele nunca viu árvores nem pedras, nem folhas e ficou como doido. Pôs-se a correr e a latir e desapareceu na floresta. Sem contar que teve também muito medo do caminho-de-ferro, o que deve ter-lhe feito perder a cabeça. Por mais que o chamasse não voltou. Vai morrer de fome ali entre o arvoredor.

A jovem, sem se voltar para o marido, articulou:

— Se lhe não largasses a trela já isso não sucederia. Quem é estúpido como tu, não deve ter cão.

Ele murmurou timidamente:

— Mas, minha querida amiga, foste tu...

Ela tomou a palavra; e, olhando-o nos olhos como se lhos fosse arrancar, recomeçou a acusá-lo de coisas inumeráveis.

Caía a noite. O véu de bruma que cobre o campo ao crepúsculo, desdobrava-se lentamente; e uma poesia flutuava, feita dessa sensação de frescura particular e encantadora que enche os bosques à aproximação da noite.

De repente, o homem parou, e apalpando o corpo febrilmente:

— Oh! Acho que...

Ela olhava-o:

— Bem, o quê?

— Esqueci-me de que tinha o casaco no meu braço.

— E então?

— Perdi a minha carteira... Tinha lá o dinheiro.

Ela tremeu de cólera, e sufocou de indignação.

— Só me faltava isto. Como és estúpido! Mas que estúpido! Como foi possível ter casado com semelhante idiota! Pois bem, vai procurá-la, e faz por encontrá-la. Eu vou para Versailles com este senhor. Não tenho nenhuma vontade de dormir ao relento.

Ele respondeu docemente:

— Sim, minha amiga, e onde os encontrarei?

Tinham-me recomendado um restaurante. E indiquei-o.

O marido voltou pelos mesmos passos, e, curvado para o chão, que o seu olhar ansioso percorria, gritava “tiiiitiiiit” a todo o momento, afastando-se.

Levou muito tempo a desaparecer; a sombra, mais espessa, fazia-o desaparecer ao longo da alameda. Dentro em pouco não se lhe distinguiu mais que a silhueta do corpo, mas continuou a ouvir-se por muito tempo o seu *tiiiitiiiit tiiit tiiiit tiiiit* lamentoso, mais agudo à medida que a noite se tornava mais escura.

Eu ia com passo vivo, um passo feliz, na doçura do crepúsculo, com aquela mulherzinha desconhecida que se apoiava no meu braço.

Procurava palavras galantes para lhe dirigir, mas não as encontrava. Permanecia calado, perturbado, encantado.

Mas, de repente, uma grande estrada cortou a alameda. A direita, num vale, vi nem mais nem menos que uma cidade.

Onde é que estava?

Como passasse um homem, interroguei-o. Ele respondeu:

— Bougival.

Fiquei perplexo:

— Bougival, como? Tem a certeza?

— Claro que tenho!

A mulherzinha ria perdidamente.

Propus-lhe tomar um transporte para regressar a Versailles. Ela respondeu:

— Nem pensar, é muito divertido e estou com fome. Aliás, estou bem tranquila; o meu marido, quanto a ele, fica sempre bem. É bom para mim ter um pouco de tranquilidade durante algumas horas.

Entrámos num restaurante à beira do rio e atrevi-me a pedir um reservado.

Ela portou-se, muito bem, cantou, bebeu champanhe, fez toda a espécie de loucuras... mesmo a maior de todas.

Foi o meu primeiro adultério.

A Confissão

Marguerite de Thérèles ia morrer. Apesar de ter apenas cinquenta e seis anos, parecia ter pelo menos setenta e cinco. Ela arquejava, mais pálida do que os seus lençóis, sacudida por terríveis tremores, o rosto crispado, o olhar alucinado, como se algo de terrível lhe tivesse surgido. A sua irmã Suzanne, mais velha seis anos, chorava ajoelhada junto da cama. Numa pequena mesa próxima do leito da agonizante estavam duas velas acesas, à espera do padre que iria dar a extrema-unção e a derradeira comunhão.

O quarto tinha aquele aspeto sinistro que têm os quartos dos moribundos, aquele ar de adeus desesperado. Frascos encontravam-se espalhados pelos móveis, as roupas espalhadas pelos cantos, afastadas a pontapé ou simplesmente atiradas. As cadeiras em desordem pareciam elas próprias aflitas, como se tivessem corrido em todas as direções. A temível morte estava ali, escondida, à espera.

A história das duas irmãs era enternecedora. Há muito que a contavam; tinha feito chorar muitos olhos.

Suzanne, a mais velha, tinha sido outrora loucamente amada por um jovem que ela também amava. Ficaram noivos e não aguardavam senão o dia fixado para o casamento, quando bruscamente, Henri de Sampierre morreu.

O desespero da jovem noiva foi terrível, e ela jurou nunca mais se casar. E cumpriu a sua palavra. Vestiu as roupas de viúva que nunca mais abandonou.

Então, a sua pequena irmã Marguerite, que ainda não tinha senão doze anos, veio, certa manhã, lançar-se nos braços da mais velha e disse-lhe: “Irmã grande, não quero que sejas infeliz. Não quero que chores toda a tua vida. Nunca te deixarei, nunca, nunca! Eu também nunca me casarei. Eu ficarei ao pé de ti, sempre, sempre, sempre!”

Suzanne beijou-a, enternecida por aquela dedicação de criança, e não acreditou nela.

Mas a pequena também cumpriu a sua palavra e, apesar dos desejos dos pais, apesar das súplicas da família, nunca se casou. Ela era bonita, muito bonita; muitas vezes recusou jovens que pareciam amá-la; ela nunca mais deixou a sua irmã.

Viveram juntas todos os dias da sua existência sem se terem separado uma única vez. Elas continuaram lado a lado, inseparavelmente unidas. Mas Marguerite pareceu sempre triste, acabrunhada, mais abatida do que a irmã, como se porventura o seu sublime sacrifício a tivesse quebrado. Envelheceu mais depressa, os seus cabelos embranqueceram desde os seus trinta anos e, sempre sofredora, parecia padecer de um mal desconhecido que a minava.

Agora, era a primeira a morrer.

Já não falava há vinte e quatro horas. Dissera unicamente, nos primeiros alvares da madrugada:

— Vão chamar o senhor pároco, chegou a hora.

E assim permaneceu deitada, sacudida por espasmos, os lábios frementes como se horríveis palavras lhe subissem do coração, sem poderem sair, o olhar dominado pelo temor, terrível de ver.

A sua irmã, desfeita pela dor, chorava perdidamente, a cabeça sobre a beira da cama, repetia:

— Margot, minha pobre Margot, minha pequena!

Ela sempre a tinha chamado de «minha pequena», tal como a mais nova sempre a chamara de «irmã grande».

Ouviram-se passos na escada. A porta abriu-se. Um menino de coro apareceu, seguido pelo velho padre em sobrepeliz. Logo que deu por ele, a moribunda sentou-se rapidamente, abriu a boca, balbuciou duas ou três palavras e começou a arranhar a roupa com as unhas como se quisesse esburacá-la.

O padre Simon aproximou-se, pegou-lhe na mão, beijou-a na testa e, com uma voz doce:

— Deus a perdoe, minha criança, tenha coragem, chegou a altura, fale.

Então, Marguerite, tremendo da cabeça aos pés, fazendo estremecer a cama com os seus movimentos nervosos, balbuciou:

— Senta-te, irmã grande, escuta.

O padre baixou-se para Suzanne, que continuava caída junto da cama, levantou-a, fê-la sentar-se numa cadeira e segurando em cada mão a mão de uma das duas irmãs, disse:

— Senhor, meu Deus! Dai-lhes a força, lançai sobre elas a vossa misericórdia.

E Marguerite começou a falar. As palavras saíam-lhe uma a uma, roucas, sacudidas, como que extenuadas.

— Perdão, perdão, irmã grande, perdoa-me! Oh! Se tu soubesses como toda a vida temi este momento!...

Suzanne balbuciou por entre lágrimas:

— Perdoar-te o quê, pequena? Deste-me tudo, tudo sacrificaste; és um anjo...

Mas Marguerite interrompeu-a:

— Cala-te, cala-te! Deixa-me dizer... não me interrompas... É terrível... Deixa-me dizer tudo... até ao fim, sem parar... Escuta... Lembra-te... lembra-te... Henri...

Suzanne estremeceu e olhou para a irmã. A mais nova continuou:

— É preciso que ouças tudo para compreenderes. Eu tinha doze anos, somente doze anos, lembra-te bem disso, não é verdade? E eu era mimada, fazia tudo o que queria!... Lembra-te bem como me mimavam?... Ouve... A primeira vez que ele veio, usava botas de verniz; desceu do cavalo diante da entrada e pediu desculpa do seu traje, mas

vinha trazer uma notícia ao pai. Lembras-te disso, não é verdade?... Não digas nada... escuta. Quando o vi, fiquei totalmente subjugada pela sua beleza, e fiquei em pé num canto da sala durante todo o tempo que ele falou. As crianças são singulares... e terríveis... Oh! Sim... Então sonhei!

Ele voltou várias vezes... eu olhava-o sem cessar, com toda a minha alma, era muito crescida para a minha idade e mais ardilosa do que se pensava. Ele voltou muitas vezes... Eu não pensava senão nele. Eu dizia baixinho:

— Henri... Henri de Sampierre!

Depois, disseram que ele ia casar-se contigo. Foi um desgosto... oh! grande irmã... um desgosto... um desgosto! Chorei três noites, sem dormir. Ele voltava todos os dias, à tarde, depois de almoço... lembras-te, não é? Não digas nada... escuta. Tu fazias-lhe bolos que ele gostava muito, com farinha, manteiga, leite... Oh! Eu bem sei como os faria ainda, se fosse preciso. Ele comia-os de uma só vez e depois bebia um copo de vinho... e depois ele dizia: “Delicioso”. Lembras-te como ele dizia isso?

Eu tinha ciúmes, ciúmes!... A data do teu casamento aproximava-se. Faltavam apenas quinze dias. Enlouquecia. Dizia para mim: ele não casará com Suzanne, não, não quero! É comigo que ele casará, quando for crescida. Nunca encontraria ninguém que amasse tanto como ele. Mas uma noite, dez dias antes do teu casamento, tu passeaste com ele, ao luar, em frente ao castelo e, sob o pinheiro, sobre o grande pinheiro... ele beijou-te... tomou-te nos seus braços... por tanto tempo... Lembras-te, não é? Foi provavelmente a primeira vez... sim... Estavas tão pálida quando regressaste à sala!

Eu vi-os; eu estava lá, junto às árvores. Senti uma raiva! Se pudesse, tinha-vos morto!

Disse para mim própria: Ele não casará com Suzanne, nunca! Ele não casará com ninguém. Eu seria muito infeliz... De repente comecei a odiá-lo horivelmente.

Então, sabes o que fiz?... escuta. Tinha visto o jardineiro preparar as almôndegas para matar os cães vadios. Partia uma garrafa com uma pedra e metia o vidro moído numa bola de carne.

Tirei à nossa mãe um pequeno frasco de farmácia, esmigalhei-o com um martelo e escondi o vidro no meu bolso. Era um pó brilhante... No dia seguinte, como tinhas acabado de fazer pequenos bolos, cortei-os com uma faca e meti lá o vidro... ele comeu três... eu também, eu comi um... Deitei os outros seis no lago... os dois cisnes morreram três dias depois... Lembras-te? Oh! não digas nada... escuta, escuta... Somente eu, não morri. Mas fiquei sempre doente... escuta. Ele morreu... bem sabes... ouve, isto não é nada... Foi depois, mais tarde... sempre... o mais terrível, ouve...

A minha vida, toda a minha vida... que tortura! Disse para mim própria: Nunca abandonarei a minha irmã. E dir-lhe-ei tudo, à hora da morte... Eis tudo. E depois, pensei sempre nesse momento, nesse momento em que tudo te diria... Eis que ele chegou... É horrível... Oh!... irmã grande!

Sempre pensei, todo os dias, de manhã à noite: Terei que lhe dizer isso, uma vez... Esperava... Que suplício!... Está dito!... Não digas nada... Agora, tenho medo... tenho medo... oh! tenho medo! Se irei encontrá-lo, daqui a pouco, quando morrer. Voltar a vê-lo... imaginas?... A primeira!... Não terei coragem... É preciso... Vou morrer... Quero que me perdoes. Eu quero-o.... Não posso apresentar-me diante dele sem isso. Oh! diga-lhe para me perdoar, senhor padre, diga-lhe... peço-lhe. Não quero morrer sem isso...

Ela calou-se e continuou arquejante, continuando a arranhar os lençóis com as suas unhas crispadas.

Suzanne tinha tapado a cara com a suas mãos, permanecendo imóvel. Ela pensava nele, que poderia ter amado por tanto tempo! Que boa vida teriam tido! Ela revia-o, no outrora que desaparecera, no velho passado para sempre extinto. Queridos mortos! Como eles vos destroçam o coração! Oh! aquele beijo, o seu único beijo! Ela tinha-o conservado na sua alma. E, depois, nada mais, nada mais em toda a sua existência!...

O padre levantou-se subitamente e, com uma voz firme, vibrante, gritou:

— Menina Suzanne, a sua irmã vai morrer!

Então, Suzanne, abrindo as suas mãos, descobriu a sua cara afogada em lágrimas e, lançando-se sobre a sua irmã, beijou-a com todas as suas forças, balbuciando:

— Perdoo-te, eu perdoo-te, pequena...